
Google


M1495vi
1901
v.2
A 866,608

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Cada vol. br. 200 rs. Enc. 300 rs.— Pelo correio 220 e 320

Volumes publicados

I. Coisas espantosas. — II. As tres irmans. — III. A engeitada. — IV. Doze casamentos felizes. — V. O esqueleto. — VI. O bem e o mal. — VII. O senhor do paço de Ninães. — VIII Anathema. — IX. A mulher fatal. — X. Cavar em ruinas. - XI e XII. Correspondencia epistolar entre J. C. Vieira de Castro e C. C. Branco. — XIII. Divindade de Jesus. — XIV. A doida do Candal. — XV. Duas horas de leitura. — XVI. Fanny. — XVII, XVIII e XIX. Novellas do Minho. — XX e XXI. Horas de paz. — XXII. Agulha em palheiro. — XXIII. O olho de vidro. — XXIV. Annos de prosa. — XXV. Os brilhantes do brasileiro. — XXVI. A Bruxa de Monte-Cordova — XXVII. Carlota Angela.—XXVIII. Quatro horas innocentes. — XXIX. As virtudes antigas. — Um poeta portuguez. . rico! — XXX. A filha do Doutor Negro. — XXXI. Estrellas propicias. — XXXII. A filha do regicida. — XXXIII e XXXIV. O demonio do ouro. — XXXV. O regicida — XXXVI. A filha do arcediago. — XXXVII. A neta do arcediago. — XXXVIII. Delictos da Mocidade. — XXIX. Onde está a felicidade? — XL. Um homem de brios. — XLI. Memorias de Guilherme do Amaral — XLII, XLIII e XLIV Mysterios de Lisboa. — XLV e XLVI. Livro negro de padre Diniz. — XLVII e XLVIII. O Judeu. — XLIX. Duas épocas da vida. — L. Estrellas funestas. — LI. Lagrimas abençoadas. — LII. Lucta de gigantes. — LIII e LIV. Memorias do carcere. — LV. Myst. rios de Fafe.

NOVA COLLECÇÃO PEREIRA

A 50 RÉIS O VOLUME BROCHADO

Pelo correio 60 réis

Ultimos volumes publicados

N.º 14 — **O tanoeiro Nuremberg**, de Hoffmann, 1 vol, de 170 pag
N.º 15 — **Dinheiro maldito (Polikouchka)**, costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi.
N.º 16 — **Vida phantastica**, por Méry, 1 volume de 170 pag.
N.º 17 — **O padre Daniel**, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.
N.º 18 — **Um coração simples**, de Gustave Flaubert.
N.º 19 — **Yan**, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.
N.º 20 — **O tio Scipião**, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.
N.º 21 — **Diario de uma mulher**, de Octavio Feuillet.
N.º 22 — ***O crime do juiz***, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.
N.º 23 — ***A Inundação***, de Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.
N.º 24 — ***Os Rantzau***, de Erckmann Chatrian, 1 vol. de 200 pag.

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 41.º Volume

A VIDA EM LISBOA

VOLUME II

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

JULIO CESAR MACHADO



A VIDA EM LISBOA

ROMANCE CONTEMPORANEO

2.ª EDIÇÃO

VOLUME 2.º



LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
(LIVRARIA EDITORA)
Rua Augusta—50, 52, 54
1901





XVI

Confidencias

Ao cair de uma linda tarde de Agosto, duas senhoras recostadas n'um elegante caleche que seguia na direcção do Cacem, conversavam tão preocupadamente, que nem viam alguns trens que durante o caminho as encontraram, nem tão pouco correspondiam ás saudações que lhes dirigiam.

Eram duas meninas, de mui desencontrada belleza todavia, que bem deixavam conhecer serem de familias diversas: tão dissimilhantes era as suas physionomias. Branca, loira, de olhos vivos, e azues como o azul do nosso ceu, uma d'ellas. A outra, pallida e de cabello negro. Aquella, altiva e brilhante de luz e de esperança; esta, triste e amargurada, mas de uma grandiosa e poetica expressão

de olhar que revelava uma alma ardente e afflicta. Em cada póro do seio alvo e seductor da primeira, parecia ver-se uma estrella, em cada veia, um raio de luz. Toda a belleza da segunda, residia no olhar ardente e triste com que cobria tudo que a rodeava, deixando adivinhar a nobreza do seu pensamento e o poder da sua vontade. Espessas sobrancelhas resguardavam o brilho dos seus olhos, do mesmo modo, talvez que a sua dignidade de senhora occultava os seus desgostos de mulher. Via-se que já pelos labios lhe passara como um vento glacial, o sorriso da resignação na dor. Dir-se-hia que o perfume da sua alma ia morrer sem se exhalar, e sem que outro coração o respirasse!

As duas senhoras eram Maria Lucia Vidueira, e Sophia de Lima. Alguns dias haviam já decorrido depois do casamento da filha do barão de Sousa, mas era esta a primeira occasião em que as duas amigas podiam livremente falar-se, e contarem uma á outra os seus desgostos e os seus segredos.

Olharam-se por um momento com uma superior expressão de confiança e de mutua amisade. A conversação que entretinham parecia ser para qualquer d'ellas a suprema prova da reciproca amisade de ambas.

Até ao momento de passarem Bemfica, as duas senhoras haviam simulado que nenhuma confidencia tinham que revelar-se, e que nenhum dissabor as opprimia. Recostadas no caleche, conversavam pouco e vagamente, espalhando a vista com distracção e ao accaso sobre um monte ou uma quinta.

Quem as visse então diria que nenhuma d'ellas tinha cuidados no espirito, nem pesares no peito.

Estas estudadas apparencias, que servem na vida de Lisboa para occultar muitas vezes á sociedade magoas de espirito ou circumstancias de fortuna, empregavam-as agora as duas amigas para que ao vel-as dissessem todos que as conheciam: Para estas é que está a vida! Uma casada e feliz, a outra solteira e rica!

Porque as qualidades de caracter, e as eventualidades de fortuna, são julgadas sempre não pelo que realmente são, mas pelo que ao mundo parecem, e pelo que no mundo se diz d'ellas!

A conversação que as prendiam quando no principio d'estes capitulos as encontrámos havia começado do seguinte modo.

— Se te mandei convidar para passares na minha companhia alguns dias em Cintra, disse Sophia é porque já era tempo para a minha alma de ter outra alma amiga com quem chorar!

— Chorar! exclamou Maria Lucia. Então não és feliz, Sophia?

A filha do barão de Sousa soltou um suspiro, o primeiro desde que partira, e unico durante o caminho; mas a idéa da felicidade que ella havia antevisto outr'ora atravez do prisma encantado dos seus sonhos de donzella, a idéa da felicidade que havia sido para ella a unica cogitação e a unica esperança, porque a essa idéa ia reunido um futuro de amor e de paz, amedrontou-a agora — essa idéa! Porque se encontrava sem horisonte na vida, en-

leada n'uma situação fatal, e — na flor da existencia — já sem amor e sem esperança!

— Não és feliz? perguntou Maria Lucia. Tambem tu não és feliz!

— Tambem! exclamou Sophia com um sorriso amargo. Tambem! Queres então comparar os teus devaneios com os meus desgostos, e julgas que — sem amor e sem esperança, presa e escrava para sempre de um homem que me é indifferente, e a quem eu o sou tambem, — tenho inguaes motivos na minha dor do que tu, por não teres ido hontem a um passeio, ou não te haverem talvez levado a um baile!

— Os meus desgostos são maiores do que pensas, Sophia. Amo tambem, e querem casar-me com outro homem!

— Oh! Pobre amiga! exclamou Sophia apertando entre as mãos os dedos delicados da sua companheira. Que haverá de fatal na vida de Lisboa para que nenhum sentimento e nenhum affecto possa brotar espontaneo e robustecer feliz?

— Conta-me primeiro o que se passa comtigo, será sempre tempo para tratarmos de mim. Teu marido?

— Ia fazer-lhe comprehender que havia sido obrigada a dar-lhe a minha mão, e que só poderia elevar-se a meus olhos considerando-me como uma pessoa da sua familia, mas respeitando em mim a mulher que lhe não pertencia de alma, quando elle foi o primeiro a explicar-me de que modo via a situação de qualquer de nós, respectivamente ao ou-

tro: que tinha por mim a admiração e o respeito que as minhas qualidades mereciam, mas que nem me pedia amor nem m'o dava: que havia pedido a minha mão, por saber que tudo havia terminado entre mim e Guilherme, porque aliás, nem o seu melindre quereria sujeitar-se a uma derrota, nem a sua dignidade lhe permittia alguma traição com que desthronasse Guilherme do amor que eu lhe tinha. Conservei-me calada durante todo o tempo que levou a dizer isto, mas no intimo do peito chorava com lagrimas de sangue o destino que me encadeára a um vilão que me mentia!

— Mentia!

— Em tudo. Porque fôra elle quem planeára a mais vil, a mais degradante comedia que uma imaginação extraviada nos desatinos do calculo interesseiro e mesquinho póde ter sonhado. Elle fez com que Guilherme fizesse a côrte á Tomazia Villar, com o pretexto de que uma palavra d'ella a meu pae lhe alcançaria a minha mão, logo que elle lhe fizesse comprehender que d'este casamento dependia a sua fortuna; e depois aproveitando o engano em que vivi, e que tu em parte suscitaste, Maria Lucia, accusando aquella nobre alma que eu defendia ainda, elle usou então do plano que havia aconselhado a Guilherme, e aproveitando o meu despeito que só pedia esquecimento para o que aparentemente me trahia, e vingança para o destino que me atormentára, conseguiu da minha dôr que eu não recuasse um amparo para a minha existencia aflicta, uma voz que me consolasse na vida do que a

vida me havia desvanecido n'um sonho, um companheiro, um marido! Mas na vespera do meu casamento, em tua casa, depois do theatro — lembraste? eu ouvi da bocca de Guilherme a verdade inteira e pura como ella sae sempre d'aquella nobre e elevada consciencia! Mas era tarde. Só um escandalo poderia quebrar tudo, um escandalo que ia desacreditar meu pae, e perder me. Perder-me! E que fui eu fazer com isto senão perder-me tambem!

— Desde então...

— Desde então, nem uma palavra entre mim e meu marido — meu marido! Torna-se-me odiosa esta palavra. A maior parte dos dias não o vejo. Costuma recolher de madrugada — quando se recolhe! Janta sempre fóra, e almoça no seu quarto.

— E quando alguma vez, por accaso, se encontram n'um corredor, ou n'uma das sallas?

— Falamo-nos como duas pessoas que se viram na vespera, mas a quem nenhuma intimidade liga. — Como passou a noite? — Foi hontem ao theatro? — Vae hoje?

— As noites...

— As noites passo-as no meu quarto, e algumas vezes no theatro. Meu pae vae muitas noites visitar-me, demora-se a tomar chá commigo, e leva-me tambem algumas vezes ao theatro.

— Teu pae! E que diz elle...

— Não estima meu marido. Deu-lhe a minha mão porque o marquez de Villar instou immenso e aconselhou muito este casamento, para se ver livre pro-

vavelmente dos requerimentos continuos da marqueza.

—Que vida! disse Maria Lucia.

—Julgas que sou a unica? Lisboa é fertil n'estes exemplos. Os casamentos aqui são muito infelizes, porque os paes de ordinario sacrificam as filhas aos interesses da sua casa, e nunca attendem aos impulsos do seu coração. Meu pae tem-me contado, para me consolar, historias fataes e medonhas que ahi vão por Lisboa, mais medonhas e mais fataes ainda porque a sociedade conhece-as e não as accusa!

—E é exigente, escrupuloso, severo para comtigo! Prohibe-te que saias, que recebas visitas, que te dês commigo por exemplo?

—Não. Mesmo porque elle depende de mim em muitas coisas que estão ligadas á sua vida exterior. Parece que meu pae redigiu as escripturas pouco favoravelmente para meu marido. A minha fortuna pertence-me ainda, e ha de pertencer-me emquanto eu quizer, porque só a legitima de minha mãe me coube por emquanto, e meu marido só se encontrou com o meu dote!

—Que te parece, será gastador, perdulario?

—Nada sei. Todavia anda um mysterio em tudo sto; esse homem gosta d'alguem, ama necessariamente uma mulher, tenho toda a certeza disto, apesar de nada me haverem dito, e de eu nada ter visto que robusteça esta idéa!

—Que motivo então...

—Nenhum motivo. Adivinho-o, presinto-o pelo

ar inquieto em que o vejo, por algumas perguntas que meu pae me dirige.

— Teu pae!

— Digo-te que anda n'isto um mysterio, um mysterio que tambem envolve meu pae se não me engano.

— Como assim!

— Por muitas vezes me tem perguntado com anciedade a que hora meu marido se recolheu na ves pera, quem o procura de manhã, se costuma receber cartas...

— Pura curiosidade de sogro! disse Maria Lucia.

— E' possivel; mas por que motivo tem meu marido de assignatura uma frisa em S. Carlos sem que nunca me con ide para ella, e uma frisa de bocca communicando para o palco!? Porque motivo, tambem, o distingue meu pae frequentes vezes entre os bastidores? Porque motivo, sobretudo, fez elle tanta diligencia para conseguir ser medico do theatro?

— Para ter entrada, talvez; ouvi dizer que os escriptores publicos e facultativos da empreza tinham os seus logares.

— Se fosse para ter entrada, que precisão teria de assignar para uma frisa! Não! Foi para ter entrada no palco, visto que as ordens são positivas e severas, e que só penetram no palco os que teem direito a isso.

— Mas que te póde isso importar, se não o amas?!

— Importa-me muito, apesar de não o amar, porque adivinho um mysterio, como já te disse, que tambem envolve meu pae, e é isso que me inquieta.

— Pobre Sophia! exclamou Maria Lucia; sempre boa filha!

— Meu pae, percebes tu, Maria, tem de ha muito tempo intimidade com uma pessoa do theatro. Como a companhia de canto varia todas as epochas, e a tal pessoa tem permanecido, é claro que pertence á companhia de baile, de que algumas primeiras dançarinas residem sempre em Lisboa. Ora, não te parece, Maria, que ha muita relação entre as perguntas curiosas de meu pae acerca de meu marido, e a assiduidade d'este nos bastidores de S. Carlos? Nenhum cuidado me dão taes amores, já pódes fazer idéa, porem sei que meu pae ha muito tempo que não sympathisa com meu marido, e ultimamente sei que até o odeia!

— Odeia-o!

— Sim. E tu não sabes quem é meu pae, e que almas são aquellas como a d'elle que se incendeiam por uma idéa, e sacrificam tudo a uma vingança! Pelo que ouvi dizer uma vez a meu pae, parece que n'uma ceia onde lhe apresentaram meu marido, começou esta antipathia invencivel do sogro para o genro, porque Lima, que a esse tempo não tinha provavelmente a menor idéa de requestar a minha mão, disse coisas horrorosas, segundo penso, a respeito das meninas bem educadas de Lisboa, e apresentou n'um quadro de escandalos

os resultados que se tiram n'esta terra da educação do nosso sexo. Meu pae offendeu se por sua filha, e tomou o meu partido accusando de homem de mau gosto quem expendesse taes idéas, ou sequer as partilhasse. Data de essa noite a indisposição que ainda lavra entre elles!

Depois de uma pausa em que as duas senhoras se olharam por instantes, sem que nenhuma ousasse quebrar o encanto d'aquella mudez expressiva que revelava que o mesmo pensamento as unia, a mesma dor as ligava, Maria Lucia perguntou como que medrosa á sua amiga:

—E... elle?

— Não o tornei a ver desde a vespera do meu casamento, disse a noiva.

E as lagrimas que lhe saltaram dos olhos terminaram a sua idéa, revelando de que saudade e angustia tinha sido todo este tempo em que a sua vista não havia encontrado nunca a *d'elle.*

— Tel-o-has visto? perguntou depois anciosa.

— Vi um artigo seu que em minha casa gabaram muito, e de que o marquez de Villar está contentissimo.

—Sim, sei que escreve agora para o jornal d'esse partido, e que se estreiou na politica. Deus lhe dê fortuna, ao menos, no seu destino, já que tão desgraçado o fez para o nosso amor!

—Vejo que o amas ainda, porque ainda te interessas por elle! Toma cuidado, Sophia, se a tua vida é n'esta occasião uma existencia de mysterio e de expectativa, não queiras que o remate de um fu-

turo que nem prevês por emquanto, seja menos airoso á tua dignidade e menos favoravel aos teus creditos. Quem te diz que Guilherme da Cunha, envolvido na politica e nas ambições que devoram os homens publicos, não venha a esquecer-te, e não chegue até a reflectir que a quebra d'esses amores auxiliou de certo modo o seu destino, porque emquanto cogitasse muito em ti e em te merecer, não teria decerto nem resolução nem força para emprehender a grande lucta a que ultimamente se propoz! Depois, tu não fazes idéa do que é a vida que levam esses escriptores publicos, os jornalistas principalmente que, segundo ouço dizer em minha casa, fazem da noite dia, principiam a escrever depois do theatro, e recolhem-se de madrugada! Todos os artistas de theatro os procuram e convidam para jantares com a intenção de alçançarem a sua benevolencia e alguns elogios; já vês que devem ser reuniões, a que tambem assistem as dançarinas, as actrizes, todas essas mulheres que valem menos do que nós em educação e em qualidades, mas que nos vencem em seducção e em prestigio: e então julgas que no centro da vida agitada em que se lançou possa viver o seu amor nobre e puro por muito tempo!?

—Dizes-me tristes coisas! exclamou Sophia. Parece que a dor da minha situação devia merecer á tua generosidade algumas palavras de consolação e de esperança!

N'esta occasião sentiu-se o trote rasgado de um cavallo, que momentos depois, ao approximar do

trem que conduzia as duas senhoras, abrandou de subito e continuou a passo.

Maria Lucia Vidueira virou a cabeça para vêr quem era o cavalleiro, e um sorriso quasi imperceptivel lhe assomou aos labios. N'este momento o trem seguiu com mais vagar, e o cavalleiro viu se obrigado a passar adeante, não sem olhar para as duas senhoras, e as cumprimentar.

— E' para ti este comprimento? perguntou Sophia de Lima.

— Para mim é, respondeu Maria Lucia, fazendo-se córada. Conheces esse rapaz?

— Não me recordo de o ter encontrado nunca. Como se chama?

— Teixeira.

— O primeiro nome?

— José.

Sophia de Lima olhou outra vez para o cavalleiro e para o cavallo: o cavallo bem se via que era de aluguer; o cavalleiro era, guardadas as proporções, tão insignificante como o cavallo. Pelo modo de cortejar, que é um dos segredos da elegancia e distincção do homem delicado, havia elle já revelado que poucas vezes na sua vida tinha cumprimentado senhoras. A pretenção do vestuario acabava de o fazer conhecer. Levava um fraque azul, de botões amarellos, em detestavel harmonia com uma calça côr de laranja, de lista larga côr de rosa e branca que, vendo se de costas, deixava adivinhar algum collete de padrão historico. Era um d'estes homens que preferem sempre as côres claras, mas

que nem ao menos as combinam. Emquanto ao mais, bonito rapaz, bem feito, e sympathico aos olhos de alguma menina vulgar, d'essas que não faltam em Lisboa, louvado Deus, para reconhecerem e proclamarem como o typo da elegancia «a rapasiada fina da baixa *que veste bem!*»

— Parece-te interessante? perguntou Maria Lucia com certo empenho que o tom da pergunta e a expressão do olhar denunciavam muito.

— Parece-me... um rapaz! respondeu Sophia, sorrindo-se. E' teu namorado?

— Vae ser meu marido.

— Casas-te! exclamou Sophia; e nem uma palavra me dizias a similhante respeito!

— Reservava as minhas confidencias para quando acabasses de me revelar as tuas.

— Tens-lhe muito amor, de certo?

— E' um casamento de inclinação.

— E teu pae...

— Oppõe-se, e jámais consentirá.

— N'esse caso...

— Serei tirada por justiça! Fiz antes de hontem vinte e cinco annos.

— E o teu namorado...

— Queres dizer meu marido?

— Seja! Teu marido... é rico?

— Não accusei nunca a Guilherme de não o ser!

— Porque Guilherme nunca tentou tirar-me por justiça sem ter o nosso futuro assegurado. Emfim, já por isso comprehendo que o teu namorado com quanto mais rico do que Job é mais pobre do que

Cresso. Isso pouco importa, se as qualidades compensam a fortuna que Deus lhe não quiz dar. E' intelligente, activo, emprehendedor?

— E' tudo isso, e muito mais ainda a meus olhos, escusas perguntar-me, porque o amo! Tudo nos parece grande e bello na pessoa que nos agrada.

Mas nem uma palavra explicou a indole e a occupação do cavalleiro que ia passando. Maria Lucia não disse onde o conhecera, não explicou de quem era filho, em que se occupava: n'uma palavra, não deu a saber a Sophia quem era o seu namorado.

— Acautela-te, disse-lhe Sophia; desde o nosso tempo do collegio que me chamas scismatica e apprehensivel, mas raras vezes me illudem os meus presentimentos. Não engraço com a apparencia d'esse homem! Não ha dignidade no seu olhar, nem nobreza no seu sorrir, e as duas coisas que mais revelam um homem são o sorriso e o olhar!

— Sei talvez porque elle te desagrada! disse Maria Lucia com um glacial sorriso.

— Porque?

— Não lhe achas os mil requisitos que a tua escrupulosa mania de romantismo não dispensa aos que tem a desgraça de «passarem sem novidade» e terem côr e saude, em vez de padecerem de qualquer coisa, e andarem pallidos, verdes ou amarellos a passearem em passo grave, a sua tysica elegante!

— Que lembrança!

— De mais a mais não é poeta, o pobre do rapaz! Não revéla pelas olheiras, as vigilias consumi-

das em procurar uma rima! Tem o mau gosto de se fazer pentear pelo seu cabelleireiro, em logar de realisar o typo do poeta de albuns, vate descabellado e *tétrico!* Ignora que não se considera rapaz elegante, senão o que andar em dia com as novellas que ahi apparecem traduzidas, e com as comedias que estão a ensaios nos theatros, e que tenha no olhar a melancholia de torna viagem, que as preciosas desdentadas acclamam como suprema revelação de um *genio!*

— Fazes-me então pertencer ao gremio d'essas preciosas!

— Não, minha querida, eras ainda muito nova para isso, quando mesmo a tua intelligencia não fosse, como é, cem vezes superior á das classicas litteratas de Lisboa, eruditas do Passeio Publico, que tudo sabem menos o que são as quatro partes da grammatica!

— Se não engraças com os litteratos, pelo menos lhe tomaste o estylo das detracções de folhetim!

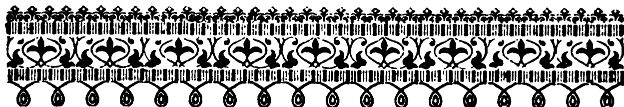
Maria Lucia deu uma gargalhada.

— Estamos em Cintra! exclamou. Nunca o caminho me pareceu tão longo! Cala-te! Cala-te! quando falas de ti fazes maior lamuria que um pobre, e para as outras arvoras-te em directora de collegio, saboreando o pitéo de desfazer um casamento!

— Pois bem, redarguiu Sophia de Lima, quando esperas pertencer-lhe?

— Dentro em dois mezes.

— Deus queira que eu não tenha então de chorar a tua desgraça!



XVII

Vida e aventuras de José Teixeira

José Teixeira era um mancebo de vinte e seis annos, que accumulava os cargos de bonito rapaz e de vadio de primeira força.

Era filho de um confeiteiro que tinha desistido de lhe dar conselhos e prégar sermões, logo que o rapaz, aos vinte annos, lhe deu um sobresalto á *burra*, de que ella e o dono ficaram um tanto achacados.

O pae despediu-o de casa, depois de tentar, mas debalde, que o prendado filho lhe restituisse o dinheiro que lhe havia roubado.

José Teixeira sahiu do lar paterno, queixando-se de ter sido tão mal pago o seu comportamento illibado até á data d'essa.

Já se perceberá que, ainda em cima, desacreditou o pae por toda a parte, fez o romance dos

amores paternos com a criada, retratou-o buccolisando no quintal com a cosinheira, soube tirar partido até das boas qualidades do velho, e o caso é que fez rir á custa d'elle todos os sucios do botequim onde costumava ir todas as noites jogar o bilhar até que horas!

Sahiu José Teixeira da casa do «auctor de seus dias» como elle lhe chamava sempre em estylo de comedia antiga, e sahiu sem muito incommodo nem grande despeza de bagagem: algum fato, dois cachimbos, um baralho de cartas sebento, mas que elle não cederia por dinheiro algum d'este mundo, porque para a *cartomancia*, ou *deitar as cartas*, como diz mais vulgarmente o povo, era esse baralho de desmedido valor e apreço, não só pelo estado de sujidade a que chegára, o que já de per si é um grande titulo, mas tambem por haver sido *bifado a umas meninas infelizes* (isto tudo é estylo purissimo de José Teixeira); e em quanto ao valor que á tal circumstancia ligava, nascia elle da crença em que anda a gente de baixa esphera de Lisboa, de que para um baralho de cartas ter virtude é preciso estar já velho, ter servido muito, e haver sido roubado de casa de mulheres de má vida.

Desde que perdeu as roupas domesticas, habituou se o heroe Teixeira *junior*, — para não o confundir com o bom do senhor seu pae o confeiteiro, — a jantar e cear em casa dos seus conhecimentos.

Mais graça terá dizer-se que José Teixeira era affamado conhecedor das casas de má nota, e muito

estimado por essa casta de raparigas, que viam n'elle um moço espirituoso, e com grandes habilitações para os cargos sociaes, que não exercia por falta de pachorra.

José Teixeira era inquestionavelmente o verdadeiro homem para aquellas mulheres: tocava guitarra no requinte, cantava o *fado* tão bem ou melhor que os *fadistas* a quem tinham embranquecido os cabellos nas lides gloriosas da Travessa do Poço e sobretudo deitava as cartas com tal proficiencia, que ouvil-o depois *expôr*, era o mesmo que escutar um oraculo.

As raparigas perdidas de Lisboa, é preciso ponderarmos isto, acreditam com cegueira e fanatismo no dom das *mulheres de virtude*.

Mas em Lisboa as *mulheres de virtude* teem desapparecido desd 1840, porque emquanto ellas existiram os gaiatos fizeram-lhe a cabeça doida, algumas vezes lhes arrombaram a porta e quebraram o que puderam pilhar; a população dava-lhes pouco credito, e não lhes guardava prestigio como em França ou em Hespanha, onde as senhoras da melhor sociedade são as que ás escondidas mais frequentam as barracas meias cahidas, especie de antros escuros e medonhos, onde as *cartomancianas* se acoitam.

As mulheres perdidas, acreditaram sempre em bruxarias, e quando as *mulheres de virtude* foram desertando, ellas recorreram então para saber dos *azares e casos veridicos* do seu futuro, a alguma velha *dona de casa*, que ficou com o segredo das mu-

lheres de virtude por suas longas praticas com essas sabias adivinhas!

Mas a pouco e pouco o segredo foi-se divulgando: houve quem desconfiasse que da disposição das cartas, e não da inspiração de quem as *deitava*, é que sahiam os mysteriosos juisos e decretos.

Houve então quem se entregasse á tarefa de observar se effectivamente era da disposição das cartas, e do encontro das figuras, que resultava o juiso que a expositora formava.

Certa perspicaz intelligencia julgou comprehender que tudo dependia não só da disposição das cartas, mas da significação de cada uma d'ellas, e não sei até se foi José Teixeira o descobridor d'este novo mundo!

Em Lisboa acredita se com tanta cegueira em tudo que se não percebe, que a fortuna d'este novo oraculo foi rapida e facil.

Com uma pouca de penetração, — e José Teixeira não se perdia por tolo, — qualquer tira das cartas certos decretos por tal fórma vagos, que as consultantes, que de ordinario é gente destituida de intelligencia e de instrucção, accrescendo a isto estarem preocupadas pela circumstancia que as interessa, accommodam por alguma fórma os confusos juisos que o expositor apresenta, á sua situação e á sua idéa.

José Teixeira tinha tal arte para atemorisar as consultantes, e sabia enfeitar por tal fórma as conclusões que tirava, que mereceu nas casas de má nota a reputação de um espirito perscrutador e profundo.

Era raro o dia em que um *caso de sympathia* não obrigava alguma rapariga a mandar pedir ao nosso heroe que apparecesse em sua casa levando as *milagrosas*, para as consultar a respeito do seu amante.

Depois, como este sabio hierophante se fazia passar por um cavalheiro, as pobres raparigas não podendo pagar-lhe como d'antes ás *mulheres de virtude* um crusado por cada *sorte*, viam-se obrigadas a fazer-lhe de quando em quando presente de um collete, de um annel, de uma manta, e convidal-o a jantar, pelo menos um dia cada semana, favor que José Teixeira no fim já não podia acceitar porque a semana tem menos dias, do que elle tinha de convites.

Era curioso vel-o então. Especie de medico prestigiador, começava de ordinario as suas visitas de manhã, e quando eram dez horas já estava muitas vezes no meio de uma sala, cercado de raparigas sentadas no chão, umas a ouvirem-no sem respirarem sequer, outras escutando-o, e ao mesmo tempo continuando a pentear-se e a molhar o pente na chavena do *bandolim*, empastando o cabello n'uns *bandeaux* de pouco sympathica feição.

«Mau! Mau! Isto está muito mau! — exclamava José Teixeira esbogalhando os olhos á proporção que voltava as cartas para resolver certo segredo com que o amante de uma das raparigas a andava martyrisando. — Isto vae muito mal, é o que eu sei!»

«Então que dizem *ellas*? — perguntava a consulsultante, já pallida e tremula.

«Que dizem ellas, ó Teixeira? — perguntava em côro o resto das clientes.

O oraculo parecia *recolher* o seu espirito, depois dizia assim:

«A menina está marcada em dama de oiros, e aqui está o seis de espadas que marca umas *más falas*, e esta dama de paus que me está suspeita. Cá apparece elle no valete de oiros, e logo na *pista* o az de paz que são uns *fandangos* (amores), e está bem visto que estes fandangos tem logar com a mulher de paus com quem a menina tem umas más falas, e até *lagrimas*, porque já nos apparece o cinco de copas e o sete de espadas, que é um *desgosto formal*, ao pé do az de oiros, que marca uma *prenda*; e já se vê que o desgosto é por causa da prenda que elle deu a esta mulher e o tres de copas diz *com certeza*, o dois de paus *a caminhos*, e o quatro de paus marca *prisão*. — Mau! Mau! Ou a menina ou elle, vão parar ao Carmo! E a espadilha affirma!

A pobre consultante ao ouvir isto desata em prantos, porque as nossas mulheres de marmore não riem sempre como as Marcós de França, e choram ás vezes lagrimas sinceras e verdadeiras.

«Ó Teixeira, deita as lá por mim. Sempre quero vêr o que ellas dizem a respeito do *chinfrim* que tive hontem com a Conceição no Baile Nacional...

«Pois sim, mas manda-me buscar charutos!

«Ó Thereza, grita a rapariga dando dinheiro á criada, *vae me* buscar seis charutos de pataco.

Depois, voltando-se para o mago lisbonense:

«Vá, vá! Esta sorte só em charutos já me custa doze vintens!

E José Teixeira levava assim as manhãs e as tardes. Á noite ia um bocado jogar o bilhar, outras vezes a Carriche acompanhando alguma funcção, e aos sabbados ao *Baile Nacional* no inverno, e ao *Jardim Chinez* no verão.

Tinha um *comité* de amigos onde a auctoridade da sua palavra era reconhecida, e onde o julgavam um moço dotado das mais bellas faculdades.

O nosso homem tinha vinte e seis annos, era alto e bem feito, de physionomia agradavel e seductora, olhos azues, bigode loiro, cabello castanho finissimo, e certo ar de quem tem a consciencia de que é importante para alguma cousa, e considerado n'algum circulo.

Um olhar experimentado conheceria apesar d'isso no primeiro lance de vista, que José Teixeira era homem de má sociedade.

Apesar do extremo apuro que punha no vestuario, apesar mesmo de certa liberdade e franqueza de gestos, e da facilidade de movimentos que se observava n'elle, conhecia-se que era homem educado no centro de más companhias, e por mais que se ataviasse nunca conseguia ser elegante.

O elegante adivinha-se, presente-se. Basta um laço da gravata para lhe alcançar os creditos de homem de *bom tom*.

No traçar a perna, no erguer o braço, no tirar o chapéu, póde adquirir-se direito a elegante *di cartello*.

Na maneira de falar, no modo até certo ponto simples de metter as mãos nas algibeiras, no calçar da luva, no dobrar de um punho, no cheirar uma flôr, no partir de um fructo, no assestar da luneta, distingue-se o homem de qualidade.

Apesar d'isto, julgo falsa a opinião quasi universal de que a elegancia só a dá a natureza.

Não! A elegancia adquire-se; mas não se aprende nos botequins nem aos balcões, nem na convivencia extremamente intima com as *desterradas* filhas de Eva; aprende-se nas salas, nos *boudoirs*, nos *pique niques* campestres, nos bailes aristocraticos, no tracto usual com a sociedade polida e educada, impenetravel aos *magericões* effectivos da *Calçada de Carriche!*

José Teixeira nem sequer dava idéa do côvado e do retroz, como tantos elegantes de má feição! o arquear dos braços não accusava o habito de medir fitas. Todavia usava sempre chapéus tão novos e de abas em tão bom uso, que logo se via que tinha poucas pessoas conhecidas a quem fosse preciso cortejar; na escolha das côres e no exagero das modas, revelava se o homem que ignora as regras da elegancia e da etiqueta.

Porque se o *janota* não é bem o elegante, tambem o typo que apresentamos em José Teixeira não chega ainda ao *janota*. O *janota* não é hoje o rei da moda, é o martyr d'ella: e o typo que o leitor está vendo, não é o martyr, é o sacrificador da moda. Aquelle, acceita-a como ella apparece, este exagera-a ainda por sua conta e risco!

E' talvez util para fazer sentir a verdade d'este typo que fiz encarnar em José Teixeira, tornar bem saliente a distancia que existe entre elle e o *janota.*

O *janota* gasta o que tem e o que não tem, em luvas do Baron e em fato do Keil. Deve aos boleeiros, ao sapateiro, á hospedaria, á engommadeira, ao estanqueiro, a todos os agiotas da capital, e até deve ao criado. Janta no Matta, tendo almoçado no Martinho. Á noite toma chá e salame no theatro, ou vae a alguma cêa a que esteja convidado. Costuma dormir até ao meio dia, jantar ás seis horas, e deitar-se ás duas da noite.

Tem sempre uma amante, excepto quando tem duas.

Ás vezes, por commiseração, recebe de uma o que dispende com a outra: d'outras vezes, por magnanimidade, recebe de ambas!

A moda exige ao janota, *propriamente dito*, dois amigos que vivam á custa d'elle. O verdadeiro janota não só sustenta os seus dois amigos, mas veste-os. Dá-lhes hoje um fraque, ámanhã um collete, tudo, menos lenços de pescoço; a gravata é o seu distinctivo: a boa escolha de côres, a perfeição do laço, constituem o seu triumpho.

O janota vive até aos vinte e nove annos. Aos trinta ou é homem do mundo, ou não passa de um desgraçado.

E agora, voltando ao typo de José Teixeira, diremos que assim como em França ás raparigas de conducta equivoca que foram morar nas visinhanças

dà igreja de Notre Dame de Lorette, se lhes ficou chamando *lorettes*, por que não havemos nós de ficar chamando *chinezes*, até para os differençar dos janotas, aos parasitas que alcançaram nome e se illustraram durante as noites de baile do Jardim Chinez?

Chinezes, serão *Chinezes!*

E o leitor passa desde já a ficar ao facto da vida d'estes novos heroes de Lisboa no seculo XIX.

O *chinez* é um rapaz na flôr da idade, sem eira nem beira, nem ramo de videira, mas que, á falta de outros dotes, tem o pé pequeno, um bonito cabello, e *muita graça*.

A muita graça do chinez consiste em falar sempre n'um tom de voz irrisorio, acompanhar as palavras de caretas e gestos contínuos, e ter sempre um dito que varía conforme as epochas:

«Ora não fostes!

«*Domi's tecum!*

«Muito boa noite!

«Ora essa!

«P'ra que viva!

«São coisas!

«Não somos nada n'este mundo!

E mil outros anexins com que estes entes *espirituosos* enfeitam o encanto da sua conversação.

O chinez faz-se amar por seus dotes naturaes, e vive no gremio das raparigas de má sorte. Estas infelizes teem o costume de querer ser amadas, e a desgraça de tambem amarem. Cada uma tem o seu chinez, de quem só recebe os bons dias e as boas

noites, e a quem ainda em cima costuma dar para fumar e para vestir.

O chinez serve para a amar, para a acompanhar pela rua ás vezes, e para dançar sempre com ella no *Baile Nacional* e no *Jardim Chinez*, porque não é rapariga que se respeite aquella que não tiver em publico sempre o seu amante ao lado! Ora, sendo José Teixeira o typo do chinez *tão real e perfeitamente* como elles estão no Baile Nacional, o leitor comprehenderá agora a que se expunha Maria Lucia com similhante homem.

Na sociedade que a filha de Militão Vidueira frequentava não apparecia nunca o seu namorado, é certo: comtudo ninguem lhe podia dizer quem elle era, porque não era conhecido ahi.

A pobre menina encontrou-se collocada entre a voz do seu amor, que advogava a causa d'esse homem, e as accusações de seu pae que o cobriam de infamias e de injurias: é escusado dizer que n'um caso d'estes, acreditou a voz do amor de preferencia á voz de seu pae!

Havia-o conhecido no Passeio Publico, n'uma tarde em que elle fôra assentar-se a seu lado e não tirára mais os olhos d'ella.

Maria Lucia, que já estava sentada ha mais de duas horas, e que principiava a enfastiar-se mortalmente, resolveu-se a entreter o seu *spleen* acceitando por essa tarde a côrte com que esse moço, que ella nunca tinha visto, mas cujo exterior lhe não desagradava, tinha vindo como por milagre despertal-a da insipidez de que o seu espirito estava

soffrendo, graças á patriarchal atonia que os frequentadores do Passeio Publico sabem manter n'este local respeitavel.

No Passeio Publico ninguem passeia. Ou se anda a correr ou se está sentado, passear não é permittido.

No Passeio Publico namora se, conversa-se, discute-se politica e litteratura, fazem-se e desfazem-se reputações, dizem-se verdades amargas a respeito dos ausentes, e mentiras obsequiosas na cara dos presentes, concedem-se titulos, pede-se uma menina em casamento, planea-se um enterro, promettem-se empregos publicos, solicitam-se candidaturas—tudo se faz, *excepto* passear!

Observou Maria Lucia n'essa tarde, que nenhum dos rapazes conhecidos em Lisboa que alli se achavam, falou ao seu desconhecido, ou mostrou conhecel-o.

E' talvez do Porto! disse comsigo.

Mas a physionomia d'esse moço que ella a pouco e pouco observou com maior attenção, pareceu-lhe realmente interessante, e apesar do proposito que formára de que a distracção d'essa tarde findasse para sempre ao sair do Passeio, parece que os olhos azues de José Teixeira souberam seduzil-a e enleal-a por algum olhar expressivo e magnetisador, porque ao entrar para a carruagem, a filha de Militão Vidueira como que sentiu pela primeira vez na sua vida que era capaz de amar alguem alem de Nini, isto é, a sua unica amiga Sophia de Lima, que a esse tempo era ainda Sophia de Sousa.

José Teixeira entrou n'uma sege da praça e disse apenas para o boleeiro:

«Segue essa carruagem.

Na rua de S. Francisco, a carruagem parou. Quando Maria Lucia descia sentiu parar uma sege perto de si; olhou, e viu o seu desconhecido do Passeio Publico, que se apeou e tomou a direcção de S. Carlos.

O olhar que trocaram rapidamente, teve já o valor de uma intenção; não era porventura dizer um ao outro:

«Vê que te segui!

«Ainda bem que sabes onde móro —?

Certo é que do dia seguinte em deante principiou José Teixeira a rondar os sitios, e desde que conseguiu comprar um dos criados e estabelecer com Maria Lucia uma correspondencia incessante, o mancebo pareceu dar parabens á sua fortuna.

Qual era seu fim e a sua idéa, seria difficil adivinhar. Durante todo o tempo em que fez a côrte a Maria Lucia, portou-se com uma generosidade, com uma abnegação, com uma sinceridade apparente tão elevada e propria, que a pobre menina não poude deixar de ponderar:

«Ninguem podia ser mais amante e ao mesmo tempo mais respeitoso do que elle!

Nunca lhe pediu uma entrevista em Cintra, alta noite; nunca lhe pediu um beijo sequer; todas as suas idéas pareciam as de um namorado que só pede a Deus, *vida e saude* para alcançar a mão da sua bella.

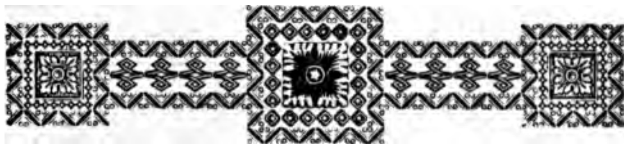
Começaram as arguições da parte do pae de Maria Lucia, começou uma guerra desenfreada contra o rapaz, e nunca uma palavra d'elle, um gesto sequer mostrou o menor desacato para com Militão Vidueira, mas unicamente sentimento profundo de que o calumniassem por tal maneira.

E continuou apesar de nem já lhe poder falar senão uma vez por semana, porque era o dia em que Militão jantava em casa do Marquez de Villar, a ser reverente, sincero, ingenuo como sempre.

O que parecia querer este homem, para falar a verdade? Casar.

Assim pareceu a Maria Lucia, e assim pareceria a todas as Marias, a todas as Lucias, e a todas as Marias Lucias d'este mundo.





XVIII

Espectativa

Cinco mezes haviam passado depois dos acontecimentos descriptos nos ultimos capitulos do primeiro volume; e para os principaes vultos d'esta historia esses cinco mezes tinham marcado uma epocha memoravel.

Guilherme da Cunha lançara-se no jornalismo. O primeiro numero do *Movimento*, publicado dois dias depois do casamento de Sophia, deu como segundo artigo uma das mais elegantes verrinas jornalisticas que o nosso paiz tem lido, satyra vehemente que despertou a attenção publica pelo brilhantissimo das idéas, pelo fogo e ardor das apostrophes, por tudo emfim que revella uma alma que se incendeia, um coração que agita, uma imaginação susceptivel ainda de se abrazar ao lume de uma idéa po-

litica! Era-lhe precisa uma nova paixão para suffocar a que o devorava, e a politica foi a paixão que elle escolheu! Tentou entregar-se de alma á lucta que emprehendêra: que tinha elle a perder? Não sei até que ponto lhe era vantajosa a circumstancia de se empenhar apaixonadamente e de consciencia, n'uma lucta em que os collegas só entravam com o calculo pequenino de alcançarem um despacho, de serem dispensados de ir á secretaria, ou de ganharem direito a um logar mais rendoso. A politica é uma prostituta que arruina a saude moral: e Guilherme, que ainda tinha crenças, ia pelejar com os que já não teem alma nem paixões!

A guerra foi medonha, porque não foi declarada: os que lhe apertavam a mão atraiçoavam-o, os que se diziam seus amigos eram os mais invejosos, os mais perversos, os mais temiveis inimigos que elle tinha sem o saber!

Costumados a encastellar palavras, e agrupar phrases despidas de pensamento, os collegas escandalisaram-se de que o neophito apparecesse com idéas, n'um paiz como o nosso em que ellas não se usam!

Mas havia previsto tudo, opposição, maledicencia, rivalidades! Não se conserva durante mezes uma idéa sem a encarar em todos os sentidos: quando depois a apresentamos ao mundo já a temos vestido, despido, maltratado, preparado emfim para soffrer os ataques da mediocridade ou da inveja!

Mas é preciso que essa idéa triumphe: não é grande em Lisboa senão quem vence: só elle tem

razão, só elle tem merecimento. Ninguem trata de saber de que modo foi a lucta, de que lado estava a força, e de que lado estava o direito: as ultimas impressões são as que ficam, o desfecho do drama é tudo; os espectadores da comedia da vida applaudem a peça, e chamam o auctor olhando apenas á scena final, e não se lembrando sequer se a acção fôra ou não bem preparada; os que vencem são os grandes homens, os homens honestos, os homens de bem!

Mas era justamente a idéa das difficuldades que o cercavam na lucta que tentára, que maior coragem dava a Guilherme, tornando-o cada vez mais ardente, mais receoso de a perder!

Cuidados, desgostos, privações, foram a maior voluptuosidade d'aquella alma crente, que tudo esperava ainda de Deus. Viveu entre lagrimas de saudade e lagrimas de esperança: esperanças de gloria e saudades de amor!

O frio, a miseria, e ás vezes a fome, opprimiam-o por momentos, mas logo voltava para aquelle espirito em que a crença era tudo, a idéa de que nunca a amisade, a maternidade, a devoção haviam conseguido uma tão heroica abnegação de si proprio.

Estudou e trabalhou durante esses mezes com a actividade incansavel do homem que intenta consagrar a paciencia e o talento ao interesse futuro da sua gloria.

Passou todo este tempo, de sacrificio em sacrificio, e até d'esta situação colheu a alegria de provar

a si proprio até onde podia ir o excesso da sua adoração.

Durante todos estes mezes ninguem o viu, ninguem soube d'elle senão pelos artigos do *Movimento*, que com quanto não fossem assignados, em breve constou serem obra de sua penna quasi ignorada até então, e que principiou logo a tornar-se popular e estimada. As satyras de Pedro d'Arezzo não foram mais vehementes, nem mais terriveis do que os artigos de Guilherme.—«O que quer elle?» —perguntaram os ministros a alguem, tentando ainda abafar as explosões d'aquelle inimigo imprevisto e inesperado, que os incommodava mais do que os classicos politicos da opposição systematica.

Falou-se-lhe da parte do ministro, propoz-se-lhe um logar de amanuense de 1.ª classe, e prometteu-se-lhe alcançar do governo que lhe désse uma commissão: quando o mancebo recusou, o ministro suppoz que tinha de frente um doido ou um poeta, porque é assim que Lisboa costuma chamar aos que presam a sua dignidade e a antepõem aos proprios interesses!

E o mancebo continuou na mesma vida de trabalho e de estudo, de privações e de miseria! Do ordenado que tinha do jornal, dividia metade com sua mãe: restavam-lhe para elle dez mil réis, e com dez mil réis por mez sustentava-se, pagava a renda de uma pequenita agua-furtada, ao Soccorro, comprava papel, e vestia-se!

Pouca gente sabe quanto ha de nobre e de heroico n'estas luctas por muito tempo ignoradas, que

devoram milhares de existencias. A miseria de Guilherme nem era ao menos d'essa miseria de luva branca, da miseria que dança nos bailes sem ter tido que jantar senão pão secco, porque ás vezes o estomago é lesado para attender ao luveiro!

Essa miseria era, porém, mais terrivel e penosa, era a miseria dos homens educados que não pedem esmola, que trabalham sem descançar, que se levantam mal a manhã desponta para aproveitarem os primeiros clarões do dia, e pouparem para a noite a vela que compram! Triste e pungente situação que a pouco e pouco faz entrar n'alma o desalento, até que um dia a victima já sem forças para luctar, vê fugirem-lhe com os ultimos raios do sol a sua ultima esperança e o seu ultimo desejo!

O marquez de Villar e a empreza do *Movimento*, comquanto não ignorassem a situação de Guilherme, não se lembraram nunca de o ajudar e proteger, augmentando-lhe o ordenado, e todavia bem sabiam elles que era aos artigos da sua penna que se devia a prosperidade do jornal. Quando d'uma vez Victor Marrocos lhes disse que Guilherme era o sustentaculo da folha, responderam-lhe que respeitavam a singular abnegação e modestia que o obrigavam a ceder exclusivamente ao collega os louros de uma victoria que tambem devia partilhar: quando elle accrescentou que Guilherme sustentava sua mãe, e que o ordenado que lhe davam não bastava para sua mãe nem para elle, quanto mais para ambos, os bons patriotas encolheram os hombros e mudaram de conversa.

Quasi, porém, no fim d'esses cinco mezes a mãe de Guilherme escrevia a seu filho e dizia-lhe na sua carta: — «Estamos de luto por tua tia e minha irmã: hoje mesmo recebo esta triste noticia. Apesar das nossas dissidencias particulares, aquella boa alma no momento de partir para Deus lembrou-se de nós: — estás seu herdeiro.»

Por antigas questões de familia, contendas domesticas que são frequentes sobretudo nas pequenas povoações, as duas irmãs tinham interrompido relações logo depois do casamento da mãe de Guilherme Viera servir de nova pedra de escandalo o não haver Guilherme completado o curso da Universidade de Coimbra, e ter seguido a carreira de escriptor publico n'um paiz em que se todos elles não andam descalços é porque nenhum vive exclusivamente d'isso!

A herança era apenas de tres contos, em inscripções e em bens; todavia isto mesmo foi para o mancebo um grande sopro da fortuna. Partiu para o Carvalhal, logarejo perto de Obidos, onde sua mãe vivia, pediu-lhe para que viesse para Lisboa estar em sua companhia, e um mez depois, senhor já da herança, alugou uma casa, mobilou-a, comprou livros, e escreveu uma carta ao marquez de Villar, em que lhe dizia: «Vossa Excellencia, melhor do que eu, avalia as vaidades do talento: supponde mesmo que eu não tenha talento, conceda-me que tenha vaidades. Não é de certo nem ao meu merecimento nem ao meu nome ignorado ainda, que devo ò haver recebido de vossa Excel-

lencia a honra de me confiar uma parte na redacção do *Movimento:* de tal distincção é-me credora a protecção benevola que os homens politicos do caracter de vossa Excellencia costumam dar aos que apparecem desconhecidos e inexperientes, offerecendo apenas a força da vontade; no emtanto as minhas vaidades levam-me a crêr que pelas minhas satyras ao ministerio, com que o meu espirito quotidianamente se recreia, possa eu de algum modo tornar odioso o jornal que as publica, sem que anteveja para mim vantagens na proporção dos encargos que estou dando a vossa Excellencia como proprietario d'esta folha E' possivel tambem que os senhores ministros não se dêem a lêr-me, e se não ignoram ainda que taes satyras se publicam, é porque o jornal que as insere é bastante notavel pela côr das idéas que advoga, para que todos se empenhem em lêr o que lhes ensina. De todo o modo, arrependo-me de haver escripto verrinas talvez improprias de um jornal grave, e antevendo consequencias talvez desagradaveis, peço a vossa Excellencia me considere desde já desligado da redacção do *Movimento*, e me permitta assignar-me: de vossa Excellencia muito respeitoso criado: *G. da Cunha.*»

— Agora que sabem que não preciso d'elles, quero vêr se estendem, para pedir, a mão que não estenderam para ajudar!

O marquez de Villar recebeu a carta de Guilherme ás cinco horas da tarde; ás oito da noite os directores do *Movimento* decidiram que se lhe offe-

recesse cincoenta mil réis mensaes, e que por cousa alguma ficasse o jornal sem as vehementes verrinas que longe de o tornarem *odioso*, como dizia a carta, o tornavam lido, estimado e popular

N'essa mesma noite o marquez de Villar e Victor Marrocos procuraram Guilherme; foram encontral-o em casa da marqueza do Valle d'Arruda, onde estava passando a noite. Era essa a primeira vez desde o casamento de Sophia que alguem o viu n'um salão. A marqueza recebeu-o excellentemente, apresentou-o ás principaes pessoas que alli se achavam, ao duque de Sotto, ao ministro de França, ao visconde do Lago, a um primeiro addido da legação hespanhola, e a algumas senhoras que sabiam da historia dos seus amores, e que estavam curiosas de o conhecer e de lhe falar Houve da parte de todos, como é de suppôr, a delicadeza de não aventurar uma pergunta, uma allusão, que pudesse revelar a Guilherme que estavam ao facto da sua vida particular. Depois de muita insistencia da parte do Villar, e de alguns rogos de Victor de Marrocos, Guilherme acceitou a proposta que lhe fizeram, mas com o ar de superioridade de um homem que é bastante generoso para fazer um favor contra vontade. Quando o marquez se retirou, depois de lhe agradecer mil vezes, Guilherme deu o braço a Marrocos, unico que sempre lhe deu provas de estima, e disse-lhe com um sorriso glacial:

— Estes homens politicos do nosso paiz são o que até hoje conheço de infinitamente pequeno!

Desde então Guilherme da Cunha pertenceu ao

numero dos escriptores publicos da moda. Os seus artigos, todavia, revelavam ás vezes que o seu espirito abusava do seu talento, e que podendo discutir uma questão com a gravidade de uma razão esclarecida, sacrificava tudo ao effeito de uma observação chistosa, ou de um epigramma a tempo. Agradaram os seus defeitos, e conseguiu fazer epoca. Deslumbrado pelas glorias ephemeras d'um triumpho momentaneo, chegou a persuadir-se que assegurava o seu destino por essas ovações de occasião, que são muito como promessa, mas que valem pouco como victoria definitiva. Cegou-o a luz de um relampago de gloria, e julgou haver vencido, na occasião em que ainda não tinha conseguido mais do que travar o combate.

— Vae perder-se como os outros, como quasi todos os talentos de Portugal, a quem os primeiros triumphos impossibilitam de arriscar nova porção de vontade e de estudo para uma decidida gloria! disse Antonio Roma depois da leitura de um artigo de Guilherme, que já denunciava que elle havia confiado no seu talento para uma improvisação, que saiu feliz mas que desmentia o estudo da questão!

A este estado haviam chegado as cousas durante os cinco mezes que medearam dos acontecimentos narrados no primeiro volume, aos que n'este tentamos descrever.

Nunca durante este tempo Sophia e Guilherme se haviam sequer avistado. Raras vezes até o nome de algum d'elles havia resoado aos ouvidos do ou-

tro, expresso pelos labios de um extranho. Julgavam-se mortos um para o outro, e todavia nenhum d'elles se considerava esquecido: mas não devia a dignidade de ambos dar-lhes coragem para vencerem o desejo de se encontrarem de novo?

Dois mezes depois de Guilherme apparecer novamente no mundo, isto é, dois mezes depois do primeiro capitulo d'este volume, estando o barão de Souza uma noite a jogar no Gremio Litterario, ouviu em confidencia uma noticia que de tal fórma pareceu desgostal-o, que pouco depois se ergueu da meza e saiu.

— Maria Lucia fugiu de casa! disse elle logo que entrou no quarto de Sophia, com quem foi tomar chá n'essa noite.

— Fugiu! exclamou ella; n'esse caso foi de certo...

— Sedusida, disse o barão. Quando os paes não impedem a tempo os loucos amores que algumas filhas emprehendem, o resultado costuma ser a desgraça d'ellas e a deshonra das familias!

— Coitada! exclamou Sophia, o amor póde tanto!

— E' por isso que os paes teem de lembrar-se que lhes compete ainda maior poder do que o do amor! retorquiu o barão.

— O homem que a roubou..

— Ha de um dia prostituil-a! E' um d'esses miseraveis a quem a natureza recusou o dom da intelligencia, e a quem o destino não permittiu a educação, mas que por fatalidade nasceram perfeitos emquanto aos dotes physicos, o que é ás vezes bas-

tante para apaixonar as mulheres, as mulheres de Lisboa sobretudo, que attendem muito ao exterior do homem !

— Pela maior parte! disse Sophia.

— Na generalidade, redargiu o barão. As excepções não constituem regra ! Raras são as meninas de Lisboa que exigem de um namorado mais do que saber dançar, vestir-se bem e não ser feio !

— Algumas encontraram na vida mais do que isso, disse Sophia com um suspiro ; e tiveram de se sujeitar a dizer adeus á felicidade que tinham avistado !

— A essas resta ás vezes alguma consolação ainda, replicou o pae : teem posição e o mundo dá-lhe importancia... em quanto ellas teem a coragem de não deixarem perceber que estão arrependidas da dignidade que teem conservado !

— E' custoso apesar de tudo encontrar-se alguem na terra depois de haver sonhado o ceu !

— Pequeno ceu é o d'esses amores ! disse o barão com um triste sorriso : é um ceu sem Deus, ou antes é um Deus sem omnipotencia ! Na vida positiva o amor póde tão pouco !

Houve uma pausa de alguns instantes. Nas palavras de Antonio Cypriano havia mais tristeza do que repercussão ; durante a pausa que cortou este dialogo, os olhos do pae divisaram lagrimas nos da filha ; então, parece que um impulso de coração fez com que esse homem extendesse a mão á victima que irreflectidamente sacrificara.

— Estás desgostosa do mundo ? disse elle.

A filha permaneceu calada.

— Tenho-me accusado por vezes de não te haver deixado seguir a primeira inclinação da tua vida! A tua tristeza devora-me mais agora na sua mudez, do que d'antes me impressionavam as tuas supplicas! Perdoa-me, Sophia! Suppuz que era mais pequena a tua alma, e mais pequeno o teu amor!

Antonio Cypriano teve lagrimas nos olhos pela primeira vez na sua vida: Sophia chorava perdidamente com a fronte escondida entre as mãos.

— Ao menos, continuou o pae, quero que as distracções da vida te compensem da esterilidade d'ella. D'ora em deante quero dar bailes, unicamente por ti. Se fosses tu que os désses o mundo accusar-te-hia talvez de leviandade! Fiz-te infeliz sem o querer, mas heide, a todo o custo, esmerar-me em resgatar parte da tua felicidade!

— E' difficil! exclamou Sophia.

— Enganas-te, pobre creança! Para ti ainda a vida se não apresenta despovoada de esperanças! Na tua edade qual é a situação que possa desvanecer os sonhos de uma alma ardente que confia em Deus! Pobres das almas que só no declinar da vida sentem aquecer se pelo sol dos affectos; para essas nenhuma esperança resta! Mas para ti que ainda agora experimentas o primeiro revez da sorte, quem sabe o que te estará reservado de felicidade no futuro?

— Oxalá! exclamou Sophia; mas que a felicidade se não lembre só de mim!

— Sempre a lembrança d'elle! disse o pae por

entre os dentes. Quem sabe se o teu amor vive mais na cabeça do que no coração, e se é a tua phantasia que enfeita sempre essa idéa!

Sophia levantou os olhos para seu pae, e lançou-lhe um olhar de despeito que o obrigou a medir o que dissera.

— Serias mais feliz assim! continnou elle. As idéas pungem menos do que os sentimentos! e quantas mulheres amam apenas n'um homem o seu proprio amor por elle!

N'esta occasião sentiu-se o ruido de uma carruagem no pateo.

— E' teu marido que chega? disse o pae.

— E' meu marido que vai sair! replicou a filha com um triste sorriso.

— Sair! a esta hora, sair! Pois estava em casa e deixava-te aqui, só, sem teres com quem conversar com quem te entreteres! Nem ao menos fazer-te companhia durante o chá! Sair á meia noite! No trem! Tornar testemunhas do seu comportamento inexplicavel os criados e o publico! Mostrar bem ao mundo que gosta de te vêr sacrificada e que conseguiu ser o primeiro homem que ri de mim impunemente! Vilão!

Depois de um momento em que o silencio d'esse homem foi eloquente de cholera e de raiva elle disse com uma expressão de ira concentrada e violenta:

— Hei de vêr a desgraça d'este homem! Prepara-l-a-hei para assistir ainda a ella! Foram bem fataes as circumstancias que me não deixaram seguir

o impulso da minha antipathia por elle desde a primeira vez que o encontrei! Foi o ultimo favor que devo á politica! Por ella te sacrifiquei, pobre filha, para não offender com uma recusa o chefe do meu partido!

E Antonio Cypriano apertou entre as suas as mãos delicadas de Sophia.

— A condessa da Rocha dá uma *soirée* ámanhã. E' preciso que appareças, e que appareças alegre e descuidosa como quem vive feliz. E' de crer que te peçam para cantares....

— Desde que casei que não me sento ao piano! Até a musica me recorda a peor situação da minha vida, a de julgar falso e traidor o peito que se estremecia por mim!

— Esqueçâmos tudo. O passado e o puro nada é o mesmo. Vive-se pelo presente, e quando o presente é arido, amenizemol-o. Viver de saudades é sempre triste, quanto mais viver de tão tristes saudades como as tuas! E' querer ser infeliz! Distrae e esquece! Conheço bem que tens nas veias o meu sangue, e no coração a minha indole: eterna nos sentimentos! és bem minha filha!

Depois de uma pausa:

— Irás ao baile ámanhã?

— A solidão consola-me talvez mais do que o mundo, meu pae! O mundo não sympathisa com os que soffrem, porque não podem levar a alegria a um baile ou a uma festa, e vão pela maior parte das vezes tiral-a aos que ainda gosam d'ella!

«Estou costumada já a viver só. A atonia da mi-

nha existencia nem sequer me desagrada. Creio que nem sinto... senão quando me recordo! Uma unica imagem vem ás vezes esclarecer a melancholia dos meus sonhos, mas essa imagem fugiu para sempre e só em sonhos me apparecerá!

— Irás ao baile, repito-te. Roubei-te a felicidade sem querer... restituir-t'a-hei. Irás ao baile — e encontral-o has no baile!

Sophia de Lima estremeceu:

— Vêl-o! Vêl-o de novo?! E com que olhar me cobrirão os seus olhos, Deus meu?

— Com o mesmo olhar com que a tua alma o verá! O da felicidade!

Na noute seguinte teve logar a *soirée* da condessa da Rocha. Ainda a festa ia no principio e já o numero de convidados avultava. A condessa é uma das poucas fidalgas de Lisboa que todas as classes acatam e estimam. Typo da antiga aristocracia portugueza, da nossa boa e digna fidalguia, que á nobreza do sangue reunia a do caracter e a do saber, a condessa da Rocha, que era agora senhora de sessenta annos de edade, ainda possuia o dom de encantar os que a ouviam, pelo acerto da sua conversação.

E' talvez menos elegante o seu salão do que o das Villar, das Castello Branco, das do Lago, das do Valle, de muitas d'esta aristocracia de ha vinte annos, que pela maior parte nem são nobres pelas acções, nem pelos pergaminhos, nem pelas virtude! Mas não reina aqui a atmosphera infecta dos mexericos e calumnias, com que entre sorrisos frios

como os seus corações, se entreteem essas modernas *Pompadours* em desfazerem reputações e ennegrecerem caracteres.

A reapparição de Sophia de Lima foi tão estimada, quanto a sua longa ausencia fôra sentida nas sallas onde a sua voz era considerada como o ornamento indispensavel de um concerto. Mas, sentada ao lado de seu pae, e conversando unicamente com elle, a melancholia que o seu olhar revelava não escapou á perspicacia das pessoas que foram saudal-a.

Em pé, e junto d'ella, estava Luiz de Lima n'um grupo de homens, conversando com o marquez de Villar, Antonio Roma, João de Vasconcellos e Estevão de Mello. A conversação occupava-se das vehementes verrinas que o jornal o *Movimento* estava publicando contra o ministerio, quando Victor Marrocos, um dos redactores principaes d'esta fôlha, appareceu junto d'elles.

— Tenho a cumprimental-o pelo seu artigo de hoje, disse-lhe Luiz de Lima; tem produzido sensação. Diz-se até que o ministro confessára que ninguem o havia ainda incommodado por meio da letra redonda com tão grande tacto jornalistico!

— Ah! refere-se ao segundo artigo?

— Que está brilhantissimo! disse o marquez de Villar!

— Esplendido! disse Estevão de Mello.

— Mas não fui eu que o escrevi, respondeu Victor Marrocos.

— Não?! exclamou o marquez.

— Pois quem? perguntou Luiz de Lima.

— O meu collega na redação, Guilherme da Cunha.

— Ah! exclamaram todos; e, por acaso talvez, todas as vistas cairam sobre Sophia de Lima

— Começa o castigo! disse o barão a meia voz a sua filha, indicando-lhe o medico, vê como teu marido se fez pallido!

— Insultar-me-ha a ponto de se julgar com direito a ter ciumes? perguntou Sophia.

— Não, de certo; mas o seu amor proprio feriu-se pelo triumpho do homem a quem atraiçoou vilmente para alcançar a fortuna que te suppunha!

Effectivamente Luiz de Lima mudára de expressão ao conhecer que fôra o proprio que, sem saber, encetára os louvores a um trabalho do seu inimigo.

— Guilherme da Cunha é um grande talento, disse o marquez. Se os seus trabalhos não apresentam ainda a firmeza de um pulso litterario experimentado, revelam todavia o brilho de um genio ardente e original.

— E' talvez uma vocação perdida nos campos aridos da politica, disse Victor Marrocos; o seu talento pedia mais! N'este paiz a politica vive tanto de coisas pequenas e de pequenos homens, que um genio superior sente-se suffocado no ambito mesquinho d'esta athmosphera! E' um homem que ha de conseguir muito pela grande força de vontade que possue, e pela opulencia de faculdades com que Deus o dotou.

— Talvez cance: disse o medico; ás vezes ha

talentos doirados que perdem o esplendor do espirito com as illusões da alma, e na politica as illusões da alma, perdem-se tão depressa...

— Elle já não tem illusões, senhor Luiz de Lima! disse-lhe Victor Marrocos, acentuando pronunciadamente esta phrase e acompanhando-a de um ironico sorriso.

N'este momento Guilherme da Cunha appareceu na sala e dirigiu-se para o sitio em que estavam o marquez, o barão, Sophia, Luiz de Lima, Victor Marrocos e Estevão de Mello, sem ainda os ter visto.

— E' elle! disse Sophia ao ouvido de seu pae, sendo a primeira a avistal-o.

O barão dirigiu a vista para o lado que sua filha lhe indicava, e viu effectivamente o mancebo que caminhava distrahidamente na direcção em que elles se achavam.

— Oh! chegaste a proposito, disse-lhe Victor Marrocos. Estava-se tratando do teu artigo de hoje.

Guilherme encontrou logo com a vista Sophia de Lima, e a sua phisionomia revelou que uma desagradavel impressão se apoderára do seu espirito.

— Meu charo Cunha, disse-lhe o marquez, é inutil avisal-o de que era á nossa admiração pelo seu talento, que se deviam as nossas opiniões sobre o seu artigo.

— Mais depressa talvez á estima com que me honram, e isso provará menos favoravelmente para o merito do artigo, mas de certo demonstra ainda mais o valor da sua amisade, e é tão grande esse

valor pela raridade! disse o mancebo cobrindo com um olhar desdenhoso e insolente a figura do medico.

— Escreve para ámanhã? perguntou-lhe Victor Marrocos.

— Tenciono: depois do baile.

— E' indiscrição censuravel o meu interesse se lhe perguntar o assumpto? disse-lhe o marquez.

— Nem sei ainda, respondeu Guilherme; de alguma cousa que valha a pena de ser discutida!

— Não se lembre do *Conselho de Saude!* disse-lhe Lima, que era essa a primeira vez, desde o seu casamento, que se encontrava com Guilherme, e que quiz experimentar se era possivel não se quebrarem relações, dirigindo-lhe esta pergunta como se nada houvesse tido logar entre elles.

— Do *Conselho de Saude!* exclamou Guilherme sem olhar sequer para o medico que fazia parte do *Conselho*, pois temos *Conselho de Saude!* Peço perdão da minha ignorancia, mas tratarei d'elle quando elle fizer constar que existe e que faz alguma cousa!

Luiz de Lima tomou o partido de acompanhar com um sorriso a gargalhada com que foi saudado o epigramma.

— Quero apresental-o sr. Cunha, ao nosso amigo o sr. barão de Sousa, que me manifestou o desejo de conhecer pessoalmente o estimavel escriptor que pelos seus artigos tanta predilecção tem sabido merecer!

O barão estendeu a mão a Guilherme com a

mais pronunciada delicadeza e consideração. O mancebo recebeu com frieza os cumprimentos que Antonio Cypriano lhe dirigiu. Sem haver olhado directamente para Sophia, todavia distinguiu que era ella que estava sentada ao lado do barão.

Conversaram durante alguns instantes a respeito de politica, ou antes a respeito do jornal. Mas o barão tratou Guilherme com tanta attenção que Luiz de Lima sentiu-se ferido no seu amor proprio, vendo que o sogro dava mais importancia ao rival vencido, do que ao genro vencedor.

A instancias do barão, Guilherme da Cunha, sentou-se augmentando o circulo formado pelos homens que o leitor encontrou reunidos no baile, logo no principio d'este capitulo.

Os seus olhos encontraram então o fixo e melancholico olhar de Sophia e esse olhar ainda accordou na alma do mancebo todas as suas impressões e saudades.

Antonio Cypriano sem sequer se dar ao incommodo de attender ás «conveniencias», principiou a estabelecer uma conversação em que Sophia tinha necessariamente de tomar parte, pelo menos em responder a algumas perguntas de seu pae. A voz da antiga namorada soou aos ouvidos do mancebo como uma harmonia celeste e magnifica. Os seus olhos demoraram-se um instante a contemplar o pallido rosto d'essa martyr sublime, e quando ella ergueu a vista para Guilherme viu que estavam humidos de pranto os olhos com que parecia adoral-a!

— Ainda me ama! disse Sophia a si propria; e se devéras não é illusão da minha alma julgal-o, então sou menos infeliz do que cuidava!

Apesar de Lima não dirigir mais durante toda a noite a palavra a Guilherme, todavia o mancebo conversou com o barão e com Sophia até ao momento de se retirar da *soirée*, quasi ás duas horas.

Ainda que conversaram muito, todavia nem uma só palavra revelou a menor intenção ao que se havia passado entre elles. Ao ver Guilherme e Sophia de Lima, ninguem diria que já se conheciam, quanto mais que já se haviam amado.

Ambos encontraram differença um ao outro; a magreza, a pallidez, uma não affectada melancholia, tudo revelava que ambos haviam soffrido durante o tempo em que nem se haviam avistado.

José de Athayde appareceu na sala, viu Luiz de Lima, e veio até ao circulo onde Guilherme estava, por assim dizer, reinando: tão prezas pareciam as attenções ao escutal-o!

O noticiarista que estava sem jornal havia tres mezes, e que tinha ido á provincia visitar parentes, chegara a Lisboa n'esse mesmo dia, e tivera apenas tempo de se fazer convidar para o baile d'essa noite.

Depois de cumprimentar Sophia e o barão, e de receber da parte de Guilherme uma secca saudação, viu que a palavra estava concedida ao antigo debutante dos folhetins do *Rei e Povo*, que n'esse tempo não só não era escutado em salões, mas nem sequer era admittido n'elles, e o noticiarista co-

nheceu que para ambos elles havia mudado a epocha, e que emquanto elle ficára sem jornal, teria Guilherme encontrado algum!

— Explica-me esta methamorphose digna de Ovidio! disse José de Athayde a Estevão de Mello puxando-o de parte. A quem está agora arrendada esta *sobreloja* do *Rei e Povo?*

— Meu charo Athayde, respondeu Estevam, o que te sei dizer é que será elle o que d'entre todos nós alcançará fortuna com maior facilidade. E' um moço do mais elevado merito, e que principia a ter grandes protecções!

— Que me dizes?!

— A verdade. Guilherme está encetando carreira debaixo dos melhores auspicios. Has-de em breve vel-o nas camaras fazer uma brilhante figura! Só te digo que o considero tanto, que desejava devéras renovar conhecimento com elle.

— Demonio, já estou arrependido de lhe haver o anno passado dirigido uns dois ou tres epigrammas...

— Não t'os ficará devendo! replicou Estevão. Se não fosse o dom de palavra com que o destino o enriqueceu, este rapaz ainda hoje estaria a rabiscar folhetins sem ninguem lhe dar importancia. E' preciso que saibas que o marquez de Villar que nunca na sua vida o tinha visto, e que não tinha para com elle o menor motivo de protecção, depois de o ouvir uma noite atacar *a epigrammas* tudo e todos, encontrou-lhe tanto espirito que lhe confiou uma parte na redacção do *Movimento.*

— Estás brincando!? Pois este Guilherme da Cunha é redactor do *Movimento?*

— A redacção consta unicamente d'elle, e de Marrocos.

— E aquelles artigos epigrammaticos que teem feito a fortuna do jornal...

— São de Guilherme!

— Aquellas satyras vehementes intituladas — Os ministros da Autuerpia?...

— São de Guilherme!

— Pois meu charo Mello, dir-te-hei que fico considerando o rapaz como o maior talento de todos que n'esta época trepam pela politica com mais ligeireza do que um grumete pelo mastro de um navio! As satyras aos ministros actuaes rivalisam em valor litterario com as *Nemesis* de Barthelemy!

— E' um talento que o amor formou! Tambem, o amor tem desfeito tantos, que era tempo de produzir algum!

— Que tal se dá o Luiz com a mulher?

— Creio que magnificamente! Trata-a com mil attenções, e se ella apparece pouco não é culpa d'elle, que segundo ainda ha pouco me contou, não póde por mais diligencias que empregue, conseguir que ella goste de divertimentos!

— Pobre Luiz! disse Athayde; quem sabe se foi sacrificar-se com este casamento!

— Ha 1/2 hora que essa idéa me assaltou tambem.

— Porque?

— Porque vejo o barão e a filha estarem conversando muito com Guilherme!

— E que te parece? Diz-se talvez que o rapaz ainda...

— E' natural! Sophia é romantica em extremo, e a situação de Guilherme deve alcançar-lhe muito soffriveis fortunas; tu sabes quanto o prestigio costuma cegar as mulheres!

— Se sei! Com que, a teu vêr, o Luiz de Lima ainda vem a servir de assumpto para alguma satyra do Guilherme, satyra... que talvez se conserve inedita!

— Desconfio que o rapaz quer vingar-se de não ter casado, e que a *satyra do marido* é a vingança que quer tirar! Já se vê que não ficará inedito como tu pensas, e que havemos de saborear algum escandalo.

— Deus queira! Lisboa está n'uma semsaboria!

— Insipidez incrivel. Estou com medo de que haja reacção nos costumes. Vejo todos os homens de espirito casarem, e quem sabe se serão elles que reformem a vida de Lisboa no que toca a escandalos conjugaes?

— Não creias isso; n'um homem de letras ha sempre metade de um marido ridiculo! A maior parte das vezes é até o seu talento e o seu espirito que faz as despezas necessarias para a outra metade!

— Mas quero dizer-te que não comprehendo esta subita sympathia que prende o barão a Guilherme, a quem, como sabes, nunca poude vêr com bons olhos, e que demais a mais o metteu no folhetim da *Physiologia do Sogro!*

— Meu Athayde, bem se vê que chegas da provincia. Em Lisboa já ninguem ignora os mysterios d'este barão!

— Que faz elle?

— Vou começar por te dizer o que elle está fazendo n'este momento, depois te direi o que tem feito até aqui.

— N'este momento! disse José d'Athayde, isso vejo eu!

— Não vês nada. N'este momento está-se vingando dos amores do genro com a Ritinha, entregando a filha a uma cavaqueação escandalosa com Guilherme diante de todos, e, peor ainda, diante do marido!

— Pois o Luiz ainda continúa a incendiar-se na chamma sagrada pela Ritinha!

— Doido varrido! Nem tu imaginas, decerto. Quando os homens de pensamento se transformam aos quarenta annos em homens de coração, tornam-se pequenos Claudios Frolos de um ridiculo, de que não ha memoria!

— Creio que vou percebendo: n'esse caso o barão vinga-se do genro, protegendo o Guilherme! Bem lembrada! Mas que deploravel papel representa o Luiz n'esta comedia immoral!

— Não é tanto assim. Á similhança do boticario de Nicolau Tolentino, o barão é o unico que perde n'este joguinho!

— E a dançarina?

— Morre de amores pelo Luiz de Lima. E' o que ainda mais concorre para que elle tenha dentro em

pouco tempo de vêr por que modo Antonio Cypriano se vinga!

— Por fim de tudo, o que tem mais graça é que fomos nós que fizemos este casamento! disse Athayde dando uma gargalhada.

— De collaboração com Thomasia de Villar, que se encarregou dos *couplets* d'este *vaudeville!*

— E cuidas tu que Guilherme não se vinga de nós, por havermos acceitado papeis n'aquella farça de meio caracter que se deu em casa da marqueza, na noite historica em que fizemos um curso de litteratura portugueza, e em que cada um de nós lhe deu tantos conselhos, que o pobre rapaz julgou decerto contrahir uma divida de gratidão para com quem mostrava tomar por elle tão decidido e pronunciado interesse?

N'este momento, Guilherme da Cunha desculpava-se para com a condessa da Rocha, que lhe pedia para recitar qualquer poesia a acompanhar uma walsa que a condessa de Castello Branco ia tocar: mas um olhar de Sophia pareceu rogar-lhe tambem para o ouvir, e Guilherme cedeu.

E' um costume tanto em moda nas salas de Lisboa, este de recitar poesias ao piano, e costume tão estimado pelas damas, que no momento em que principiou a walsa, todas as attenções pareceram presas á poesia de Guilherme.

Ao dizer o primeiro verso, os olhos do mancebo lançaram uma vista melancholica sobre os de Sophia de Lima, que apertou vivamente a mão de seu pae como agradecendo-lhe os momentos de felici-

dade celeste que lhe proporcionara n'esta noite.

Os versos diziam assim:

Amo-te ainda qual nos dias prosperos
Em que sómente de te amar vivi!
E nego, e juro que esqueci teu nome,
Que nunca mais me recordei de ti!

E se no mundo alguma vez te avisto,
Fatal destino só então deploro!
E minto sempre que a dizer m'esquivo
Que de alma ainda, meu amor, te adoro!

Se os labios, frios ao soltar teu nome,
Dizer parecem que este amor morreu,
Minh'alma attesta que a saudade, amiga,
Essa, a saudade! Sempre em mim viveu!

Mas, fria a voz e a feição traidora
Ao mundo attestam que já t'esqueci!
E amo-t'inda qual nos dias prosperos
Em que sómente de te amar vivi!

—Ainda! pensou Sophia. E se estes versos falam verdade, quem sabe se a felicidade virá agora trazer-me maior desgraça ainda!

O sorriso que, em quanto Guilherme recitava, girou nos labios de todos que o escutavam; aquelle sorriso perfido de ironia e de malicia, moeda falsa que tanto corre pela praça do bom mundo, provou ao mancebo que a poesia havia produzido o resultado que elle planeára, porque n'um rapido e como que despreoccupado olhar que volveu para Luiz de Lima, encontrou-o pallido, e viu tornar-se acanhado

e pequeno, á medida que um novo verso vinha despertar algum novo sorriso.

No momento em que Guilherme veiu de novo sentar-se junto do barão de Sousa, os olhos de Sophia humedecidos pela lagrimas espontaneas que as grandes felicidades, assim como os maiores desgostos, fazem ás vezes brotar, fitaram nos d'elle uma vista suave e meiga, que revelava reconhecimento e gratidão por essas mesmas lagrimas que o prazer lhe havia dado.

— E' ainda bem suave a sua voz, Guilherme! balbuciou ella sem reflexão.

— Porque ainda te amo! redarguiu o mancebo em breve tom de voz; porque te amo ainda e sempre!

Nada mais se disse; nem houve tempo para dizerem mais, nem força para o fazer. Essas palavras nasceram da perturbação de ambos: revelou o sentimento, o que a meditação por dignidade e prudencia, houvera calado!

A conversação tornou-se então geral entre algumas senhoras, o barão, Luiz de Lima, o Villar, Estevão de Mello, Athayde, e Guilherme. Falou-se de musica, discutiu-se a antiga e a moderna escóla, fez-se a critica dos maestros mais illustres, e acabou a discussão por uma grave dissidencia entre partidistas daAlboni e da Castellan, questão que n'essa época devorava os espiritos e ateava os animos, a ponto de crear inimisades figadaes e implacaveis entre as senhoras portuguezas.

Havia unicamente de galante n'esta solemne guer-

ra de partidos theatraes, uma pequenina circumstancia em que ninguem fez reparo. E' que as inimisades entre as senhoras não nasceram dos partidos albonista e castellanista, mas sim os partidos nasceram das inimisades entre senhoras! Esta é a verdade.

Em Lisboa é rara entre homens e entre damas, a coragem de uma antipathia declarada, em que o motivo não seja disfarçado.

As modistas pagam por muitas vezes os encargos d'este mau costume. Como D. Beatriz veste de casa de madame Levaillant, as suas inimigas espalham que madame Levaillant não tem gosto para vestidos: com esta asserção ganham terreno para estabelecerem depois que D. Beatriz veste sempre mal!

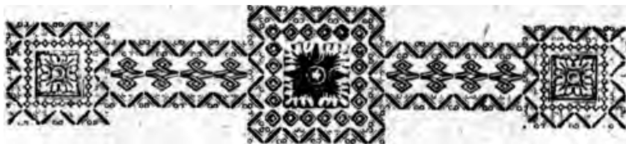
Os cantores, até os artistas estrangeiros, coitados! são victimas dos caprichos e quisilias que se trocam surdamente entre as damas de sociedade, que se beijam umas ás outras, como rollas, com vontade de se devorarem.

Guilherme, durante toda essa discussão gravissima, limitou-se a jogar alguns epigrammas que cairam desapiedados sobre uns e outros: era um verdadeiro *sauve qui peut!* Todavia, por uma attenção que tomou proporções grandiosas aos olhos de Sophia, o mancebo poupou unicamente o barão, que outr'ora o havia calumniado, regeitado, e despresado! Mas são as ultimas impressões as que ficam, e o mais recente inimigo é quasi sempre ao que mais se attende.

Guilherme teve já n'essa noite aquelle consolador sentimento da vaidade, que acompanha todo o homem que se ergue de repente, e chega a fazer dobrar os mais altos ao sopro temivel das ironias!

A mulheres de Lisboa adoram os homens que têem a arte de manejar com igual esmero o epigrama como Aretino, e a amabilidade como Lovelace, do mesmo modo que morrem de amor pelos homens que sabem ser bravos como leões, e meigos como donzellas; por isso para Guilherme a conversação d'essa noite, foi um d'esses triumphos de salão que muitas occasiões alcançam das duas para as tres horas da noite, quando o baile já não está animado e ardente, reputação e celebridade a um espirito ainda na vespera desconhecido, mas d'ahi em diante festejado, em menos tempo talvez do que uma flôr leva a desabrochar ao rocio da madrugada!





XIX

Melitão Vidueira

Melitão Vidueira costumava ter horas de ocio, a que elle chamaria as delicias do *far niente* se soubesse italiano.

Toda a gente tem para as suas *horas de ocio* uma occupação qualquer: a do nosso homem era simples; occupava-se em perder para sempre uma rapariga, alguma pobre infeliz que ao ficar orfã espalhára a vista pelo nebuloso horisonte do seu futuro e não antevêra senão a miseria e a fome, ou a deshonra e a prostituição!

Os moralistas aconselham que n'um caso d'esses se prefira a morte, mas a creatura humana que é menos perfeita do que as suas sentenças assusta-se perante a idéa de desamparar a vida na flôr da edade.

O que ha de notavel nos moralistas é que são

raros os que não reforçam o preceito de São Thomaz «olha para o que elle diz...» Os que acccusam as pobres victimas da desgraça são quasi sempre os que as vão comprar se ellas se vendem, ou pelo menos os que lhes não dão esmolla se ellas mendigam !

Melitão Vidueira era dos que affastam a vista, implacaveis de seriedade, das infelizes que por ahi vão perdidas : eram tambem dos que não comprehendem a mulher de todos, e n'isso louvores sejam dados á pureza dos seus sentimentos ; no que não punha escrupuloo era em ser elle o primeiro que as perdesse, e lhes abrisse a porta fatal da prostituição !

São systemas. *Cada uno tiene su modo de vèr las cosas !*

Quando queria distrahir-se do mau humor a que os vicios são atreitos, porque os pobres por mais que me digam são dotados de um espirito mais tranquillo e mais alegre, ou pela ausencia de ambições ou pela serenidade de consciencia, Melitão ia espairecer até casa da Monica.

A Monica era uma mulher de cincoenta annos, gorda, bexigosa, vermelha, tão depressa gracejadora e galhofeira quando o dia lhe corria bem, como queixosa da fortuna quando o dia lhe ia torto, mas sempre prestavel a servir de interpretre a todos os caprichos mysteriosos dos seus *protectores.*

Estas Monicas de Lisboa são como as Monicas de todas as terras, com a differença de serem menos espertas, e de não saberem falar inglez, o que

lhes faz ás vezes perder a esperança a grandes perspectivas de fortuna, quando chega alguma esquadra britanica.

Houve tempo em Lisboa em que as casas d'estas Monicas eram á saida do theatro o *rendez-vous* constante dos elegantes e da *boa roda* em geral: mas desde mil oitocentos e cincoenta os brasileiros e os embarcadiços ficaram substituindo os antigos frequentadores, com a sinples differença de não darem Champagne, não quebrarem as cadeiras, não irem para lá depois da meia noute, mas em compensação sairem com ellas depois das Ave Marias a passear, ou levarem-as para Carriche unico *oasis* conhecido d'estes maginosos sacrificadores dos prazeres faceis!

N'uma fria e chuvosa noute de janeiro em que o ceu negro e sombrio parecia prometter uma verdadeira noite de inverno, Melitão Vidueira que acabára de jantar ás cinco horas e que desejava entreter o tempo até ás nove para ir jogar o wisth ao Club, lembrou-se de consultar o seu *souvenir*, em certa folha onde costumava marcar o dia e a hora para alguma distracção encommendada.

Encontrou felizmente para o seu *spleen* a seguinte nota:

«21, ás sete horas, Monica.»

— Apparelhem! gritou immediatamente a um criado.

— Vae o *coupé?*

— Vae.

— V. Ex.ª quer falar ao João Rodrigues?

— Que venha.

Um momento depois João Rodrigues apparecia. Era o cocheiro de Melitão, e o seu melhor confidente.

— Que sabes? perguntou-lhe o amo.

— Colhi tres opiniões, respondeu o cocheiro que se presava de ser homem *bem falante*.

— Venha a primeira!

— Que a menina casou já com o homem com quem fugiu. Elle é bom moço, alguma cousa extravagante, mas nem se dá ao jogo nem á *pinga*. Receberam-se ha dois dias, isto é, uma semana depois de fugir a menina, e hontem pelos modos foram para fóra de Lisboa.

— Casou! Está bom. — Dize a tua segunda opinião.

— É que a menina não casou, que o homem com quem fugiu é má firma, e que ainda estão em Lisboa.

— Não casou, e ainda estão em Lisboa! Os demonios me levem se eu te percebo. Emfim, dize a tua terceira opinião!

— A minha terceira opinião é que das duas primeiras não se póde colher nenhuma!

Melitão Vidueira olhou muito sério para João Rodrigues, e depois de uma pausa disse-lhe a rir:

— Não te faças ratão! Já passa de uma semana que minha filha desappareceu de casa, e são essas todas as novidades que me sabes dar, depois de haver querido encarregar-te de saber tudo!

João Rodrigues nem pestanejou.

— Deves ter algum motivo para abrires d'esta vez tão singular excepção á tua regra de bom explorador. Dize a verdade, João Rodrigues!

O coheiro acompanhou a seguinte pergunta com um sorriso de malicia:

— O senhor deseja que a menina torne para casa?

— Não se me daria d'isso; a noticia creio que não tem corrido, e talvez fosse possivel ainda occultar este segredo aos olhos do mundo...

— Pois então, ámanhã verá o senhor que eu ainda me chamo João Rodrigues.

— Visto isso, persuades te...

— Que talvez se arranjem as cousas de modo que a menina appareça! Amanhã de madrugada abalo com os cachimbos, e em sendo noite já hei-de ter certa porção de conhecimentos uteis!

— Não sei! redarguiu Melitão; acho-te tão esmerado nas palavras, que receio tenhas fracas obras! Deu-te agora a mania de pilhar phrases a dente, e estamos frescos se já lês os jornaes!

Um criado veio dizer:

— Está prompto o trem.

Melitão Vidueira entrou para o *coupé* e disse ao cocheiro:

— Rua do Norte.

O trem parou á porta da casa de Monica. O agiota subiu.

— Muito bem apparecido, excellentissimo! disse a velha introduzindo-o para uma saleta. Já não o esperava, com uma noite d'estas!

— É quando mais gosto de a visitar, faz-me lembrar do meu tempo, em que não havia chuva que me assustasse para esta qualidade de emprezas!

— Do seu tempo! exclamou Monica. Então não está a fazer-se velho! Isso é bom para quem o não está vendo com tão bonita apparencia, e desembaraçado como se orçasse pelos seus vinte annos!

— Tratemos do que mais me importa, disse Melitão: que noticias me dá?

— Está-me vendo agoniadissima, respondeu Monica. A pequena de quem eu lhe falei tinha o pae doente havia dois mezes, e estavam sem recursos: a botica já não queria fiar-lhe e o cirurgião tinha dito que se despedia se lhe não pagassem as visitas que já tinha feito, vinha entregar-se para pagar tudo e salvar o pae.

-- Isso não importa a mim, replicou Melitão, vamos ao ponto culminante: ella vem esta noite?

— Pois era ahi que eu me dirigia! O ponto culminante é que o pae morreu, e a rapariga agora diz que não quer.

— Peor para ella! redarguiu o agiota. Não são felizes por sua culpa: preferem a fome. Teem bom gosto!

Monica encolheu os hombros com uma expressão de desdem pela virtude que agradou ao agiota.

— Não está cá ninguem? perguntou Melitão tendo ouvido uma voz de homem.

— Na Saleta *côr de rosa* está um brasileiro.

— Um brasileiro? Está esperando alguem?

— *Uma joia* linda como os amores, e nas mes-

mas circumstancias da tal que eu lhe promettera. Ah! o Brasil esta noite vae ser mais feliz do que Portugal, bem contra minha vontade!

— E loira tambem!

— Como uma libra! respondeu a Monica.

— Melhor ou peor do que a outra?

— Melhor ainda, se é possivel! Tem as mais bonitas mãos que se tem visto, e uns olhos azues que a mim propria, que não me deixo levar por essas coisas, fizeram-me estar de bôca aberta!

— Assegura-me que é a primeira vez que entra aqui?

— Assim eu seja Monica por dilatados annos!

Os olhos de Melitão ao ouvir semelhante affirmativa revelaram que o devasso havia recobrado animo.

— Pois então, disse, é para mim que ella ha de vir.

— Mas o brazileiro?!... redarguiu Monica.

— Não estou costumado a replicas. Dou o dobro... agrada-lhe?

— Vossa excellencia confia bem na sympathia que me inspira! Emfim, vou despedir o Rio de Janeiro!

— Espere. Ia dizendo que na sala estão...

— O Athaýde que escreve para os papeis, e mais tres amigos: quer ser visto?

— Não me importa. Vou entreter com elles em quanto espero. Tardará muito?

— Ficou de vir ás nove horas.

— Pois bem, pergunte a esses senhores se teem duvida em ser vistos.

Momentos depois, Monica que fôra á sala veio dizer:

— Estes senhores respondem que teem o maior gosto pela sua companhia.

Quando Melitão Vidueira appareceu na sala, encontrou alli José d'Athayde, Victor Marrocos e Antonio Roma.

— Se chega um instante mais tarde, disse-lhe Victor Marrocos, perdia o primeiro capitulo de uma historia que se vae contar.

— Intitula-se os «Mysterios de Monica!» replicou José d'Athayde. Vem a proposito das mulheres casadas que são bastante imprudentes para virem a estas casas encontrar-se com um amante, e dos maridos que são sufficientemente excentricos, para tambem cá virem sem se lembrar se encontrarão aqui as esposas!

— Vejo que a historia é immoral! disse Melitão. Ha de ter venda!

— Vou começar! exclamou o noticiarista. Peço a attenção de que é digna uma historia que seria prohibida pelo papa se eu a publicasse, mas faria a fortuna do meu editor!

— Faze-lhe prologo, disse Ernesto Braga; respeitemos os costumes de Lisboa, não ha obra n'esta terra sem prologo, proloquio, e juiso critico! Deves dizer quantos annos tens, e a que escóla se inclina a tua vocação.

— Escóla de Crébillon filho... correcto mas não augmentado; li o *Sophá* ao despontar-me a aurora da existencia, e a minha alma n'um anhélo blan-

dissimo adivinhou a *Justina* do marquez de Sades!

— Fecha ahi o prefacio! gritou Victor Marrocos; o leitor já por isso presente um grande espirito no autor; data de Cintra, para dares côr ao prologo!

— Comece a historia! disseram todos!

— Era uma vez, começou o noticiarista, uma mulher casada que tinha trinta annos. Como qualidades dignas de menção honrosa possuia apenas as de ser bonita deveras, gostar muito do amante e não gostar nada de seu marido.

«Com tão sublimes virtudes póde-se affoitamente illustrar o seu seculo se se juntar a estas prendas de caracter ser dotada de algum espirito, que sempre augmenta quando a occasião precisa d'elle.

«Ora, a heroina de quem lhes falo era dotada de um espirito scintillante e agudo. Quero poupar-lhes o capitulo das descripções; não lhes direi se era córada ou pallida, se tinha olhos azues ou verdes. Imaginem-a casada e tendo trinta annos, imaginem-a ligada a um marido estupido que não a apreciava, e que, por mau gosto ou não sei porque, lhe preferia mulheres faceis e vilmente accessiveis. Ponham de parte todos os mandamentos evangelicos, esqueçam por um momento que as instituições são tão absurdas que prescrevem a uma mulher o ser martyr ignorada e ingloria, mesmo quando seu marido fôr como tantos maridos de Lisboa que adoram o vicio doirado, e que deliram pelas *bacchantes* do *Jardim Chinez*, colloquem-se na posição da minha heroina tendo um coração ardente e uma imaginação meridional — e digam-me se não lhes parece

que teriam, mais tarde ou mais cedo, necessidade de amar alguem?

«Não resa a historia se foi por motivo de urgentissima vingança, ou de capricho de coração, que a dama de quem lhes falo distinguiu entre toda a humanidade que lhe aborrecia, um homem que lhe agradou.

«Agradou-lhe, repito: e se assim aconteceu, é escusado relatar-lhes se era bonito ou feio, se usava *frack* ou *kauchmann;* agradou-lhe, não sei porque, nem que o soubesse o diria. Era talvez mais bello do que seu marido apenas por ser seu amante, emquanto aquelle era mais feio unicamente por ser seu marido: é possivel.

«Certo é que se tornava impossivel á dama dar em sua casa uma entrevista ao pobre do namorado; os amantes são sempre ferteis em más lembranças, e o sympathico moço julgou destruidas todas as difficuldades dizendo-lhe que elle tinha conhecimento com uma certa Lauriana, creatura dotada de superiores virtudes, sobresaindo a da caridade, que por tal fórma se condoía dos embaraços em que costumam encontrar-se dois amantes de posições diversas, que punha a seu serviço o seu prestimo e os seus bons desejos. Depois de algumas objecções que estavam a desejar ser destruidas, a dama consentiu, e o amante ergueu os olhos ao tecto, para agradecer tantos favores ao *firmamento!*

«No dia seguinte, a respeitavel Lauriana abriu a porta da sua *mansão* á heroina do meu conto, que tinha dito a seu marido que ia comprar o *almanach*

para o anno proximo, prevenção que o consorte levou muito em gosto, porque em Lisboa o almanach do anno em que se está é já considerado um almanach antigo!

— Citaste uma das pragas que devoram Lisboa, exclamou Estevão de Mello. Devem ter observado que, ou seja preparo para se acabar o mundo, ou resultado de qualquer phenomeno que eu não adivinho, nasce ultimamente menos gente do que nascia: ponderada esta circumstancia já não devem admirar-se tanto se eu lhes disser que n'esta época apparecem á luz em Lisboa mais almanachs do que creanças! Os recursos que este genero tira da poesia são inauditos, ainda que já não vive dos versos a *ella* e dos olhos azues, verdes, pretos, e côr *d'aza de mosca!* Em poesia as mulheres já não têem olhos. Agora cantam se os insectos e os animaes. *A' borboleta! Ao Tigre! Ao Leão!* É o Bouffon em verso rimado! Este genero ha de ter dura! Só a familia dos macacos dá para um volume: o *orang-otang*, o *saguí*, o *sagú!*

— Continue a historia! gritaram os outros.

José d'Athayde proseguiu:

— O namorado chegou pouco depois, e a utilissima hospitaleira achou n'esses cinco minutos de demora um lindo *mote* para um fluente improviso contra o nosso sexo, na opinião d'ella descuidado e desattencioso.

«Teria talvez passado meia hora, e bateram novamente á porta. Ella mesmo deu entrada a um homem de meia edade, nem alto nem baixo, nem

gordo nem magro, nem bonito nem feio. A senhora Lauriana entreteve-se em *fazer sala*, estiveram conversando ácerca de diversas questões humanitarias, e teve argumentos esta Lauriana com os quaes provou, em sua honra o digamos, muita experiencia do mundo e não vulgar erudição. Porém, no melhor da conversa, a minha heroina que não sabia ter chegado um novo hospede, abre a porta, e dá face a face com seu marido!

— Com a breca! exclamou Melitão Vidueira em grandes gargalhadas. Está-me interessando a historia! Interessam-me todas as historias n'este genero, que aliás é um dos poucos em Lisboa que não estão *deteriorados*!

— Ouça-se a conclusão! gritaram todos.

José d'Athayde proseguiu:

— A situação era delicada, e poucos romancistas saberiam sair d'ella airosamente; mas a minha heroina era superior a um engendrador de novellas, senão em as escrever, pelo menos em as pôr em acção! — Tomou uma resolução repentina e fechando por fóra a porta do gabinete de onde saíra, habil prevenção para que o seu amante não apparecesse, dirigiu-se firme e resoluta até seu marido que a contemplava pasmado, e agarrando-o pela gola do paletot, exclamou com uma expressão furiosa: — «Encontrei-o finalmente! Já não posso duvidar do que todos me dizem! é um ingrato e um falso! um falso e um ingrato!» E rompeu n'uma gritaria acompanhada de suspiros e lagrimas, que assustou o consorte, que se teve forças para lhe coxixar ao

ouvido: — «Perdôa-me por esta vez, minha bichinha!» — «Infame! bradava a mulher casada: ingrato!» — «Tens rasão, mas vamos para casa!» respondia o *caro spozo* em tom de lamuria. — E como por um impulso de generosidade, a heroina acompanhou seu marido depois de entregar ás escondidas um *porte monnaie* bem surtido, á virtuosa Lauriana que principiava a não perceber cousa alguma de tudo isto!

Depois do sorriso prolongado que costuma acolher as anecdotas, houve uma pausa durante a qual os tres homens de espirito que alli se encontravam, Estevão de Mello, José de Athayde e Victor Marrocos pareceram meditar a anecdota, em quanto Melitão Vidueira tomou uma pitada, e consultou o seu relogio impaciente e inquieto.

— E' talvez singular, ponderou Victor Marrocos, como os lisbonenses, gente destituida da veia inventiva para todas as cousas sérias e graves, possuem em tal grau os instinctos do vicio para enganar e falsear, debaixo da eapa elastica d'essa proverbial reputação da sinceridade portugueza!

— E' uma terra, esta nossa, em que as mulheres são mais feias do que os homens, e os homens mais parvos ainda do que as mulheres! A anecdota que o sr. Athayde contou, demonstra bem a segunda parte da minha asserção! disse Melitão Vidueira.

— Emfim! acudiu Victor Marrocos, tambem ha exemplos que comprovam que o talento nasce ás vezes pra as mulheres do instincto de conservação!

A necessidade e urgencia de salvar a honra dá-lhes, ás vezes, o dom de saberem inventar boas farças!

— Deixal-as mentir! poderóu Melitão, uma mulher mentirosa é, debaixo do ponto de vista social, uma mulher *civilisada !* Em Lisboa, durante muito tempo as mulheres não souberam mentir: o que resultava era que os maridos mais facilmente as apanhavam em erro, e se habituavam para mais prompto castigo, ao preceito dos hespanhoes — pão e *pau*. As pobres mulheres de Lisboa principiaram a civilisar-se, a pouco e pouco chegaram ao estado de apuro em que hoje as vêmos, e o resultado de saberem mentir é que já não são os maridos que as castigam, mas sim ellas que batem nos maridos. Oh! prodigiosos effeitos da mentira!

A conversação durou ainda por algum tempo, animada, picante, e espirituosa por vezes. A chuva era cada vez mais forte, o vento rijo, e a trovoada, que já no principio da noite parecia estar ameaçando Lisboa, rebentou furiosa e atterradora.

Melitão Vidueira ergueu-se da cadeira em que estava, e foi abrir uma das janellas para poder julgar da imminencia em que ia a trovoada: e a noite estava por tal fórma escura que elle nem distinguia as casas fronteiras. Sentiu porém parar uma sege, e um secreto presentimento o advertiu que era a rapariga por quem esperava que desceu da sege. Porém, — n'esse momento — um relampago fortissimo o obrigou a recuar, e fechar de novo a janella atterrado e medroso.

A Monica abriu uma porta de mansinho e es-

tendendo a cabeça disse em tom melifluo para o agiota que, cego pela luz do relampago, esfregava os olhos e se encostava á parede para não cair:

—Parou uma sege, e se o meu coração não me engana é o *sugeito* que o procura, excellentissimo!

Melitão não respondeu: o relampago tinha-o amedrontado devéras. A Monica fechou outra vez a porta, e os tres jornalistas dirigiram ao agiota uma chuva de perguntas:—«Quem é a deusa?—É do theatro?—É conhecida?

Melitão distrahiu o atterrado animo enfeitando de côres seductoras a aventura d'esta noite:— E' um anjo de innocencia e de bellesa, uma flôr cujas pétalas viçosas o brilho de setenta libras vae fazer desabroxar!

—Pétalas viçosas, que a fome ia talvez crestar! disse Estevão de Mello.

—Faça uma boa acção, uma acção elevada e digna, exclamou Victor Marrocos:—essa pobre victima que vem n'uma noite d'estas sacrificar para sempre o seu futuro, ha de amaldiçoar o ouro que vem compral-a: queira antes as bençãos de uma desgraçada, do que o remorso de a ter perdido; uma noite é uma noite, e a eternidade é sempre! Siga hoje o que eu lhe aconselho, e esta boa acção ha-de alliviar a sua consciencia dos erros que podem um dia opprimil-a. Entregue esse ouro á infeliz, e mande-a embora; talvez que ella ame alguem, e em Lisboa ninguem casa sem ter dote; diga-lhe que é esse o dote que lhe offerece!

Melitão Vidueira deu uma gargalhada.

— De certo me tomou pelo seu secretario! Esteve ahi dictando um bello artigo! Aproveite essa pagina para alguma obra, edificante! Não desperdice por tal fórma os recursos de uma eloquencia feliz! Com que, setenta libras para fazer casamento á pequerruxa! Bem lembrado. Isso dava eu, sendo preciso, para impedir que ella se casasse! A trovoada produz-lhe idéas virtuosas, sr. Marrocos!

E continuou em ironias e em gargalhadas.

— E' que, redarguiu José d'Athayde, nós que não temos talvez completo direito a pertencer ao gremio dos *homens serios*, somos dotados de singulares maneiras de vêr as cousas; o vicio entretem-nos ás vezes; a virtude não nos escandalisa nunca! Ha em Lisboa um grande numero de homens que julgam alcançar uma tal ou qual victoria em serem os primeiros a perder uma pobre rapariga, sem se lembrarem que a honra d'essa mulher era de tão pouco apreço, que bastou um punhado do seu ouro para a comprar.

N'este momento um trovão fortissimo fez estremecer a casa.

— Julguei que a trovoada abrandasse com as suas sentimentaes idéas, mas vejo que até ella lhe resiste! Ah! ah! ah! disse o agiota rindo com gosto.

A Monica abriu n'esta occasião a porta e tornou a estender o pescoço.

— Era ella? perguntou Melitão.

— Em pessoa.

— Bem! Excellente! Diga-lhe que entre para

aqui, para estes senhores me dizerem quando a virem, se devéras teriam animo de só lhe tratar do casamento! Ah! ah! ah! Meus charos, a virtude é uma palavra antiga que ficou de *conserva* para abrir o appetite ao leitor n'um romance ou n'um artigo de fundo!

— Eil-a! disse a Monica entrando e conduzindo pela mão uma linda figura de mulher, de fronte pendida, e olhos no chão. Não lhe fale muito de rijo para não a assustar, porque ella está toda tremula, não é assim, minha pombinha?

A rapariga conservou se de olhos baixos, e não respondeu uma unica palavra. Melitão tomou um ar galanteador, e dirigiu-se até ella:

— Queira fitar nos meus olhos esses dois astros de luz! disse o agiota.

Mas no momento de pegar da mão á rapariga, que estremecêra toda ao ouvir aquella voz, ambos se encontraram n'um olhar e se reconheceram. Ella deu um dilacerante grito de angustia, e caíu desamparada sobre o chão. Emquanto a elle, livido e convulso, parecia querer reunir todas as suas idéas e forças, para alcançar a certeza de que estava atravessando por algum sonho fatal e horrivel.

No momento em que os tres jornalistas se ergueram, para levantar do chão a mulher desmaiada, o agiota arremeçou-se de encontro a elles, e impediu que lhe tocassem: cobriu-lhe então o rosto com os braços, e disse para Monica:

— Apague as luzes!

Como a velha hesitasse por nada comprehender

do que se estava passando, a mão do agiota, energica e pesada como manopla de ferro, apertou-lhe de tal fórma um dos braços, que ella prescindiu de segunda ordem, e apagou as luzes.

— Que quer isto dizer? exclamou Victor Marrocos: para que se apagam as luzes?

Mas nem Melitão nem a Monica, que tremia toda, responderam. O clarão de um relampago veiu por instantes alumiar a casa, entrando pelas fendas da janella: os tres jornalistas poderam vêr n'esse momento Melitão Vidueira levando nos braços o vulto alvejante da rapariga, e ouviram o fechar por fóra a porta. Ás escuras mesmo, os tres homens tentaram approximar-se da porta e arrombal-a; no momento em que o conseguiram ouviu-se o rodar de um trem que fugia rapido. Os jornalistas logo que encontraram luz percorreram debalde todos os quartos da casa: Melitão e a rapariga tinham desapparecido.

— Mas o que significa tudo isto! exclamou Estevão.

— Que o Melitão veiu continuar a minha anedocta de ainda ha pouco, e que, se não encontrou como o outro sua mulher, veiu aqui encontrar a sua amante! Pena foi não lhe podermos vêr a cara!

— Quem era esta rapariga? perguntou Estevão á Monica, que estava tomando goles d'agua, porque lhe haviam apparecido soluços.

— Nem... nunca a... a... vi!

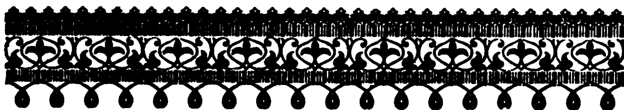
— Mas quem lh'a trouxe, d'onde caiu esta mulher?

— Do in... infer... no, para me... ral... rallar!

Os jornalistas sahiram, depois de procurarem debalde resolver o problema mysterioso de Melitão Vidueira.

Por mais perguntas que se lhe fizesse, a Monica não quiz responder em termos claros. Havia percebido que reinava um segredo em toda a historia d'esta noite, e receava perder tudo por falar de mais. A manopla de Melitão ainda parecia esmagal-a, e por mais goles d'agua que bebesse, os soluços cada vez eram mais!





XX

Diligencias de João Rodrigues.—«A feira da Ladra.»—As hortas.—O theatro da Rua dos Condes.—O Jardim Chinez.

Logo que viu romper o dia, João Rodrigues decidiu-se a desamparar Morpheu; e dispoz-se a levar ao cabo com exito satisfatorio a promessa que fizera ao bom do seu patrão, de lhe dar conta da filha quanto antes.

—Negro seja eu feito, se não percebo já a *cantiga!* dizia João Rodrigues, escovando um bom collete de velludo de todo o preço, que envergou momentos depois, dando novo realce ao exterior de sua recommendavel figura: sim! a *cantiga* já lhe eu percebo! A menina a estas horas lava-se em pranto que nem uma Magdalena! O melro tem-me seus ares de ser d'estes janotas de perna torta, a quem não chega o dinheiro para meia vara de linguiça! Deus queira que eu me engane, mas estava

capaz de jurar que o rapasote deve ser amigo do Procopio, e que o Procopio é quem me ha de desdobrar a meada! Hoje é domingo, o sol já vae alto, d'aqui até á horta do Peru não levo menos de tres quartos d'hora, quero que chegue lá ás oito... E' o caso! Vou-me ao Procopio!

E João Rodrigues pôz o seu grilhão, que tinha apenas a graça de trinta moedas de peso, metteu no dedo o annel dos dias santos — magnifico e até enorme annel de brilhantes, que havia comprado já ía em tres annos n'uma barraca de ourives na feira do Campo Grande — vestiu a sua jaqueta de panno azul, pôz na cabeça um chapéu de castor que tinha sido do amo, embrulhou n'um lenço de seda uma jaqueta de panninho, prevenção que sempre tomava quando se dispunha a ir passar o dia ás hortas, no que tambem levava em vista differençar-se do *vulgo*, que tem por costume n'essas funcções ficar em mangas de camiza.

Era um lindo dia de inverno, claro, frio e secco. A trovoada da vespera havia limpado o céu, e só raras nuvensinhas brancas appareciam.

João Rodrigues dirigiu seus passos na direcção do Campo de Sant'Anna, sempre scismando, como é de crêr de tão delicada situação, na mais fina maneira de levar a agua ao seu moinho. — «Quem me diz a mim que o Procopio não esteja hoje na feira? — » perguntava aos seus botões o bom do João Rodrigues, não obstante repartir a sua attenção em receber e retribuir as saudações de diversos amigos e conhecidos que o cortejavam pelo ca-

minho, e lhe perguntavam em tom jovial e de estabelecida liberdade:

«Então, toca a ir até ao *Collete Encarnado?*»

«Hoje vae-se ao *Peru*, que tem lá um de dezeseis, que é de *chupêta!*»

«Branco ou tinto?»

«Tinto. Oh! mas aquillo é o summo da uva!»

E João Rodrigues, ás duas por tres, deu de cara com a feira de Ladra.

Os criticos perluxos querem talvez que eu descreva a feira da Ladra desde a entrada para o *sol* da praça dos touros, até á Carreira dos Cavallos. Hão de suas senhorias perdoar-me, se estiverem em maré de clemencia: certo é que não me proponho senão dar aos leitores das provincias uma idéa ligeira e fugitiva do que é a nossa popular feira da Ladra.

A feira da Ladra é a ultima expressão das cousas sérias da vida. E' o livro que consumiu em noites de trabalho a imaginação de um homem de talento, livro que andou em mãos de senhoras, que foi lido e decorado n'uma certa época em que foi da moda, que se emprestou a um conhecido que nunca mais o restituiu, como costumam fazer todos os conhecidos a todos os livros que lhes são emprestados, que n'um dia de mau humor contra a lettra redonda, ou de ausencia de cobre para cigarros, o vendeu em companhia de um chapéu velho a que deu *agua e escova*, ultima droga com que estes Dulcamaras de trastes velhos, tentam por um supremo esforço da sciencia dos charlatães, appa-

rentar de assetinado e lustroso o chapéu ruço e falto de pello, que a todo o instante obriga o philosopho de occasião, que não tem dinheiro para outro — a meditar quanto é devastadora e implacavel a marcha incessante do tempo!

Estas botas em segunda mão? Dançaram n'um baile de nupcias, calçadas nos pés do noivo! O polimento com o calor das luzes, e com a agitação phrenetica das walsas e das mazurkas, n'essa mesma noite estallou; foram ainda testemunhas, essas outr'ora lindas botas, de mil cousas doces e meigas que se disseram os noivos na alcôva nupcial: ainda ellas escutaram os primeiros beijos que se deram, e sobretudo os suspiros ardentes que o amor incendiava, tão forte era o fogo dos sentidos!... No dia seguinte passaram a ser propriedade do criado particular, que por algum tempo as conservou em seu poder sem as calçar por lhe não servirem, até que as vendeu ao criado da taboa que calçava pelo pé de seu amo. Pois bem! quatro mezes depois d'essa noite de nupcias, rica de esperanças de felicidade, estas mesmas botas calçadas nos pés do lacaio, acompanharam a carruagem que conduzia a senhora á primeira entrevista com um amante, á primeira infidelidade conjugal, á primeira traição da esposa! E no momento em que ella entrou d'outra vez para a carruagem, manchada já pelos beijos de um amante, envilecida pela consciencia do seu erro, o criado veiu fechar a portinhola, e as botas estalaram d'outra vez! Vendidas então a um ferro-velho, vendem-se hoje por pouco dinheiro; quem as quer,

estas botas que tem ainda os canos em tão bom estado?

A cruel irrisão que parece presidir ao destino das cousas humanas, faz com que se exponha ás vistas do comprador ao lado de uma enxerga que a fome obrigou a vender a uma pobre orphã desamparada na vida, que levou o cumprimento dos preceitos de sua mãe até ao ponto de olhar mais á honra do que ás commodidades da vida, e querer antes passar as noites estendida nos lagedos humidos da sua pobre casa, mal embrulhada nos tristes andrajos da miseria, do que vender o corpo nos prostibulos doirados, onde o dinheiro dos ricos vae mercadejar a honra das desgraçadas — essa pungente ironia do acaso faz com que ao lado d'essa enxerga vendida para ter pão, esteja o *leito á franceza*, que as prodigalidades de uma fidalga obrigaram a entregar aos crédores, que nem respeitaram aquelle ultimo direito dos penhorados — agua e cama! A feira da Ladra é tudo quanto ha no mundo quando, já velho, arruinado, sujo, feio, inappetecivel, tem corrido de mão em mão, de comprador para comprador, de um basar para outro basar, de um ferro-velho para outro ferro-velho!

Este castão de marfim finissimo, que foi primeiro de uma bengalla, e foi depois de um chapéu de chuva, hoje que já está amarello e sem brilho, não é de um chapéu de chuva, nem de uma bengalla, é da feira da Ladra!

N'esse montão de chaves velhas e ferrugentas, algumas serviram n'outro tempo para abrir a porta

de um *boudoir*, e conduzirem a um *rendez-vous*! Outras, foram encommendadas de proposito para roubar uma casa, por *Cartouches* domesticados que haviam tirado em cêra o molde á fechadura!

Lembraes-vos de haver encontrado no principio da vida uma certa rapariga loura, branca e de olhos azues, elegante, vaporosa, seductora por mil encantos magnificos, por ter as mãos longas e finas, os pés pequenos e bem feitos, a cintura delicada e breve, um sorriso cheio de illusões e de esperanças a brincar-lhe nos labios rosados e viçosos, que deixavam vêr ao entre-abrir se os mais brilhantes dentes que se póde sonhar? Depois, tendo-a perdido de vista durante muito tempo, durante dez annos, quinze annos, vinte annos, não haveis encontrado um dia uma repugnante figura de mulher, embrulhada n'um capote côr de pinhão, russo, velho, curto: e com um lenço de chita na cabeça, um lenço de chita azul meio sujo pelo tabaco, porque é ás pontas d'esse lenço que ella costuma assoar-se? E quando vos perguntam não tanto para experimentar a vossa remeniscencia, quanto para vos fazer sentir o que vale e póde a marcha incessante do tempo — se não conheceis já essa mulher que n'outro tempo conhecestes tanto: quando, emfim, vos dizem que essa velha creatura é a que era n'outro tempo aquella gentil figura de mulher, loura, branca e de olhos azues, que perdeu com a mocidade as feições de mulher, e que hoje enrugada, embrutecida, repellente, nem se lembra do que foi, nem do que é...

Pois bem! essa mulher é a feira da Ladra! A feira da Ladra é aquella figura que encontrastes já na vida, e a quem amastes, que arruinada hoje pelo tempo e pela desgraça, nem já amaes, nem já conheceis! Dormistes n'esse leito á franceza, usastes esse chapéu de castor, andastes com essa bengalla — e hoje terieis vergonha de passear com essa bengalla, terieis nojo de usar esse chapéu e de dormir n'esse leito!

— Pschiu! pschiu!

João Rodrigues tinha por costume não olhar para traz unicamente por ouvir *pschiu*, e fez que não era comsigo, apesar de estar em duvida se era ou não.

— O' sr. João Rodriges! você não ouve?

— Ouço, mas não me chamo *pschiu!*

Isto disse em tom de superioridade este philosophico cocheiro, encarando com uma adéla gordanchuda que parou deante d'elle, e lhe bateu no hombro duas palmadas formidaveis.

— Apre! que foi de rijo! sôra Quiteria! essas festas que me faz, quando me deixará pagar lh'as com caricias?

—Já você principia a derreter-se, estamos perdidos!

— A que devo o gosto de haver sido interpellado pela sua amavel?

— Quiz saber noticias suas, e mais perguntar-lhe se está como parece?

— Se pareço bem, você o dirá; que me sinto bom e rijo, lhe posso eu jurar! Tão rijo ou tão pouco, que vou na *alhêta* do Procopio até á horta do Peru, se não o encontrar na feira.

— Pois vae perder o seu tempo, porque elle foi hoje jantar com o compadre ao *Collete Encarnado.*

— Foi para o *Collete Encarnado*, aquelle ladrão? então querem lá vêr, não me faz tocar os *machinhos pretos* até lá!

— Tivera eu as suas pernas, que me havia isso dar grande cuidado!

— Possuira eu as suas, que por feliz me déra só de as vêr!

E ahi vae João Rodrigues, sempre com a imaginação envolvida nos calculos e planos que lhe estavam dando voltas ao juizo, caminho do *Collete Encarnado*, que fica á entrada do Campo Grande. Nada houve de notavel durante o transito de *um a outro campo*, e todavia desde o de *Sant'Anna* até ao *Grande* medeia uma legua, distancia sufficiente para cançar homens vulgares, mas que não serve aos Joões Rodrigues senão de abrir o appetite e dispôr o espirito a uma certa veia comica, que é *do tom* em quem vae ás hortas.

O *Collete Encarnado* é como o *Peru*, o *Quintalinho*, as *Côrtes*, uma horta como todas as hortas. A leitora terá por certo ouvido, de uma ou de outra vez dizer no theatro, algum personagem de farça de meio caracter — Fomos ás *hortas*, vamos ás *hortas*, queres ir ás *hortas?*

As *hortas* por si são um local sem encanto, porém o *ir ás hortas* constitue a festa: o prazer não consiste em *estar nas hortas*, mas em *ir ás hortas!* O prazer consiste no passeio, na boa companhia e na liberdade que o caminho permitte, porque as

hortas são quasi sempre fóra das portas da cidade.

O nosso povo gosta d'este passatempo. Ao domingo vae a gente das classes inferiores divertir-se fóra de Lisboa, a algum d'esses quintalões onde se passa alegremente o dia, cantando, tocando guitarra, jogando a malha, ou passeando. N'uma das extremidades da horta costuma haver uma casa de pasto, onde se não julga preciso haver lista, porque quasi sempre as iguarias se limitam ao «peixe frito» e «chouriço com ovos.» Uns «pasteis de bacalhau» augmentam ás vezes o banquete, e uns «queijos de marmelada» servem de lauta sobremeza.

Os homens com a merenda embrulhada n'um lenço branco pendurado ao varapau ou á bengalla, e as mulheres de capote no braço — o capote classico das mulheres portuguezas, historico traste que só em Portugal se usa e que converterá em Clothos as mais primorosas nymphas sempre que se faça acompanhar do celebre lenço engommado na cabeça!

João Rodrigues e o Procopio desde o instante em que se encontraram deram logo o braço um ao outro, e coxixaram todo o santissimo dia. Foi segredo o que disseram, e como tal nem eu proprio adivinho: o que se sabe é que ao cair da noite o Procopio e o João Rodrigues retiraram *em seu juizo*, circumstancia que fez com que os assistentes ponderassem que devia haver caso de seriedade na vida de um d'estes heroes para que levassem a austeridade ao grau de ir ás hortas e não se embriagarem.

Durante o caminho vieram taciturnos, e apenas

se percebia nos seus designios o firme proposito de irem ao *theatro da Rua dos Condes.*

A isto diz o leitor: porque iam então taciturnos?

Mas o mysterio que domina este capitulo impede-me fazer revelações intempestivas. O que é já para se contar é que era noite de beneficio, e que os heroes compraram a chave de uma torrinha por tres tostões!

Este theatro, o unico verdadeiramente popular que ha n'este paiz, e que possa dar uma idéa dos que no estrangeiro são exclusivamente consagrados ao genero de espectaculos que mais agrada ás classes inferiores, e que esteja ao alcance das classes menos abastadas, é talvez o que em Lisboa tem maior concorrencia, e aquelle cujo repertorio mais se sustenta, e se torna de maior utilidade para a empreza e para os auctores.

O que, sobretudo, alli diverte mais, é a comedia dos espectadores. A esse respeito contaremos o que um escreveu á familia, que vive fóra de Lisboa, correspondencia em que ha para notar certo espirito de observação, e atticismo, que só em Porto-Brandão se encontra. Eis o caso:

Isidoro Mattoso Mattinho da Matta, estudante de S. João Nepumeceno, authenticamente natural de Porto Brandão, e chegado a Lisboa haveria um mez, concluira as suas matriculas em latinidade, e *leves tinturas* de francez, e resolvera entreter a noite no theatro da rua dos Condes, para o que marcara na lista das despezas miudas que na ves-

pera tinha enviado á casa paterna — «seis vintens para o cabello.»

Mas Isidoro não cortára o cabello! Esses seis vintens serviram para o estudante comprar á porta do theatro um bilhete da superior. O contratador embaçou-o desapiedadamente e lambeu-se com a idéa de que a poucos collegas succederia n'uma noite de beneficio vender bilhetes por tão alto preço.

Isidoro Mattoso escreveu á familia no dia seguinte, e mandou lhe dizer n'estes termos a fiel resenha de suas observações.

A carta principia em estylo de filho obediente, seguem-se os cumprimentos que nada interessam aos leitores; e é depois que Isidoro começa a discorrer assim:

A sala (tinha vontade de lhe chamar cozinha) apresenta um aspecto animado, e chistoso. Nos camarotes agrupam-se, e encarapitam-se as familias sequiosas e soffregas de arte dramatica. Cada torrinha accommóda quatorze pessoas, que para felicidade do dono da casa não pertencem todas á mesma familia, e cujo todo consta das seguintes partes que aqui vou marcar em fórma de rol da roupa suja:

Pessoas da casa........................	5
Os primos das Janellas Verdes...........	4
Os compadres da Pampulha..............	3
A visinha do 5.º andar, e o menino.......	2
Somma	14

N'um dos intervallos ha funcção no camarote. Reunem-se os comestiveis que os diversos convivas tiveram a lembrança de levar, e o dono da casa, que pendurou a sobrecasaca n'um dos cabides para chapeos, tira de uma algibeira uma garrafinha de certo e determinado vinhito que alegra o paladar, e espiritualisa a sociedade!

No meio do banquete dá se o signal para a symphonia: o pequeno da visinha logo que o panno sobe, trepa para cima de um banco para disfructar o jogo da scena, e deita ao chão a garrafa que se faz em pedaços. O publico pede silencio. Cada conviva se apodera do seu quinhão no *pique-nique*, e poem-se ás costas uns dos outros para gosar os encantos da declamação, conservando um silencio mais do que religioso. N'essas noites, porém, o espectador tem as suas regalias; póde gritar *béo béo* com mais desafogo, porque em noite de beneficio, e dia santo, as hortas de Santa Martha são aos olhos da auctoridade convenientemente representadas por um publico benemerito.»

Encarapitados n'uma torrinha, João Rodrigues e o seu amigo Procopio, revelaram pelo modo de olhar, que os agitava alguma idéa, porque sem prestarem a attenção á comedia magica que estava entretendo os animos, não faziam senão debruçar-se do camarote e correrem com inquietas vistas a platéa e as frisas, em ar de quem está procurando alguem.

Quasi no fim do primeiro acto, abriu-se uma das *frisas* de bocca, e appareceram quatros rapazes

que chamaram a si a attenção do publico pelo motim que fizeram, e tom de voz em que conversavam.

João Rodrigues esbugalhou os olhos, e deu um pulo de contente quando ouviu o seu Procopio dizer-lhe com expressão de solemne jubilo:

— Lá está elle!

— Qual é? perguntou o cocheiro deixando que se lhe espreguiçasse no semblante o sorriso da intima alegria.

— O da manta! respondeu o Procopio.

— Depois, ambos examinaram em silencio um dos rapazes da frisa, mancebo louro e bem parecido que conversava com os seus amigos sem dar importancia á comedia, e não cessava um instante de saudar, ora abaixando a cabeça, ora acenando com a mão, diversos conhecimentos seus que lhe retribuiam com um sorriso amavel. De vez em quando olhava para os actores, e tão depressa piscava os olhos a um, como fazia uma careta a outro, obrigando-os a sorrirem-se para elle, e demonstrando ao publico a boa intimidade que reinava entre a sua pessoa e os artistas dramaticos, genero de elegancia presado por certa roda de Lisboa, que estima em muito tratar-se por tu com os actores e com as actrizes, apesar mesmo de terem a certeza de não possuir o amor d'estas, nem a amizade d'aquelles.

Logo que desceu o panno, João Rodrigues e Procopio aproveitaram o intervallo para darem execução ao projecto que haviam formado, e des-

ceram a escada que conduz ao salão do theatro: quando chegaram á entrada do corredor das frisas, viram o rapaz da manta dirigir-se ao botequim do theatro.

— Caluda! disse o Procopio ao cocheiro: cá temos o homem!

E foram sentar-se na meza proxima á que o rapaz escolhera.

— Boa noite, José Teixeira! disse-lhe Procopio: queres-te servir de um café, ou de outra qualquer bebida?

— Obrigado! respondeu o rapaz da manta. Vou tomar meio *grog* para me refrescar! Esta noite preciso d'estes *gelados!*

— Então, *vae torta* esta noite, se me não engano! replicou Procopio fazendo-se amavel.

— Estou sem vintem, e sem mulher!

— Ora, mulheres não faltam! accudiu João Rodrigues que entendeu dever tomar parte na conversa.

— *Abalou me* hontem um *peixe* de recommendação!

— Ah maganão! disse Procopio, amores novos! Agora por isso, d'esta vez não tenho eu dó de ti! Já por cá se sabe que a sua senhoria pertence-lhe agora certa menina... filha de certo menino...

— O' que menino! disse João Rodrigues: até *meninó!* Se é o que eu penso, ó Procopio...

— E' esse, sim — o agiota Vidueira...

— Ah! sabiam?! disse o rapaz da manta indo sentar-se á meza com os dois heroes: pois foi essa mesma. *Abalou-me* hontem!

— *Abalou te!* exclamou Procopio: que me dizes? João Rodrigues nem pestanejava.

— Hontem á noite quando cheguei a casa, era pela volta da madrugada, e ainda não tinha apparecido! Assim que rompeu a manhã fui procural-a a uma casa onde ella tinha ido passar a noite e a dona da casa depois de me pôr os miolos a arder com respostas que não se entendiam, declarou-me que não sabia d'ella e que, desde as nove horas da noite, não a tornára a vêr!

Procopio deu um beliscão em João Rodrigues que lhe correspondeu pisando-lhe o pé. Começaram a beber, e instaram com o rapaz para que tomasse *grog* sobre *grog*: durante o tempo que levou a representar o segundo acto conseguiram pol-o em estado de já não poder entrar de novo para a frisa: lembrou-se elle de ir ao *Jardim Chinez* e teimou em que o acompanhassem porque sonhava encontrar alli a Proserpina raptada.

João Rodrigues e Procopio levantaram-se para pagar, e o cocheiro disse de relance ao seu amigo:

— E' preciso sabermos que idéas eram as d'elle a respeito da menina!

— Deixa-o commigo: agora que já está *pio* vae despejar os segredos!

Pelo caminho, Procopio perguntou ao rapaz:

— Que idéas tinhas tu a respeito da pequena? querias casar com ella?

— Casar! redarguiu o rapaz, rindo e cambaleando. Qual casar! Eu namorei-a porque havia um *melro endinheirado* que andava com a vista n'ella, e que

me incumbiu de eu lhe fazer os meus *rapa-pés* a vêr se caia na ratoeira!

João Rodrigues fez-se fullo: o Procopio proseguiu:

—E depois? Ella consentiu?

—Não; mas eu fil-a passar fomes, e disse-lhe que não tinha vintem porque me falhara tudo com que eu contava! No fim de oito dias em que o pão não tinha ficado de um dia para o outro (para não endurecer! ponderou o rapaz com uma gargalhada) a pequena resolveu-se a ir pedir a meu padrinho (o *tal melro* é que havia de fazer de meu padrinho! ponderou o rapaz com outra gargalhada) que fizesse as pazes commigo, e que me alcançasse um emprego! Já se vê que o padrinho se encarregaria de a levar por bonitas palavras a acceitar as suas condições...

João Rodrigues comia o cigarro em que estava fumando, roendo-o como um desesperado.

—E depois? perguntou ainda o Procopio.

—Depois é que eu não sei! respondeu o rapaz. Hontem á noite é que ella foi, e não a tornei a vêr desde então!

Até á Praça da Alegria nada mais se disse: o cocheiro parecia deitar chammas pelos olhos, Procopio ficára scismatico, e José Teixeira, porque o leitor já o conheceu de certo que o rapaz da manta não é outro, continuava a camba ear.

Como talvez não cheguemos a entrar no *Jardim Chinez*, e os leitores das provincias ficariam queixosos se não lhes fizessemos a descripção d'este di-

vertimento, depois de havermos falado d'elle, é justo que abandonemos por um instante os tres heroes d'este capitulo.

O *Jardim Chinez* era um baile publico onde as raparigas de má conducta iam distrair-se ás terças-feiras e aos sabbados no verão, assim como iam ao *Baile Nacional* ás quintas-feiras no inverno.

As *mulheres de marmore* de Lisboa não são essas pobres infelizes: assim como na antiga Roma as verdadeiras cortesãs eram as mulheres dos imperadores e as filhas dos imperadores, assim em Lisboa as verdadeiras *mulheres de marmore* não são as que dançam no *Jardim Chinez!*

As raparigas perdidas de Lisboa distinguem-se por mil circumstancias curiosas.

Quem usa por casa sapatos de setim branco?

Quem gosta de vêr saltar rolhas de garrafas de Champagne?

Quem é que no theatro toma n'um entreacto chá, no outro sorvete, no outro chocolate, e no outro pasteis?

Quem usa meias de seda no inverno, e desdenha as de *fil-d'Ecoce*?

Quem usa sempre saias bordadas, e nos dedos mais de tres anneis?

Ellas, sempre ellas, as pobres *mulheres de... gesso* de Lisboa. Todavia, oh abnegação sublime das grandes almas! preferem roubar um estrangeiro a arruinar um portuguez. Entre ellas a moda prescreve dois entes que attravessem a sua existencia — um amante, e um inglez.

O inglez é o editor responsavel das idas a Carriche, dos camarotes em S. Carlos, e da renda das casas.

O amante é encarregado do coração.

Ainda assim para ser inglez não basta ser inglez. As mulheres de... *gesso* não consideram inglez senão o que é rico. Um homem pobre até perde a naturalisação aos olhos d'estas estimaveis creaturas!

A moda ainda lhes impõe mais um petrecho, é um cãosinho inglez para as acompanhar. A' falta de um *king-charles* póde servir um rapasinho até onze annos, especie de pequeno defensor d'aquella virtude.

Pelo entrudo vão a todos os bailes publicos, e a quarta feira de cinza vem encontral-as pallidas, desgrenhadas, e sem dinheiro. Estão dois dias a caldos de galinha o que para ellas é peor do que estar a *pão e laranja*, e ao terceiro dia enfeitam-se, pintam-se, e vão passear ao Passeio Publico.

Teem um dia em que são virtuosas e puras como as mais puras e virtuosas. N'este dia as raparigas de má vida de Lisboa nem estão á janella, nem recebem ninguem. E' em sexta feira de Paixão.

Depois, no sabbado d'Alleluia já lamentam não haver *Jardim Chinez!*

E' curioso vel-as n'um dia de procissão ou de parada, quando ellas se pavonêam n'uma carruagem de aluguer!

Ou n'uma tarde de touros, quando tomam aquelle *divertimento* como ligeiro pretexto para se apresen-

tarem n'um camarote de primeira ordem, ao lado de uma duqueza, e por cima de alguns barões!

E conhecem-se, differençam-se, apontam-se entre mil, essas pobres infelizes que raras vezes são elegantes á força de se perderem pelo requinte e pelo extremo!

Tendo quasi sempre passado os primeiros annos da sua vida ou opprimidas pela miseria, ou ignoradas no centro do viver modesto de uma familia de condição mediocre, antevêem os triumphos do vicio e tentam depois ser felizes pelas sumptuosidades da vida exterior!

Reunidas no *Jardim Chinez* em companhia dos seus predilectos, têem ás vezes ciumes mais verdadeiros do que muitos que se affectam nas salas, e como não têem adoradores que por sua causa se batam á pistolla ou ao sabre, encarregam-se ellas mesmas da desaffronta e, modernas amazonas, arrancam os cabellos umas ás outras!

João Rodrigues quando se viu no meio da Praça de Alegria voltou-se para Procopio e disse-lhe a meia voz:

— Ficâmos já despedidos, e obrigado por este encommodo. Faze favor de te deixares vêr pelas costas, porque tenho duas palavras a dizer cá ao menino, e não preciso pár para esta contradança!

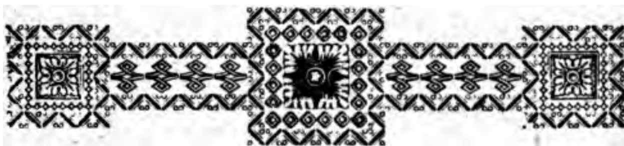
O amigo Procopio apertou a mão do cocheiro, e fingiu demorar-se a examinar o numero de uma porta: logo porém que João Rodrigues e José Teixeira deram mais alguns passos, voltou para a direita e seguiu a rua da Gloria. Não chegára a me-

tade d'ella quando ouviu gritos de soccorro e logo depois o som de apitos.

— O João Rodrigues fez algum presente ao rapaz! disse este Procopio sem alterar o passo.

Era José Teixeira que estendido no chão chamava soccorro contra o seu companheiro João Rodrigues, que lhe déra uma facada e o deixára sem lhe dizer adeus.





XXI

No theatro de S. Carlos—A imprensa e a platéa. — As cartas da marqueza

Constou logo em sociedade a noticia da ligação que existia entre Luiz de Lima e a dançarina.

Por muitas vez a marqueza de Villar, em casa de quem já raras vezes apparecia o medico, dando sempre mil pretextos para não se encontrarem em casa da modista porque receava uma explicação, havia observado que o seu protegido amante não faltava a uma unica recita de S. Carlos.

Com o rempo foi acontecendo o que por estas occasiões costuma sempre succeder, e que deu a idéa para o proverbio — *a verdade é como o azeite* — isto é a marqueza ora por um epigramma que lhe jogava alguma amiga, ora por um surriso ma-

licioso e perfido que se trocava entre pessoas da sua intimidade na occasião de Ritinha entrar em scena, percebeu ou desconfiou pelo menos de que havia alguma relação entre si e a dançarina, relação que ella ignorava ainda, mas que os olhos de Ritinha lhe deram a conhecer porque repetidas vezes se fitaram nos de Luiz de Lima.

A marqueza fez-se pallida de cholera.

— Será possivel? perguntou a si propria. Trahida por causa de similhante mulher! esquecer-me e dar preferencia a uma dançarina, para que o ridiculo seja todo meu, e que as minhas amigas tenham o direito de se divertirem com a minha situação! Duvido ainda.

E duvidava devéras, e duvidaria sempre, porque o medico tinha sabido ser tão perfeito actor que o papel de «amante fiel» nunca havia sido declamado com tanta verdade de expressão, de olhar, e de meiguice.

As mulheres como a marqueza vaidosas e presumidas, são tão difficeis de se reconhecerem vencidas, e têem até ao fim tanta confiança no seu valor, que Thomasia de Villar não quiz ao principio ver em todo este successo mais do que um entretenimento de homem do mundo, entretenimento que elle quebraria logo que lhe dissesse que não o ignorava, e lhe explicasse quanto similhante devaneio offendia o melindre dos seus direitos de senhora amada.

Mas a marqueza esperava um sorriso, e encontrou uma negativa. O medico jurou que era tudo

falso, que não conhecia Ritinha, que nunca a vira, que até lhe era desconhecido este nome.

Mentiu de mais.

Thomasia de Villar fingiu acredital-o, e preparou-se para uma investigação mais aturada. Um cruel presentimento lhe dizia, que eram falsos os juramentos e protestos com que o seu amante se justificava.

Na primeira recita que se seguiu, os olhos da marqueza examinaram attentamente atravez do oculo de theatro os mais leves movimentos de physionomia tanto da dançarina como do medico. Infelizmente para a tranquillidade do seu espirito, tudo que observou foi reforçar as suspeitas que concebera.

Ritinha ao terminar uma *variação* foi applaudida de diversos sitios da platéa, mas, ao agradecer, só olhou para o lado onde estava Luiz de Lima, e o «sorriso ao publico» — aquelle classico sorriso das dançarinas quando se lhes dá palmas — foi dirigido especialmente ao medico.

Estes pequenos indicios que nada provam aos olhos de quem não estuda no theatro o espectaculo dos espectadores tomam todavia proporções gigantescas perante a analyse perspicaz dos *dilletanti*, que vêem n'um olhar ou n'um sorriso todo o enredo de qualquer mysterioso drama de vida intima!

A marqueza, por meio de um acêno de cabeça, chamou um dos seus *ajudantes-d'ordens* que estava na platéa.

Estes *ajudantes-d'ordens* são vulgarissimos na sociedade lisbonense, e não ha dama de bom tom que deixe de ter os seus tres ou quatro. Ainda assim não vá cuidar a leitora que tiver a fortuna de não conhecer estes usos, que isto de *ajudantes-d'ordens* de uma senhora queira ser synonimo de amantes ou predilectos. Nada d'isto.

E' uma ramificação dos *chevaliers des dames* da França, e dos *cavalieri sirvanti* da Italia. Servem para dar palmas ou pateada, conforme a dama ordena, para armar uma intriga, propagar uma calumnia, e seguir á risca os preceitos da empresaria d'esta companhia de *jovens desaforados.*

Em recompensa de tão bons serviços, estes cavalheiros pedem pouco. Serem admittidos na sociedade escolhida da empresaria, passearem com ella no Passeio Publico, visitarem-n'a no camarote, serem convidados para os bailes que dér, jantarem a miudo em sua casa.

Ha primeiros e segundos ajudantes d'ordens; isto é, ha os que são admittidos á intimidade da empresaria, e que disfructam a honra de receberem de seus proprios labios os decretos que se digna communicar-lhes — e os que não recebem as ordens directamente, mas por intermedio d'esses que têem a fortuna de conhecer pessoalmente a deusa.

Ora, os segundos *ajudantes d'ordens* não podem, já se vê, gosar das prerogativas de seus superiores, e por isso contentam-se com o bilhete de entrada, unica remuneração de seus serviços valiosos sempre que exercem, graças aos caprichos particu-

lares das senhoras de sociedade, a *claque* que nos paizes estrangeiros costuma ser paga pelo empresario e pelos cantores.

E agora, que já os leitores da provincia estão ao facto de quem são os *ajudantes d'ordens* das senhoras de Lisboa, continue a historia.

— Qual é a sua opinião ácerca da agilidade d'esta dançarina Ritinha? perguntou a marqueza ao *cavaliere sirvante.*

— A minha opinião..., respondeu o *ajudante d'ordens*... é...

— E' que é pesada como chumbo e desgraciosissima, não é assim? Tambem sou d'esse parecer.

— Não tem elegancia nem facilidade de movimento, acudiu o *segisbéo*, e parece ter pernas de *compasso*, com a deslocação nos rins!

— Pernas de compasso! ponderou Thomasia de Villar rindo com gosto; lembra bem! essa comparação é chistosissima! Por que não lhe dão pateada? Forme *partido* á outra, a francesita, que realmente executa bem o passo do segundo acto nas pontas dos pés: faz difficuldades e tem bastante gosto.

— Tem bastante gosto, (repetiu o *attaché*). Bastante gosto.

— Pois então constitua-se seu defensor: como se chama ella?

— Marceline; um lindo nome!

— Um lindo nome diz bem! redarguiu a marqueza: um nome doce, facil, e elegante; as mulheres de theatro nem sabem a fortuna que têem em possuir um bonito nome!

«Está decidido; depois d'ámanhã façam-lhe um triumpho. Em Lisboa têem-se concedido *ovações* a tantos artistas, até ás vezes abaixo do mediocre, que ninguem se ha-de admirar de presencear mais um! Encarrego-me das corôas, e dos *bouquets*. Darei ordem ámanhã para que encommendem ao caseiro da quinta do Villar as melhores flôres que por lá se encontrem. Veja se acha um poeta para lhe chamar *gnomo*, *fada*, *sylphide* em tres quadras trocadas por tres garrafas de Champagne: emfim, apesar de não haver em Lisboa bons *claqueurs*, diligenceie por distribuir uns trinta bilhetes; mas haja cuidado em que não as confundam e que não deem palmas a Ritinha em vez de applaudirem a franceza. Fica incumbido d'esta missão; quero vêr como sae d'ella.

Na recita designada para *enterrar* a Ritinha, os ajudantes d'ordens giravam pelo salão, inquietos, agitados, buliçosos, impacientes. Desde as sete da noite que os mais afamados gaiatos de Lisboa — esses illustres *segura-cavallos* cujo nome tem n'esta terra grande celebridade e grande prestigio — o *Lérias*, o *Maneta*, o *Casaca*, *ed altri*, andavam ajoujados com cestos cheios de *bouquets*, caixas de riquissimas corôas em que o bom gosto e a perfeição de D. Vicente revelavam a ultima expressão da sua superioridade n'este genero de trabalhos, subindo e descendo as escadas dos camarotes, distribuindo as corôas, os *bouquets* e os *papeis de côres* em que um poeta *descorado* tinha escripto poesias *sem cor*, pelas torrinhas de bocca alugadas de

proposito para esta festividade solemne. A um caricaturista de Lisboa, que já por si é uma caricatura, havia sido encommendado um desenho burlesco tirando partido da figura de Ritinha, e transformando a n'uma *harpia*. As estampas chegaram ás 9 horas da noite, tendo saido n'esse instante da lithographia, onde durante a tarde tudo andára n'uma dobadoura para que a essa hora pudessem estar tirados cem exemplares. Um peru, um magrissimo peru dos que nem mesmo pelo Natal podem tentar alguem a que os compre, serviu para parodiar o classico pombo que em Lisboa os proprios artistas costumam comprar para que o seu criado lh'o atire das varandas em signal de ovação, sendo ainda melhor a festa se o criado consegue apanhal-o outra vez, porque serve para o arroz da ceia!

No momento em que principiou a variação de Ritinha, os janotas preparam-se para uma batalha formal. A pateada rompeu furiosa; os *espadachins de platéa*, heroes famosos que fazem constituir a sua gloria em terem ido depois de furiosas pateadas passar por mais de cem vezes o resto da noite ao quartel do Carmo, batiam nos bancos com a companheira effectiva das noitadas — a grossa chave do trinco! Os *meninos*, janotinhas pequenos que em Lisboa formigam por todos os cantos tão depressa haja questão theatral, estafavam os tacões das suas botinhas de pulga! Um velho *dilletanti*, um d'estes avôs dos janotas que aos novinhos ensinam certas cousas e com elles aprendem certas

outras, soltava por entre o motim um *bravo* de escarneo e de mofa. A platéa rompeu em gargalhadas, e o peru enfeitado de fitas côr de rosa saiu de uma torrinha *de bocca* e foi cair aos pés de Ritinha, que, aterrada já pelo acolhimento que os janotas lhe fizeram desde o começo de variação, se assustou por tal modo ao topar n'uma das azas do peru que estrebuchava nos paroxismos de uma morte mais verdadeira do que costumam ser as mortes no theatro que se perdeu da musica, tentando debalde a orchestra *apanhal-a.*

Foi um *charivari* completo.

As senhoras de sociedades riam; as dançarinas olhavam umas para as outras com o ar de quem não cabe em si de contente, e Luiz de Lima livido e convulso perdeu a cabeça a ponto de soltar o inconveniente grito que por vezes tem suscitado tantas questões de platéa — «Fóra, canalha!»

No salão houve entre Luiz de Lima e dois partidistas contrarios a Ritinha, que se deram por offendidos da expressão que elle soltára, uma disputa acalorada e energica. Um d'elles era um janota pretencioso: Lima deu-lhe uma bofetada; o outro era um janota *descabellado*, dos que não se penteam, nem se desembuçam na platéa do contemporaneo chale-manta (contemporaneo, porque ainda não gosa das honras de classico), mas que pretendem heroes ser em bravura, e em desembaraço: Lima escarrou-lhe na cara. O administrador veio, em pessoa, ao salão, qual afamado beleguim e fez prender dois outros janotas, para não deixar

cair em desuzo o rasoavel habito dos administradores de Lisboa de só capturarem os que não têem culpa!

Lima, tomou chá depois do espectaculo no botequim do salão de cima, em companhia de José d'Athayde, de Estevão de Mello, e de Antonio Roma.

— A imprensa vale bem a platéa: vocês estão encarregados de me *levantar* a Ritinha. Enterrem a Marceline a todo o custo...

— A Marceline dança admiravelmente, homem! disse Antonio Roma.

— A admiração é um sentimento vulgar; redarguiu José d'Athayde; todo o critico illustre deve tão depressa olhar para qualquer cousa magnifica perceber-lhe o pequenino defeito que possa dispensal o de se extasiar!

— E' claro! disse Estevão. A' falta de outro argumento diremos que a Ritinha é portugueza, e que o publico de Lisboa dá uma triste idéa de si, desfeiteando uma compatriota.

— Apoiado! gritou Lima. O grande caso é que ámanhã appareça nos jornaes toda a historia d'esta noite, accusada pela *critica conscienciosa!*

— O melhor é redigir-se aqui mesmo a noticia! disse Mello.

— Vamos a isso; enriqueçamos o noticiario mentindo com desaforo! Rapaz, traze mais fiambre *com* papel e tinteiro!

José d'Athayde estava noticiarista do afamado jornal — *A Verdade*, — a maior folha que em Por-

tugal tem saido, uma das mais bem redigidas, e todavia das que menos fortuna alcançaram, pela immensa despeza de redacção effectiva, e sobretudo de redacção fluctuante a quem a empreza do jornal pagava os artigos a 2000 a columna, cifra prodigiosa n'este paiz em que as lettras se vendem mais baratas do que os tremoços! Estevão de Mello estava redigindo uma folha ministerial, *A Rectidão*, e Antonio Roma collaborava effectivamente uma das mais acreditadas folhas de Lisboa, *A Imparcialidade*.

No dia seguinte lia se na *Verdade:*

— «*Injustiça inqualificavel.* Um pequenissimo numero de espectadores emprehendeu desfeitear a sympathica dançarina Rita, prejudicando o bom andamento do espectaculo por uma pateada immerecida, que foi supplantada pelos applausos do publico intelligente E' de esperar que não se repita com tal escandalo da parte de cinco ou seis partidistas de mademoiselle Marceline, a quem debalde se quer elevar promovendo a queda da sua rival, uma scena que ainda mais faz com que se observe que não é grande nunca o merito de uma artista quando para ser applaudida se torna preciso fazer patear uma companheira.

A *Rectidão* dizia:

— Acabamos de assistir á representação d'esta noite, no theatro de S. Carlos. Corria no salão que a pateada com que pela primeira vez foi desfeiteada a elegante dançarina Rita, havia sido encommenda de mademoiselle Marceline. Custa-nos a acreditar

que uma artista desça a similhantes actos para assegurar tão ephemeros triumphos como o que esta noite alcançou!

A *Imparcialidade* dava como primeira noticia:

— *A dança em S. Carlos*. Toda a platéa se indignou na recita de hontem do comportamento de tres ou quatro espectadores que tentaram desfeitear a graciosa bailarina Ritinha, compatriota nossa, por quem sempre os *habitués* de S. Carlos tiveram predilecção. Cumpre á auctoridade evitar que de novo se dêem d'estes escandalos contra os quaes a opinião publica protesta.»

O assignante que havia contado o caso á sua familia, via-se obrigado a esconder-lhe os jornaes porque não queria passar por mentiroro: os orgãos da capital diziam tudo ás avessas!

— Ou esta gente lá não esteve, ou estive eu a sonhar! exclamava o assignante perdido em conjecturas: falam em *tres ou quatro espectadores*, quando mais de cem pateáram! A *opinião publica* indignada! e eu vi todos a rir! O *publico intelligente* supplantou a pateada! E' desaforo de cassoada, ou então grande confusão de meu espirito! De mais a mais não falam no peru! Não vejo aqui o peru! Que fizeram elles ao peru?! Querem vêr que os orgãos da opinião publica eliminaram o peru! Pois é nosso, queremol-o: em qualidade de assignantes da folha temos direito a uma noticia exacta, a noticia sem o peru não é exacta! Vou largar o jornal. Estou roubado no peru!

Luiz de Lima foi ainda na noite da pateada vi-

sitar a dançarina, e encontrou-a triste e chorosa.

— Que mal lhes fiz eu? perguntou a pobre rapariga erguendo para o medico os seus lindos olhos orvalhados de lagrimas.

— Affligem-te os encargos da vida de artista, e todavia são verdadeiras vantagens para a fama do teu nome! Nunca se falou tanto em ti como por estes dias se ha-de falar! O publico liga importancia áquelles que desfeitêa accaloradamente; se te dessem palmas por mofa, degradavam-te: com uma pateada de acinte, illustram-te!

— Sabes o que me disseram?

— Que foi?

— Asseguraram-me que a pateada havia sido encommendada por uma fidalga que gosta de ti!

— Talvez! disse Luiz com um sorriso de fatuidade.

— Gostas então de uma fidalga?! exclamou a rapariga erguendo-se de um salto, vermelha de cholera.

— Disseste «uma fidalga que gosta de mim» e não uma fidalga de quem eu gosto, por isso te respondi — «Talvez!» Se isso é verdade, a fidalga é a Marqueza de Villar a quem se diz que eu aturei n'outro tempo!

— Nunca me havias falado n'esses amores!

— Porque nunca os trago na lembrança. Serias louca em teres ciumes de uma Venus de quarenta annos, apenas supportavel nas cartas que escreve, como estylista de primeira classe!

— Quero vêr alguma carta d'ella: mostras-m'as?

— Offereço-t'as até se fazes gosto n'isso! tenho duas ou tres que ainda não rasguei!

— Vem ámanhã almoçar commigo, e não te esqueça trazel-as: essas fidalgas escrevem de ordinario com mais orthographia do que sinceridade, mas os homens levam se mais por palavras do que por sentimentos! Parece que uma fidalga que tem *coupé* e marido, escusava disputar o amante a uma pobre dançarina como eu! De quem o mundo havia de queixar-se era de mim se eu lhe desinquietasse o marido!

E a rapariga fez um magnifico gesto de desdem, e depois de um sorriso glacial começou a cantarolar uma estrophe da *Vivandeira*, de Palmeirim:

Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve rufar o tambor.

Na manhã seguinte, quando Luiz de Lima se dispunha a ir almoçar com Ritinha, depois de haver tirado do cofre que continha as epistolas de Thomasia de Villar, tres cartas que escolheu d'entre muitas que alli se achavam, um criado lhe entregou o seguinte bilhete: — «Estou na carruagem, e quero falar-lhe: faça com que eu entre pela escada particular, ou venha immediatamente encontrar-me.»

— Faze entrar essa senhora! disse o medico ao criado.

Momentos depois, entrava no quarto do medico a Marqueza de Villar.

— Não me esperava, de certo! exclamou Thomasia.

— Desejo-a sempre! respondeu o medico com um frio sorriso.

— Ponha de parte essas delicadezas mentirosas: deixemo-nos de phrases! Quando o amor foge d'uma vez, não é por palavras que se póde reconquistal-o!

— E fugiu o seu amor por mim?

— Perdeu o pouco que lhe tinha ainda! Ha creaturas por tal fórma perversas que se esquecem da mão que os salvou da desgraça e os restituiu á vida, unicamente por amor!

— Por amor? perguntou o medico sorrindo.

— Por amor, replicou a marqueza. Atreve-se a duvidar?

— Duvido de tudo. Deixe-me contar-lhe uma historia: uma historiasinha breve e singela. Quer dar-se a ouvil-a?

— Em que póde interessar-me...?

— Verá!

Depois de uma pausa que a Marqueza aproveitou para se recostar n'um sophá, Luiz de Lima de pé e a fumar, começou assim.

— Dava-se em Coimbra um jantar de estudantes. Eram dez amigos, todos na flôr da edade e do enthusiasmo, que principiaram logo depois da sopa a discutir o amor, o casamento, o adulterio, e todas as altas questões sociaes que sempre á meza se discutem com facilidade.

«O estudante tomava grande parte na discussão

e expendia as suas doutrinas, com grave irreverencia á moral e á virtude.

«As mulheres devem apenas ser consideradas como instrumento necessario aos passatempos da vida, disse elle. Se ás vezes lhes ligamos tanta importancia é porque amâmos n'ellas não o que ellas são, mas o que nós as julgamos. A mim tem-me succedido até, amar apenas n'uma mulher o meu proprio amor por ella! Não creio na innocencia d'esses anjos que nos perdem. Ellas saem dos collegios virgens, ás vezes; castas nunca!

— Vens de Lisboa sem illusões? perguntou-lhe um companheiro.

— Deixei-as no vapor de Villa Nova. Mandei-as de presente a uma noiva que me ameaçou de se matar se eu deixasse Lisboa!

— Uma noiva, retorquiu outro, caspite!

— Ia cahindo na asneira de me apaixonar, mas salvei-me a tempo! Quero ser medico e ter fortuna. Em ultimo caso antes cirurgião do banco em qualquer hospital do que amante correspondido! — Deita-me vinho!

— E' alguma noiva de quarenta annos! Velha donzelona que pediu auxilio ao hyminêo!

— Ao contrario, uma ingenua de dezesete annos, cuja natural excellencia de alma a leva a sympathisar com toda a gente, excepto.. com seu marido! Nunca vi noiva mais esperançosa!

— Pobre joia! por fim de tudo é talvez louca por ti!

— Sympathisou provavelmente com uma casaca

azul que eu tinha vestida no dia em que lhe fui apresentado! Não posso dar outra interpretação a similhante amor *á queima-roupa* com que me acommetteu! E' a primeira vez que se poz em pratica a phrase de carta d'amores. «Desde que a vi meu coração se abrasou!»

— E' interessante?

— Caracter de novella: já se vê que a sua paixão por mim não passava de um devaneio de menina romantica, *Lamartinada!*

«N'esta occasião um criado entregou ao estudante uma carta chegada pelo correio de Lisboa.

— Oh! exclamaram os outros, parece letra de mulher!

«E abrindo a carta leu para si o que se segue:

«Tinha-te jurado que seria tua até á morte: cumpro. Acabo de me envenenar.

«Não te preveni eu para que não partisses de Lisboa?

«Nunca saberás que angustias me têem devorado a alma desde que deixei de te vêr. Mas não tive coragem para viver sem ti: perdôa!

«Quando lêres esta carta já eu não serei do mundo. Recebe um beijo da tua pobre — *Maria.*

«O estudante tornou-se livido, e escondeu o rosto entre as mãos com uma expressão de terror indefinivel.

«Os companheiros não conseguiram d'elle uma unica explicação, e a mil rogos seus deixaram-o só, encostado de braços sobre a meza. No dia seguinte de manhã foram encontral-o na mesma atti-

tude, com a fronte sobre a toalha roxa e molhada em ondas de vinho.

«Quando ouviu a sineta que o chamava á aula pareceu então acordar. O que ha sobretudo de extraordinario é que sendo n'esse dia chamado á lição, foi eloquente e magnifico, explicando e commentando os envenenamentos. Cita-se ainda hoje na Universidade essa lição memoravel.

Depois de uma pausa mui breve, Luiz de Lima disse:

— A situação d'este homem ia tornar-se difficil. Ou iria acreditar todas as mulheres, julgal-as a todas tão sinceras e apaixonadas como a pobre Maria, ou tinha de fugir d'ellas, de renegar a idéa de amar alguem, porque seria indigno dar a outra o affecto que já uma lhe havia merecido, e que por amor deixára a vida.

«A idéa afflictiva e cruel de não haver comprehendido aquella grande alma de senhora, nem ter adivinhado de quanto era susceptivel o peito que tanto amor sentira, fez com que elle tivesse horror a si proprio, e que encontrasse o mundo deserto desde que essa mulher lhe faltára!

— O estudante? perguntou emfim a marqueza, que escutára anciosa e convulsa a lenta e pausada narrativa do medico.

— O estudante era eu! disse Luiz de Lima.

A marqueza fez-se livida como o marmore, e guardou silencio por alguns momentos. Ao cabo d'elles, tremula e agitada ergueu-se de um pulo, e dirigindo-se ao medico disse-lhe a meia voz:

— É preciso ser muito vil para ter sempre por similhante modo enganado uma mulher!

— Minha querida, n'este mundo não se deve attender aos factos, mas ás circumstancias, respondeu Luiz com um cynico sorriso. Demais, sejamos francos, que lhe devo eu, marqueza? O meu casamento? Mas, Deus meu, a marqueza quiz casar-me porque entendeu que convinha mais aos olhos da sociedade que eu fosse casado do que solteiro, e que o mundo me daria maior importancia desde que «vivesse feliz e tivesse muitos filhos!» O classico desfecho das novellas do seculo dezoito é de uma moralidade que ainda hoje se acata e deseja. A maior parte dos homens fascinam-se pelos favores de uma senhora sem sequer observarem se ella emprega esses favores para se obsequiar a si propria! Por que me chama vil? Não se abusa assim de vocabulos affrontosos para castigar os que errarem por nossa propria culpa!

A marqueza mordia os beiços, impaciente e raivosa.

— Emfim! exclamou depois de uma pausa, mudando de expressão e acompanhando estas palavras de um sorriso: — Emfim, confesso que fui um pouco leviana, um pouco imprudente no que disse: não está em teu poder rehaver as illusões do amor para as quaes morreste ao entrar da vida, nem eu poderia nunca luctar com uma recordação, vencer uma sombra, e tornar-me no teu coração superior á imagem que a primeira mulher que amaste ahi deixou gravada. Dos que morrem só nos lembram

as qualidades: os defeitos, nunca! E uma pobre mulher que tem *o defeito* de viver, não poderá deixar de errar alguma vez! Os mortos levam nos essa vantagem.

«Sabes o que quero, o que desejo, o que peço, é que não appareças por estas cinco ou seis recitas em S. Carlos; se já não podes amar como eu quereria ser amada por ti, ao menos és ainda susceptivel d'estima, de sympathia por alguem; e se eu te mereço, se me julgas digna d'essa sympathia e d'essa estima, faz-me isto que peço! não pede muito quem por tanto amor que te tem tido tanto tinha direito a pedir!

Luiz de Lima sorriu-se.

«Seria realmente uma crueldade recusares-me um poucochinho d'amor! A mim, que me tenho sacrificado e compromettido por ti!

«Dize-me, é verdade! (continuou ella, passando um braço em redôr do pescoço do medico) que tens feito das minhas cartas, loucos e imprudentes testimunhos da minha fraqueza?

— Tenho-as guardadas, Thomazia: pois que outro destino poderia ter dado a essas preciosas cartas, em que o teu espirito e o teu coração revelam o grande alcance do amor!

— Todas guardadas! ponderou a marqueza com um sorriso meio terno, meio ironico. Se as houvesses perdido, rasgado... se tivesses acendido um charuto com alguma d'ellas... Não! Bem sei que d'isso és incapaz. Mas as mulheres são tão desconfiadas e escrupulosas! Eu, por exemplo; mal sabes

qual era n'este momento o mais vivo e ateado desejo do meu espirito...

— Dil-o-has!

— Caprichos de mulher que ama, vês tu! Puras phantasias de quem vive pelo amor! mas phantasias e caprichos que tranquillisam a nossa alma, sempre agitada pelos argueiros a que o telescopio dos affectos presta o vulto de cavalleiros!

— Mas, finalmente...

Finalmente, quero saber onde tu tens as minhas cartas!

— No cofre d'ebano, de que me fizeste presente; é onde sempre as guardei, como sabes, e onde ainda as conservo, como podes vêr.

— Como posso vêr! Ora ahi está de que nós gostamos, pobres mulheres — da franqueza da facilidade em vêr cumpridos os nossos desejos por aquelle a quem adoramos! Pois olha, Luiz, quero vel-as, sim, quero vel-as agora: faze-me esta vontade!

Luiz de Lima lembrou-se n'esse momento das tres cartas da marqueza, que tinha n'uma algibeira para satisfazer ao pedido de Ritinha, que era de opinião que as senhoras da alta sociedade escrevem de ordinario com mais orthographia do que sinceridade.

Mas o cofre estava diante dos olhos da marqueza e era impossivel reunir ás cartas que continha, as tres que lhe faltavam.

— Eil-as, disse o medico tomando uma deliberação, e abrindo o cofre.

— Ah! exclamou Thomasia de Villar; com que prazer vou contal-as!

O medico estremeceu; que explicação poderia dar de ter tres cartas n'uma algibeira?

— Uma, duas, cinco, dez, quinze, deseseis! Deseseis cartas! Sempre eu era de uma fertilidade no estylo epistolar digno de uma educanda de quatorze annos! Ah! quantas pulsações de um coração apaixonado estas garatujas traduzem!

— Valha-me isso! ponderou o medico comsigo mesmo. Não lhe sabia a conta.

E em quanto a marqueza se entretinha em passar pela vista algumas cartas, Luiz de Lima foi dentro dar ordens a um criado.

Mas ao voltar, como a porta ficara aberta, viu antes de entrar na saleta a figura da marqueza n'um espelho aproveitando os momentos de estar só para tirar do cofre as cartas e guardal-as.

O medico parou. Thomasia de Villar, que nem sequer lhe passava pela lembrança que o espelho poderia denuncial-a e trahil-a, pareceu respirar com mais liberdade no momento de fechar o cofre já vazio. Luiz de Lima entrou então, affectando um ar despreoccupado.

— O que se dá hoje no theatro francez? perguntou elle.

— Uma comedia nova, e tres *vaudevilles* antigos, respondeu a marqueza com a maior serenidade, collocando o cofre sobre a meza, e retirando a chave.

— Sabes mais um capricho que tenho? Realmente

tens razão se disseres que estou hoje extremamente exigente.

— Não penses isso, meu amor, respondeu o medico. Ordena.

A marqueza sorriu-se.

— Quero que consintas em que seja eu que guarde a chave d'este cofre.

— Queres privar-me do prazer de repetir a leitura das tuas cartas que por tantas vezes me consolam das amarguras da vida? Cruel!

— Era para não annuires ao meu pedido, que me dizias que ordenasse?

— Eu disse que ordenasses? N'esse caso, cumpra-se essa imprudente promessa. Sacrifico-me aos resultados de uma phrase de que não medi bem o alcance. Guarda a chave d'esse cofre que tão preciosos segredos contem!

Thomasia de Villar estendeu-lhe a mão com um apparente enthusiasmo amoroso, e respondeu erguendo-se:

— Como te adoro quando me fazes as vontades!

Depois das vulgaridades de uma despedida entre amantes, a marqueza sahiu sem que nenhum d'elles por um gesto ou por um olhar houvesse accusado — ella o que fizera, e elle o que observara.

Ao sentar-se na sua carruagem, a marqueza soltou uma ligeira gargalhada, nervosa e phrenetica, de ironia.

— Os homens teem a fatuidade da cegueira! exclamou. Ufanam-se de nunca serem enganados, quando é tão facil illudil-os!

«Ah! o sr. Luiz de Lima julgava ter-me presa ás minhas cartas! Tanto peor para elle! Tudo desde hoje terminou entre nós, e a minha liberdade é a bandeira que a conquista d'estas cartas faz tremular desassombrada.

Luiz de Lima estava a este tempo tirando de uma algibeira as tres cartas da marqueza que elle promettêra mostrar á dançarina, e dizia a si proprio:

— O acaso é um grande auctor dramatico! Quantos dramas nascem d'elle!

«Emfim! se Ritinha quizer obedecer-me, poderá affoitamente deixar o theatro. O marquez e a marqueza serão os seus empresarios. Estas tres cartas hão-de valer uma boa escriptura!





XXII

Vingança

No dia seguinte á noite da pateada, á mesma hora talvez em que a marqueza de Villar roubava do cofre de Luiz de Lima as cartas que alli encontrou, recebia Ritinha uma carta do barão em que se despedia d'ella, dizendo-lhe que cedia todos os seus direitos ao preferido rival que ella lhe déra.

A dançarina, que infelizmente era mulher, pensou, movida pela vaidade, que o barão voltaria a requestal-a por não poder viver sem ella, e quiz ter a ostentação de não se curvar a pedir, nem se dar ao incommodo de procurar justificar-se. O medico aprovou esta deliberação, e respondeu-lhe por uma d'estas phrases imprudentes que os amantes arriscam em certas crises: — «Tens-me a mim!»

Desde esse dia achou-se encartado na perigosa

dignidade do amante poderoso, e principiou em diligencias de fazer ver ao mundo que a dançarina não perdêra nada em ser deixada pelo barão: sem lhe acudir á lembrança que as despezas a que se entregava eram para Antonio Cypriano o alvo dos seus desejos, e que a vingança do sogro não era outra senão a de o fazer gastar mais do que podia! Julgava ferir-lhe o amor proprio, e estava a dar-lhe glorias!

Estava-se em fins de junho, a epocha theatral pouco tardava a findar, e durante os mezes em que o theatro de São Carlos esteve fechado, e que Ritinha não vencia ordenado, o medico principiou a lembrar-se que não teria feito peor em conservar o voto de pobresa que fizera no começo da sua intimidade com a dançarina.

Lembrou-se de jogar, que é do que se lembram todos os homens que teem pouco dinheiro e desejam ter muito. Mas não querendo jogar em sala para não fazer saber ás classes altas de onde lhe vinha o dinheiro, se porventura ganhasse, resolveu-se a frequentar qualquer casa de jogo mais publica, na esperança de que menos gente encontraria alli das classes com quem mais estava em relação.

Qual seria portanto a sua admiração quando, na primeira noite em que foi a uma *espelunca*, encontrou ahi gente de todas as espheras sociaes, alguns até que na sociedade são considerados homens serios e com fortuna!

As casas de jogo de Lisboa quasi não teem feição; em Portugal quasi toda a gente joga, e toda-

via é rara entre nós a paixão do jogo: vive muita gente de ganhar dinheiro n'uma carta, morrem alguns de fome por já não terem que arriscar; mas não morre nem vive ninguem aqui das sensações ardentes e devastadoras do jogo.

Ao fim de um mez em que quasi todas as noites fôra tentar a sorte, Luiz de Lima estava de ganho de umas setenta libras. O dinheiro que se ganha ao jogo, não é como o dinheiro que o trabalho alcança: este presa-se e ama-se, aquelle incommoda-nos em quanto o não gastamos. Por isso, as setenta libras do primeiro mez, foram verdadeiros bens de sacristão, que cantando vem, e cantando vão.

Desejoso de fazer jogo mais forte, Luiz de Lima resolveu-se a frequentar algumas casas onde se reunia melhor gente. Encontrou então ahi Estevão de Mello, que vivia exclusivamente do jogo, o bom de seu sogro o barão de Sousa, que tinha sido nos seus tempos jogador de officio e que ainda jogava por distracção algumas vezes, o marquez do Valle da Arruda, que era terrivel aos dados, o conde do Payalvo, que estava arruinado por causa dos tres de oiros, carta da sua infeliz predilecção, e Guilherme da Cunha, que ia ás vezes em companhia de Victor Marrocos arriscar sobre uma dama as dez libras do seu ordenado mensal.

Luiz de Lima cortejou Guilherme, e deu-lhe a mão a tocar: Guilherme acceitou, e ficaram conversando desde então sempre que se encontravam.

Uma noite, estava-se jogando doidamente, infernalmente: Luiz de Lima estava de perda n'essa

noite de duzentos a trezentos mil réis. Guilherme tinha sessenta libras de ganho. Um valete fez ainda perder dez libras a Luiz; uma dama fez ganhar mais dez libras a Guilherme.

— E' feliz ccm as damas! disse-lhe um dos jogadores, velho enfezado e amarellento, olhando para o oiro com um triste sorriso.

— Só com as *damas* das *espeluncas!* redarguiu Guilherme.

Continuava o jogo.

Luiz de Lima ia entregar ao acaso a ultima libra que levava.

— No *rei!* disse elle, collocando-a sobre um feio rei de paus, que parecia estar fazendo uma careta á libra com o que o cobriram.

— Ainda pela dama! disse Guilherme.

A *dama* foi a primeira carta que sahiu.

— Está hoje de veia aziaga, doutor! exclamou o banqueiro.

— A causa dos reis sempre faz victimas! este de *paus* levou-me a ultima libra!

Guilherme da Cunha, apresentou ao medico um monte de libras, e pediu-lhe que tirasse: o olhar de Luiz de Lima trahiu a lucta secreta de repugnancia e de desejo que n'esse instante agitou a sua alma. Foi então que viu sobre a meza uma carta tentadora, uns seis de oiros que lhe despertaram o presentimento de ganhar.

— Acceito vinte libras, respondeu, contando-as do monte magnifico que estava diante de Guilherme. E vão as vinte nos *seis!...*

Os seis de oiros foi tambem uma infeliz carta para Lima, e uma carta feliz para Guilherme. A instancias do mancebo, o medico acceitou mais dez, depois mais cinco, depois mais vinte libras ainda. E tudo perdeu!

— Cincoenta e cinco libras lhe devo! disse então voltando-se para Guilherme, e affectando o sorriso despreoccupado com que os jogadores tentam mascarar a raiva que se lhes desenha no semblante, quando perdem!

No dia seguinte, Guilherme da Cunha estava escrevendo, quando o seu criado lhe annunciou que alguem o procurava, e lhe entregou n'um bilhete de visita o nome d'essa pessoa: era Luiz de Lima.

O medico foi introduzido no gabinete de Guilherme.

— Meu caro Cunha, nem posso demorar-me, nem desejaria estorval-o nas suas horas de trabalho. Venho agradecer lhe a bondade que teve para commigo.

E poz sobre a meza uma pequenina carteira que tirou do bolso.

— Quasi me offende com a pressa que quiz dar-se! Não o julgava tão madrugador!

N'esta occasião o criado perguntou:

— Sirvo já o almoço?

— De certo, o meu caro Lima almoça commigo? E' impossivel que já hoje almoçasse!

— Confesso que não, e acceito da melhor vontade.

Almoçaram juntos. Conversaram a respeito do theatro, dos cantores e do jogo.

— Tambem tem a paixão do jogo? perguntou Luiz a Guilherme.

— Não tenho. Distrae-me, não me electrisa. Para ter a paixão do jogo é preciso ter confiança n'esse doido deus — Acaso — e eu nada espero d'elle, ainda mesmo que julguem ser elle a grande mola dos destinos humanos!

Conversaram por algum tempo, fumaram depois do almoço, sahiram juntos, porque Guilherme affiançou que não tinha que trabalhar; andaram no Passeio Publico desde as tres ás quatro horas, foram juntos ao Marrare tomar vermuth para preparar o estomago, e como Lima instasse muito com Guilherme para que jantasse em sua casa, o mancebo acceitou.

Depois, como se nada houvesse tido logar entre elles, Luiz accrescentou:

— São os annos de minha mulher! vou dar-lhe uma tarde monotona, mas nem por isso o dispenso.

Quando chegaram a casa, e o barão e Sophia viram apparecer Luiz de Lima em companhia de Guilherme, é impossivel descrever a impressão que os dominou. Ambos tentaram adivinhar a que se devia esta repentina ligação, sem lembrar a nenhum d'elles de que genero podia ser a cadeia que os prendêra.

Guilherme da Cunha conversou com as principaes pessoas que alli se achavam, a duqueza de Villa-Marim, as condessas de Payalvo, de Pinhel; da Rocha, a viscondessa do Lago, as marquezas de *Azinhaga* das Palmas, de Valle da Arruda, do Ce-

dro, do Bombarral, e ainda outras que o receberam com o melhor agrado, e com quem elle entreteve conversação, para ganhar o direito de poder tambem conversar com Sophia, sem que isso fosse reparado. Quando, porém, trocavam falas, não havia da parte de nenhum d'elles a mais leve allusão ao que occupava todavia o pensamento de ambos.

Desde esse dia, Guilherme da Cunha ficou muito ligado com Luiz de Lima, e algumas vezes passou a noite em sua casa quando alli havia reunião. O barão, que diligenciára afastar da existencia de Sophia a tristeza que a devorava, ia conseguindo o seu intento; ás segundas-feiras passavam a noite em casa e recebiam; e Guilherme ia quasi sempre n'essas noites. Esse foi para Sophia o melhor tempo que passou desde o seu casamento.

Uma occasião, depois de jantarem juntos em casa de Guilherme na companhia da mãe d'este, senhora idosa mas affavel e conhecedora dos finos usos da vida, Luiz de Lima e Guilherme foram para um gabinete tomar *cognac* e fumar.

— Eis a minha vida agora! disse Guilherme. Vou ás segundas-feiras a sua casa, e ás quintas á da condessa da Rocha: o resto do tempo passo-o em casa com minha mãe!

— Tambem eu estou retirado do mundo! exclamou o medico.

— Como vae a marqueza? perguntou-lhe Guilherme.

— Isso acabou!

— Como, acabou!

— Palavra d'honra. Acabou ha tres mezes, mas mal sonha ella que eu posso de um instante para outro perturbar-lhe a tranquillidade que desfructa...

E contou-lhe a historia das tres cartas que conservava em seu poder, á espera de uma crise melindrosa.

— Essa crise melindrosa, proseguiu elle, chegou, porque Ritinha tem o theatro fechado, e ámanhã ou depois dou-lhe estas tres cartas para que ella se entenda com a marqueza e lh'as venda pelo menos a 20 libras cada uma!

— São tres cartas, faz sessenta libras para Ritinha... Ser-lhe-ha indifferente a ella que seja eu quem as compre?

— Perfeitamente indifferente! Tem gosto em as possuir?

— Para ser eu que lh'as entregue. Capricho meu.

Lima sorriu-se e entregou-lhe as tres cartas que acabava de lhe mostrar. Depois separaram-se. Guilherme mandou no dia seguinte a Ritinha as sessenta libras do ajuste.

E quando, em casa, se dispunha a escrever á marqueza, preveniu-o o criado de que um homem queria falar-lhe.

— Que entre o homem!

Este homem entrou: era João Rodrigues.

— Para servir a vossa excellencia! disse o cocheiro em tom reverente.

— Que ha?

—Venho incommodar a vossa excellencia para me servir do seu valimento! Primeiro será bom

que lhe diga e exponha a minha situação. Ha cousa de tres mezes e meio, vae em quatro, tive ahi de noite umas rezingas e ia dando cabo de um homem. Vae o ferido para o hospital, os cabos de policia na minha pista, porém como o meu andar é leve foi um sopro em quanto desappareci. Fui-me metter em casa, e callei-me como um rato Eu era cocheiro do sr. Melitão Vidueira, que sempre me tratou como se lhe fôra parente, (ainda hoje bebi á saude d'elle! observou João Rodrigues em tom de quem diz que metteu uma lança em Africa!). Certo é que logo na manhã do dia seguinte parece que tiraram uma devassa; o proprio ferido declarou quem o puzera assim, e aqui vou eu estar á sombra por mais de um mez. O homem melhorou, o que eu estimei, e deram-me ordem de tornar a poder dar o meu gyro pela capital, que ainda estimei mais! Porém, envergonhado para com o sr. Melitão, porque elle não levou a bem que eu incorresse n'aquelle excesso, que fez andar nas bocas do mundo certa historia que melhor fôra que nem o démo a sonhára, acanhei-me de para lá voltar, e fui para casa do sr. marquez de Villar.

—E agora?

—Agora é que vae o caso. Ha lá no palacio como criada grave uma menina de boa educação que caiu em pobreza sem ter parentes que a ajudem, e que se vale das suas habilidades; borda, engomma, e todo o trabalho mais fino de mãos lhe é conhecido. Está agora lá hospede em casa um sobrinho do sr. marquez, que é as meninas dos

olhos da senhora marqueza... Este melro não sei se olhou assim mais tal para a criadita grave, que é menina de sentimentos, e que até traz um namoro ha mais de dois annos com um rapaz com quem se diz que casa, certo é que a senhora marqueza subiu-lhe a mostarda ao nariz, inflammada em ciumes, e foi fazer queixa ao sr. marquez de que a pobre menina era uma doida! Despediram a rapariga, que chorava como uma Magdalena, impedindo-lhe talvez por similhante calumnia de que o noivo se resolva a dar o nó! Fez-me aquillo como o outro que diz ferver o sangue, e fui-me ao senhor marquez defender a pequena, e declarar que nunca a tinha visto cair nas loucuras de que a accusavam, e que o menino é que andava atraz d'ella. A senhora marqueza, que todo o seu desejo era vêr a rapariga pelas costas, foi-me dizendo a mim que podia ir tambem passear, e que fizesse as minhas contas! De modo que por infamia da fidalga é que estou sem commodo, e vinha pedir a vossa excellencia duas regras para o sr. Melitão me acceitar outra vez em casa! Este genio que tenho ha-de me dar na cabeça! Quem é fogoso como eu deve reprimir o seu temperamento e livrar se de questões! lá diz o outro que quem tem callos não vae a apertos!

— As duas regras terás, respondeu Guilherme; e mais do que isso se quizeres servir-me, porque te posso dar um grande prazer!

— Um grande prazer! ponderou João Rodrigues. *Vae-me* dar um copo de vinho?

—Vou dar-te occasião de te vingares da marqueza, de a veres humilhada, abatida diante de ti.

João Rodrigues piscava os olhos como quem faz por perceber uma cousa que não entende.

—Comprehendes o prazer que nos dá a gloria de vermos prostrados a nossos pés os que uma vez nos quizeram abater? Deixa que digam os poetas —«Pequenos os que se vingam, grandes os que perdoam!»—Os poetas e as mulheres são as unicas creaturas que gostam de perdoar, por serem incapazes de affeições eternas, e de odios duradouros! E tu não és poeta, creio; em abono teu se diga!

—Poeta! resmungou João Rodrigues: se eu era agora poeta tinha sua graça!

—Fica-te bem esse desdem pela poesia, homem! Os poetas são almas nobres quando se trata de pensar, e espiritos covardes quando tentam apresentar-se como homens de acção Ha tal que defende o prazer da vingança, e que tendo na sua mão vingar-se vae ceder a outro esse prazer!

—Dir-se-hia...; ponderou João Rodrigues.

—Que o tal sou eu! Pois talvez seja!

—Com que, é poeta vossa senhoria?

—Ouve bem isto: é preciso que a marqueza de Villar se curve perante ti, e que não lhe poupes nenhuma das humilhações a que a tua situação te vae dar direito. A marqueza ha-de vir para que se lhe entreguem duas cartas suas, escriptas a um amante, porque foi prevenida de que seriam entregues a seu marido ámanhã ao meio dia, se áma-

nhã até ás onze horas ella não viesse propriamente reclamal-as.

— Tate! exclamou o cocheiro. Bem apanhada!

— Ha entre mim e a marqueza uma antiga divida em aberto, e é tempo de saldarmos as contas. Virá persuadida de que seja eu que a receba, e encontrar-te-ha como senhor, a ti a quem ha dois dias, segundo disseste, expulsou de sua casa como lacaio! Resta-me ainda uma carta, porque possuo tres, mas reservo-a para outra occasião em que me seja util.

João Rodrigues deu um murro no joelho:

— Ha-de amargar o que fez! Que é das cartas?

— A'manhã bastará que t'as dê. Ficas a meu serviço em quanto não voltares para o de teu antigo amo.

— Mais tenho que agradecer! respondeu o cocheiro retirando-se.

Guilherme dirigiu á marqueza de Villar a seguinte carta.

— «Não será verdade, minha senhora, que segundo as suas contas faltam duas cartas não do numero das que subtrahiu do cofre do sr. Luiz de Lima, porém do numero das que lhe havia escripto?

«Não será tambem verdade que n'uma d'essas duas cartas se trata do casamento do sr. Luiz de Lima, e aconselhando-lhe o modo por que deve andar para alcançar a mão da sr.ª D. Sophia de Sousa, e se ajusta um *rendez-vous* para o dia seguinte em casa da modista: e na outra se des-

creve uma vergonhosa scena que parece haver tido logar entre o sr. marquez e vossa excellencia, resolvendo-o por uma vil comedia a pedir ao sr. barão de Sousa a mão de sua filha para o sr. Luiz de Lima?

«Pois estas duas cartas, senhora marqueza, hão-de ser entregues ámanhã ao meio dia ao sr. marquez de Villar, se até ás onze horas vossa excellencia não vier propriamente reclamal-as a esta casa, onde a fica esperando quem com a maior satisfação se assigna: De v. ex.ª, admirador e servo — *G. da Cunha.*

No dia seguinte, ás sete horas da manhã João Rodrigues tinha já as cartas em seu poder, e recostado mollemente n'um sophá, esperava n'um pequeno gabinete que chegasse a senhora de Villar.

Ás sete horas e meia um criado veio prevenir que uma senhora pedia para falar ao sr. Guilherme da Cunha.

Que entre! disse João Rodrigues fazendo um cigarro.

A marqueza saira a pé, e fizera-se depois conduzir n'uma sege de praça, reenviando o criado. Vinha pallida e convulsa, não tanto de receio como de cólera. A idéa de que seu marido lendo essas cartas désse logar, por um divorcio, a um escandalo publico que para sempre a faria abandonar a sociedade de Lisboa, fazia-a soffrer. Ao mesmo tempo, encontrava a sua dignidade e a sua honra ao dispôr de um inimigo, e tornava-se-lhe insuportavel pensar que chegára a occasião de Guilherme

se vingar da comedia com que a marqueza e Luiz de Lima lhe haviam roubado a felicidade!

Mas ao entrar no gabinete, e quando viu o co cheiro accendendo um cigarro, e, sem se levantar do sophá, cobril-a com um olhar de mofa e menospreço, percebeu então mais do que nunca quanto era delicada e melindrosa a situação que a opprimia.

— O sr. Guilherme da Cunha? disse ella em voz tremula pela desesperação.

— O sr. Guilherme da Cunha incumbiu-me de fazer as suas vezes perante a senhora marqueza, e se quer dar-se ao incommodo de se sentar vamos regular este negocio.

— Como? Disse que...

— Disse que vamos regular este negocio; se quer. Isto é se quer. Aqui não se obriga ninguem. As cartinhas estão n'esta algibeirinha; olhe para ellas! Duas! São duas prendas que o meu amor lhe offerece, como costuma dizer o Procopio.

— É notavel que o sr Guilherme da Cunha escolhesse para o substituir uma pessoa...

— Uma pessoa como todas as pessoas! replicou o cocheiro. Tenho olhos, nariz e bocca, tal qual como o sr. Luiz de Lima... o *cruel ingrato*, como a senhora lhe chama n'esta carta, que eu para me rir um bocado tive a pachorra de passar pela vista...

— Emfim! disse Thomasia tentando reprimir o desespero que a devorava: o que se exige de mim por me darem essas cartas?

— Bagatellas, perfeitas bagatellas: faz favor a senhora de se sentar; olhe, tem aqui logar ao pé de mim, n'este sophá que é bem agradavel ao corpo!

A marqueza permaneceu de pé mordendo os beiços de cólera:

— Similhante situação em frente de um homem que não conheço!

— Não conhece? exclamou o cocheiro! Ainda antes de hontem me poz na rua despedindo me de cocheiro, e diz que me não conhece! Pois eu conheço-a como aos dedos das minhas mãos!

A marqueza estava livida de morte.

— Vamos nós ao caso: sente-se, e depois falaremos.

— É inutil sentar-me; visto que a entrega d'essas cartas tomou as proporções de um negocio, o que eu já previa, offereço lhe duzentos mil réis pela restituição...

— Mais do que isso custaram ellas a meu amo para as ter em seu poder!

— Ah! o sr. Guilherme da Cunha comprou essas duas cartas?

— Por uma continha callada! parece que tem seus motivos para ter gosto em as possuir... Mas não é para ganhar com ellas, porque me prohibiu de aceitar dinheiro da senhora marqueza...

— E então...?

— E então — (palavras d'elle a este seu criado) — «Exige todas as condições que te aprouvêr, com tanto que não recebas dinheiro!» Já a senhora vê

que ha varias outras condições para onde appellar, se me aprouvêr!

— Emfim! exclamou a marqueza tremendo toda de raiva: expliquemo-nos depressa porque desejo estar livre dentro de dez minutos, e quero entrar em casa pouco depois das oito horas.

— Bem me importa a mim o que a senhora quer! Aqui, n'este momento, não ha marqueza de Villar nem cocheiro João Rodrigues. Ha uma mulher que atraiçoa seu marido, uma mulher que tem por amante um homem casado; e um inimigo que possue duas cartas que essa mulher escreveu a esse amante! Não ha aqui fidalga nem lacaio: n'uma situação d'estas o fidalgo sou eu!

A marqueza deixou pender a cabeça sobre o peito, abatida e humilhada.

— Tenho-a ao meu dispôr, porque está na minha mão a sua honra; posso perdel-a para sempre, enviando uma d'estas cartas a seu marido, para que o divorcio a castigue: uma só d'estas cartas, percebe a senhora? Precaução rasoavel para que, no caso de seu marido querer portar-se como é do tom entre alguns maridos da aristocracia de Lisboa, e fechar os olhos a esta vileza, resta-me ainda outra para um escandalo publico, fazendo-a inserir no *Braz Tisana* e no *Asmodeu!*

A marqueza sentindo se sem forças, cahiu sentada n'uma cadeira.

— Mas nada d'isto farei, porque ligo menos importancia á sua honra, do que a esta ponta de cigarro que me está já queimando os dedos! Vá-se

em paz a senhora marqueza com estas cartas que desde hontem lhe têem causado amargos de bocca, e quando d'outra vez despedir algum criado, trate-o melhor do que me tratou a mim quando antes de hontem me poz na rua.

E João Rodrigues, sempre rindo, tirou da algibeira as duas fataes cartas que entregou na mão da marqueza. Thomasia de Villar respirou emfim.

— Adeus! disse ella ao cocheiro. Se um dia precisares de mim, pede o que quizeres.

— Agradecido! disse João Rodrigues.

Erguendo-se do sophá, abriu a porta á marqueza de Villar, que mal podia sustentar-se de pé, tão abatida ficára da terrivel scena por que havia passado, e acompanhou-a até á sege dando-se ares de amabilidade e delicadeza.

— Recommendações da minha parte ao sr. marquez! disse elle na occasião de se despedir.

Depois entrou no quarto de Guilherme, que durante todo o tempo em que o cocheiro estivera atormentando Thomasia, não tirára da lembrança a hedionda comedia que a marqueza havia forjado para o casamento de Luiz de Lima, porque receiava condoer-se da humilhante situação a que a entrega das cartas a forçava, e era preciso para a sua vingança não ter compaixão nem piedade.

— Então? perguntou Guilherme.

— Lá vae com as cartas! respondeu o cocheiro.

— Humilhaste-a bem?

— Não consegui fazel-a córar!

— Podéra! as mulheres como ella fazem-se pallidas de cólera, mas não córadas de pudôr.

Nos fins do inverno de 1847, o barão de Sousa emprehendeu uma viagem a Paris, na esperança de levar em sua companhia Sophia de Lima cuja mortal melancholia principiava a inquietal-o. Sem que houvesse nunca alcançado de sua filha a certeza de que o acompanharia, e com quanto mesmo ella se tivesse escusado por mais de uma vez, o barão esperava até ao fim resolvel-a a partir. Rogos, instancias, conselhos, tudo foi baldado: Sophia resistiu á idéa de deixar Lisboa, dando como motivo da sua recusa o receiar ainda mais para a sua saude debilitada as incertezas de uma viagem, do que a monotonia da existencia que passava em Lisboa. O barão percebeu que a idéa de deixar de vêr Guilherme era superior á coragem de sua filha, e aceitando como boas razões os falsos pretextos de que Sophia se valeu para não ir, despediu-se d'ella por alguns mezes, e partiu só.

Luiz de Lima e Ritinha davam-se melhor que nunca; captivo e apaixonado, elle; ella alegre e feliz.

As mil prodigalidades inevitaveis na vida que se leva com uma dançarina para a querer conservar contente, iam causado de dia para dia o difficil futuro que os esperava. Os passeios a Cintra, os *petits-diners* a que eram convidados alguns cantores e algumas dançarinas, o *coupé* effectivo, a modista, o luveiro, os *bouquets* sempre das mais frescas *camelias*, o *Champagne* no camarim, os mil presen-

tes que a rapariga tinha de fazer hoje ao choreographo, ámanhã á amante do choreographo, no dia seguinte ao primeiro bailarino, visto pertencer a este cargo o compôr os *pas-de-deux*; em fim as continuas e phantasiosas despezas que fazem com que a *gente séria* de Lisboa tenha medo de se aproximar, de vêr, de ouvir falar sequer d'esta casta de mulheres, faziam com que o medico dispendesse todos os mezes mais de duzentos mil réis.

Ritinha levava uma vida regalada, dispendiosa de mais para que deixasse de ter os inevitaveis ataques de *spleen* que perseguem os que possuem todas as commodidades da vida. Para ella, o amor deixou de ser um fructo prohibido, e tomou as proporções de um affecto de convenção: viviam quasi maritalmente, e tinham parte dos encargos da vida de casados, sem alcançarem nenhuma das vantagens d'esse estado. Luiz de Lima tornou-se o dono da casa; fatal idéa! a rapariga deixou de vêr n'elle o seu amante das horas furtadas aos direitos do proprietario legitimo, e principiou a olhal-o despido já do prestigio que a sua imaginação lhe dava no tempo em que só a occultas podia tel-o perto de si. Depois de o haver sonhado como um espirito grandioso e superior á esphera em que vivem os outros homens, teve de o vêr occupar-se de mil pequenos nadas da vida a que um dono da casa tem de attender. A idéa de que era elle que a sustentava, e que de certo modo comprava, com as monstruosas despezas que fazia, o direito de ser amado fez com que a rapariga tivesse saudades do tempo,

em que elle não lhe dava em troco do amor d'ella mais do que algumas horas da doce felicidade dos amantes. Conheceu então que o amor tem medo do dinheiro, porque foge mal o avista!

Quando começou a nova época theatral cantou-se a *Beatrice di Tendà*, em que debutou um tenor que foi pateado. Era um mau tenor, dotado de uma bonita physionomia e de insignificante voz. Na apaixonada scena em que o amante se apresenta extenuado e livido, e vem contar as torturas que soffreu, o publico fazia-o sempre soffrer ainda mais pateando-o redondamente. O tenor, que era corista na sua terra, fingiu escandalisar-se com os *dilletanti* de Lisboa, e prevendo que a empreza ia quebrar-lhe a escriptura e reenvial-o, teve o bom juiso de ser o primeiro a despedir-se. Ora, por este mau tenor que não tinha voz, que desafinava, e que todas as recitas era pateado apaixonou-se Ritinha!

Quando as mulheres do theatro se apaixonam, esquecem todas as condições da dignidade do seu sexo, e perseguem com o seu amor o homem que lhes agrada. Ritinha foi a primeira a requestar o tenor, que se lembrara de todas as coisas extraordinarias, menos a de ser amado em Lisboa!

— Vou deixar esta terra! disse-lhe elle.

— Partirei comtigo, se quizeres levar-me! respondeu a rapariga.

Caracter inquieto e voluvel, Ritinha esqueceu o que sentira por Luiz de Lima, e explicou a si propria o amor que a devorava pela idéa de todos os

inconstantes: «Quem sabe se é agora que amo pela primeira vez?»

Luiz de Lima ignorou sempre esta aventura, e continuou a satisfazer as obrigações a que se ligára.

O acaso porém, que nem sempre é favoravel, principiou a ser-lhe adverso. A roda da fortuna de dia para dia desandou. Ao cabo de um mez, em que perdêra mais de cem libras, encontrou-se n'uma manhã de outono, uma triste manhã de nevoeiro, sem recursos, e sem esperanças.

— Que farei? perguntou a si proprio, abatido e cançado moralmente.

Saiu a distrair-se, passeou ao acaso, e voltou a casa a jantar, mais triste do que nunca. No dia seguinte devia enviar dinheiro a Ritinha, e pagar uma conta avultada á modista.

Sophia tinha saido. O medico foi ao quarto de sua mulher, procurou n'uma gaveta o cofre das joias, escolheu as de maior valia, guardou-as em seu poder, e jantou com Sophia, sem lhe revelar o que fizera.

A' noite, já alegre e satisfeito, foi visitar Ritinha depois de haver vendido as joias por seiscentos mil réis.

Guilherme da Cunha continuava a frequentar as reuniões de Sophia, e Luiz de Lima sentiu que o seu amor proprio se inquietava pela presença do antigo namorado de esposa.

— Desejo muito que o sr. Guilherme da Cunha me honre menos vezes com as suas visitas, disse elle a Sophia.

— O sr. Guilherme da Cunha é uma das pessoas que mais illustram as nossas reuniões, è o mais digno de fazer parte d'ellas! respondeu Sophia.

Esta resposta desagradou ao medico, que desde esse dia começou a não poupar occasião de se mostrar inimigo do mancebo, apesar de por nenhuma maneira lh'o dar a conhecer quandò o via presente.

Havia novamente contrahido relações com Guilherme, porque conhecia a generosidade e a delicadeza do seu caracter, e viu que ninguem melhor do que elle lhe podia ser util, agora que estava rico pela herança e pelo que ganhára ao jogo. Quando José d'Athayde lhe disse de uma vez: — «E' tempo de ponderares quanto as tuas relações com Guilherme são prejudiciaes ao teu credito, em consequencia de tua mulher!» já o mancebo havia obsequiado o medico em mais de quinhentos mil réis. Sujeitou se Luiz dè Lima á mais vil das situações de um homem casado, saber que outro faz a côrte á sua mulher e consentil-o unicamente porque este homem lhe é util, até ao momento em que julgou impossivel continuar a pedir dinheiro a Guilherme. Foi então que fingiu ter ciumes, e zelar a honra do seu nome e a dignidade de sua esposa!

Quanto ás joias, Sophia nunca mais abrira o cofre desde a noite da *soirée* da condessa da Rocha, e ignorava perfeitamente o roubo dos diamantes.

Alguns dias depois d'estes acontecimentos, o tenor partiu para a Italia em companhia da dançarina, que ainda na vespera passára parte da noite

com Luiz de Lima, sem que uma palavra, um gesto, uma lagrima podesse deixar adivinhar que haviam de apartar-se no dia seguinte! O medico recebeu a noticia ás cinco horas da tarde, e o paquete havia saido ás dez horas da manhã. A dançarina não deixára para o seu antigo amante nem uma carta, nem um adeus!

— Castigado estou! disse elle, pallido de colera. Mas vingar-me-hei d'ella! Irei a Italia encontral-a, e queimar-lhe-hei o rosto com vitriolo! Quero vêl-a feia e perdida!

N'essa noite jogou até ás duas horas, e escreveu depois a sua mulher a seguinte carta que ella leu de manhã.

— «E' preciso ser-se tão desgraçado como eu, para dar valor ás angustias que acompanham a situação que me opprime. Valha-me, salve-me, Sophia!

«Uma divida de jogo, uma divida de honra, é a causa de todo o meu infortunio. São cem libras, Sophia — cem libras que o conde de Foyos ha-de receber ámanhã á uma hora da tarde, isto é, hoje — porque lhe estou escrevendo depois da meia noite. E estas cem libras representam mais do que a minha honra, representam até a minha vida; se não pudér entregal-as farei saltar os miolos com uma bala: juro-lhe pela sua salvação que assim o farei. O sr. Guilherme da Cunha já a esta hora deve saber que perdi sob palavra de pagar á uma hora da tarde de hoje; já vê de que melindre é

para mim tal divida, e que empenho terei em não desdourar o meu nome aos olhos do peior dos meus inimigos!

«O que tenho feito para assim me encontrar agora perdido — irremediavelmente perdido — não sei! O que, porém, affirmo é que nasceram da imprudencia — da temeridade d'este nosso casamento — as prodigalidades, as dissipações, as loucuras com que tenho tentado suffocar o remorso de a haver para sempre encadeado ao meu destino sem que nenhum de nós sentisse pelo outro mais do que a fria indifferença de estranhos que só de nome se conhecem.

«Comprehendo o ciume sem o amor, e apesar de não me atrever agora a adoral-a, tenho ciumes de si. Porquê?

«Não julgue que seja o inevitavel *amor-proprio* dos maridos que faz com que tambem eu agora seja zeloso de quem não é minha senão pelo dever.

«Tenho horror á minha fraqueza e á minha decadencia. Evite, porque o póde conseguir, que eu chegue ao estado cruel de que já vou proximo em que sinta despreso por mim proprio!

«Estou abatido e prostrado. Foi longo o meu somno de indolencia, e acordo desesperado amaldiçoando a vida!

«Incapaz me sinto até de me reconquistar por um supremo exforço de desespero!

«Mas se é por em quanto a minha consciencia o *meu unico juiz*, salve-me de que o mundo venha a

accusar-me como eu proprio me accuso, e livre-me da vergonha publica!

«E' delicada de mais a sua alma para cair no aviltamento de uma vingança que só póde perder-me, mas não salval-a; esqueça e calle tudo; as mulheres nobres e dignas fazem por vezes consistir a sua gloria no perdão!

«Hão-de faltar-lhe as suas joias, mas no momento de o saber lembre-se que a extremidade do desespero tem delirios fataes!

«Se para as mulheres, assim como para os homens, fosse um inevitavel resultado do tempo e da vida arrancar do coração as mais doces esperanças e as mais divinas ficções, se as senhoras estivessem, como nós, sujeitas a este natural desencanto, — quando um dia a sua experiencia tivesse enchido o abysmo que nos separa hoje, — é provavel que então não me condemnasse nem despresasse, como agora fará de certo!

«Vou deixar Lisboa, e para sempre. O dever que imponho a mim proprio está muito acima da coragem banal que o mundo prescreve aos que erraram como eu! Por Deus lhe juro que não recearia o descredito, nem me causariam medo os motejos do publico, se não fosse a idéa de que o ecco das injurias ainda iria affligil-a e atormental-a!

«Esqueça tudo, e dê-me o seu perdão. Não quero partir sem o alcançar! Quando é tarde para aconselhar, é tarde para emendar: que resta senão perdoar?»

Sophia leu toda esta carta sem a mais leve sensação, e depois abriu o cofre, e examinou as poucas joias que seu marido lhe deixára; soltou um triste sorriso, e disse a si propria:

— Cem libras, e partir! Oh! tudo que tenho lhe daria para que de uma vez se ausente!

Luiz de Lima e Sophia não tornaram a vêr-se. As cem libras foram entregues ao medico por um criado. N'essa mesma noite deu parte aos seus amigos que ia viajar, e apresentou-se triste e enfastiado da vida de casado, o que deu motivo a que se espalhasse por Lisboa que elle partia para se esquivar ao escandalo de um divorcio, a que a extrema intimidade de Sophia e Guilherme viria a obrigal-o!

No dia em que o medico partiu, Guilherme da Cunha foi visitar Sophia. Era ao cair da tarde, sentaram-se junto um do outro perto de uma janella que dava para o lado do mar, e demoraram a vista vagamente n'uns montes que se avistavam frouxamente illuminados pelos ultimos raios do sol que se mergulhava nas ondas.

Depois retiraram a vista ao mesmo tempo e encontraram-se n'um olhar de infinita melancolia.

— Eis-me só! disse Sophia ao fim de uma pausa, querendo evitar que alguma perigosa conversação seguisse o silencio eloquente a que por momentos se entregaram olhando-se. Bem vê, Guilherme, que o mundo póde julgar mal da assiduidade das suas visitas, n'esta occasião em que se encontram ausentes meu pae e meu marido! Venha ver-me, nem

eu teria alma de lhe pedir o contrario, mas venha menos vezes do que até aqui. Se me ama ainda, deve presar mais do que eu propria a minha dignidade, e esmerar-se em não me tornar mais infeliz.

Depois de a cobrir com um suave olhar d'amor, Guilherme formou a Sophia um collar com os seus dois braços.

Mas ella ergueu-se de repente, e a tremer lhe disse:

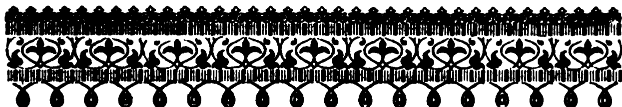
— Não queira que eu me arrependa de consentir em o receber estando só, Guilherme!

— Ainda menos desejo arrepender-me um dia por não me haver vingado d'elle!

Sophia callou-se, e Guilherme não proseguiu; depois estiveram á janella conversando vagamente, até que o mancebo se despediu e saiu.

— Vingar-se! pensou Sophia comsigo. Então será por vingança, e não por amor que me deseja?





XXIII

Ter medo da felicidade!

A sociedade lisbonense que concede todas as indulgencias possiveis e impossiveis aos erros de uns, e que ostenta melindroso escrupulo para os de outros, que não tem pudor para afastar a vista dos leprosos moraes que por ahi andam, mas que se escandalisa dos leves erros de amor a que o amor e a pouca edade obrigam — esta virtuosa sociedade de Lisboa, verdadeiro modelo de costumes, condoeu-se em extremo da situação de Luiz de Lima, *que partia por ter brio, e não poder vêr a olhos enxutos o comportamento de sua esposa para com Guilherme da Cunha.* Isto foi o que disse em tom cathedratico e grave, a sisuda e moralissima sociedade de Lisboa: e como no mundo as creaturas não são julgadas pelo que são, mas pelo que parecem, as visitas de Guilherme a Sophia acabaram de a compromettter aos olhos do publico.

Em casa da Villar, da Foyos, da Valle, da Arruda e da Castello-Branco, discutiu-se muito o comportamento de Sophia.

— Se fosse minha visita, disse a marqueza de Villar, deixaria de a receber! Emquanto a vocês, minhas queridas, se presam a minha amisade, deixem até de lhe falar! Não quero que me succeda a semsaboria de ter de quebrar relações comsigo, unicamente para estar livre de me encontrar em casa de vocês com essa perdida creatura!

Passára se um mez depois da partida de Luiz de Lima. Estava em scena em S. Carlos a *Sapho*, e Sophia que ainda não ouvira a celebre opera de Paccini, foi uma noite ao theatro.

Quasi no fim do primeiro acto entrou Guilherme na platéa, Guilherme que nem sabia que Sophia estava no theatro; e as preciosas mexeriqueiras disseram ao ouvido: — «Fazem gala em dar nas vistas!»

Quando Quilherme foi visitar Sophia, n'um entreacto, disse-lhe:

— Foi n'esta mesma frisa que eu te vi da primeira vez, lembras-te? mas n'esse tempo tudo parecia prometter-me que serias minha, e que eu seria feliz! Ha tres annos que isso foi, Sophia, e estes tres annos teem-me levado todas as illusões e esperanças; hoje és d'outro, e eu sou tão miseravel que ainda te amo! Que fiz da minha força e da minha dignidade, eu a quem tu humilhaste e perdeste!

— Guilherme... Guilherme, disse-lhe Sophia, re-

para que nos observam, e que todas as vistas estão fixas no meu camarote. É perigoso o teu genio, Guilherme, e eu tenho medo das explosões da tua colera, que aliás é justa!

Guilherme despediu-se d'ella, e saiu. Estava aberta a porta da frisa da Castello-Branco, e o mancebo ao atravessar o corredor ouviu a voz da condessa chamar pelo seu nome, e entrou na frisa.

—Não ha quem o veja! sr. Guilherme da Cunha! disse-lhe a Theresinha Castello-Branco no mais amavel tom de familiaridade. Ora, pois, resigne-se a fazer-me companhia durante este acto; julguei que a Constança Pinhel viesse passar a noite commigo, mas como faltou, eis-me solitaria como vê. Sabe que está muito interessante a sr.ª Lima?! Quando olhei para ella não a conheci ao principio, e perguntei a mim mesmo:—Quem será aquella pallida senhora, de cabellos tão negros e dentes tão brancos?—Apparece tão raras vezes! O marido foi viajar, não foi?

E a condessa continuou n'um diluvio de perguntas, a que nem dava tempo de se responder, porque falava sem descançar.

No fim do espectaculo, Guilherme que se havia conservado na frisa da Castello Branco, quiz acompanhal-a até á carruagem. O corredor do picadeiro estava apinhado de senhoras que esperavam pelos trens, entre outras a marqueza de Villar, a duqueza do Sotto e a viscondessa do Lago.

Quando Guilherme chegou acompanhando a condessa, mal havia campo para poderem estar. The-

rezinha Castello-Branco foi beijar as suas amigas; á proporção que chegavam os trens, iam partindo as familias, e o corredor ficou mais livre. Formou-se um circulo de senhoras em redór da condessa, e Guilherme viu-se na coalisão de cortejar a marqueza de Villar, que se tornou livida ao encontrar o ironico olhar do mancebo, e ao lembrar-se da fatal scena do cocheiro.

N'este momento appareceu Sophia de Lima, que atravessou o corredor até perto do atrio sem avistar o seu criado, e teve de esperar que lhe chegasse o trem, só, desacompanhada de todas as senhoras que alli se achavam, que voltaram o rosto logo que a viram, para se esquivarem a falar-lhe.

Guilherme da Cunha viu tudo isto, e tornou-se pallido de indignação. Atravessou por entre o grupo que formavam as Villar, Sotto, Castello-Branco, Eiras e Algubér, e dirigindo-se a Sophia que ficára attonita por vêr o modo por que as suas amigas a tratavam, disse-lhe:

— Quer vossa excellencia acceitar o meu braço?

Sophia agradeceu-lhe por um doce olhar de gratidão, e, dando lhe o braço, passaram ao lado do grupo das *preciosas* que escrupulisavam por ridicula e baixa hypocrisia falar a Sophia de Lima, unica que alli havia que fosse honesta, e que os cobriram com um desdenhoso olhar de menospreço

— Senhora marqueza! disse Guilherme quando passou ao lado da Villar: O cocheiro João Rodrigues tem mais uma carta em seu poder, e o sr. mar-

quez ámanhã ha de dar novas d'ella a vossa excellencia!

A marqueza estremeceu de terror, e na confusão em que ficou ao ouvir a ameaça de Guilherme, curvou insensivelmente a cabeça, e cortejou Sophia, que lhe não correspondeu.

Depois, ao chegarem á carruagem, Sophia de Lima disse a Guilherme:

— Venha tomar chá commigo!

— E o mundo? replicou Guilherme pensando no que diria quem os visse entrar para a mesma carruagem.

— Que me importa! disse ella, dando-lhe um logar a seu lado.

Mas quando chegaram a casa, apoderou-se da pobre senhora uma tristeza infinita.

— Que fiz eu ao mundo, para que o mundo me condemne sem eu errar!

— Esquece! exclamou Guilherme: essas mulheres que tiveram pudor de te falarem, quizeram ostentar a falsa dignidade das mulheres perdidas, que fingem ter horror ao vicio quando o veem nos outros! Se ellas fossem honestas não fugiriam de ti, antes se condoiriam da tua situação, quando mesmo tu não fosses digna e pura como és!

E Guilherme apertou as mãos de Sophia e beijou-as com enthusiasmo.

— E' das mulheres honestas que o mundo se occupa quando o mais leve indicio de leviandade lhe acorda suspeitas de um erro d'ellas: essas que ha pouco te voltaram o rosto estão já discutidas de

sobejo, e ninguem trata de questionar os seus creditos, porque todos as conhecem como creaturas indignas e miseraveis! O que n'isto encontro de curioso é que sejam ellas, Messalinas modernas, que não saem de noite do palacio de Claudio, mas que entram de dia nos *boudoirs* das modistas, as que maior indignação affectam para com os erros dos outros!

Depois, o mancebo fitou em Sophia um doce olhar d'amor, e enlaçando-a com um dos braços, perguntou-lhe em voz debil:

— Não has de nunca mais ser minha?

— Não! nunca! respondeu ella: o mundo tem ainda alguma contemplação para com os que conservam animo na desgraça, e que veem a luz que os encanta, mas não se approximam por medo de se queimarem!

— Enganas-te, louca! o mundo condemna-te ou absolve-te ao acaso. O mundo ainda esta noite afastou de ti os olhos, e todavia ainda não erraste! Não te lembres do mundo, mas do nosso amor que elles insultaram, da nossa felicidade que elles destruiram!

— Não deves exigir mais de mim do que o que te concedo. O nosso destino perderia toda a poesia que o suavisa, se eu commettesse uma traição vulgar.

— E se por um momento eu tivesse a idéa de que amas teu marido?

— Essa idéa era impossivel assustar-te: tu sabes *que te amo*, e eu sei que te adoro: mas ceder, en-

vilecer-me a meus olhos, depois de me haver purificado do erro de uma noite por muitas noites e muitos dias de isolamento e de martyrio... Isso não!

«A's vezes, continuou ella, tambem eu me afflijo por um pensamento, e esse pensamento era talvez o unico a que eu não tenho direito, mas tambem é o unico capaz de desvairar a minha alma...

— Qual? perguntou Guilherme.

— Que has de gostar de outra mulher, beijar outra mulher, pensar n'outra mulher!

— Só penso em ti, Sophia, e só por ti tem palpitado este coração, que foi teu na ventura, e que ainda ficou sendo teu no abandono!

— Sim, estou certa que sou amada, disse Sophia, mas tambem estou certa que apertas as mãos de alguma mulher como n'aquella noite me apertastes as minhas, que collas os beiços aos d'outra mulher como n'essa noite os collaste aos meus, que gozas com outra mulher o que n'essa noite gozaste commigo!

— O meu amor é superior ao que imaginas, mas é a tua crueldade para commigo que te suscita talvez essa lembrança! E' a tua consciencia que te diz que devias ser tu que me desses os momentos de felicidade e de amor que a tristeza da minha existencia poderia ir pedir a outra mulher!

— A minha consciencia diz-me que faço bem em não ceder, Guilherme. Um unico erro póde provar o amor, e já um erro meu te provou que te adorava, mas muitos erros só poderiam nivelar-me ás peores creaturas do meu sexo!

«Ha um mundo de rasões que as mulheres nobres e delicadas reservam para defender a sua alma e que os homens não podem entender, Guilherme!

«A's vezes para ceder aos desejos de um homem, para lhe agradar, para o tornar feliz, para dissipar as suas amarguras, entreter e animar a sua existencia, deixamo-nos levar de tentações... Mas são elles os proprios que, d'ahia a tempo, accusam os nossos esforços e tentativas como inspirados pelo espirito da depravação!

— Tu eras minha e tinhas de ser minha. De repente uma circumstancia imprevista, um acaso fatal desfez o que o nosso amor formára e o que o destino havia até então protegido... E ha-de esse homem a quem nunca te havia ligado um pensamento, um olhar, nenhum desses laços que prendem os sexos pelo amor, ha-de esse homem roubar-me impunemente as minhas esperanças e a minha felicidade! Ha-de possuir-te e dispôr de ti, que não o amas, e eu que sou amado terei de curvar a cabeça submisso á idéa de que elle póde dizer-me desassombrado: — Esta mulher é minha, e não tua, porque a benção d'um padre decidiu para sempre do seu futuro!

«Não! Isso é impossivel e isso não ha-de ser. Não quero, não posso, não consentirei nunca!

«Consentir! De que vale a minha vontade, se o mais vivo dos meus desejos nem a ti commove! Como queres que dê credito a esse amor que me *protestas*, se os teus labios gelaram com os meus

primeiros beijos, e o teu espirito serenou da ancia e ardor que te conheci ao principio!

«Não! eu não creio no amor que calcula, no amor que medita, no amor que vê o perigo e foge d'elle. Ou então creio n'esse amor como o unico affecto de que são susceptiveis as almas acanhadas e frias, incapazes de se perderem pelo infinito das paixões...

«Vae-te, vae-te! Tu já não és a mesma. O halito d'esse homem manchou-te e perdeu-te!

«E' d'elle o teu corpo, pois seja tambem d'elle a tua alma: não a quero, fria e esteril como a tens agora!

«Receio! receio de ser feliz nos meus braços, já que não és feliz nos braços de outro! E queres que eu supponha que uma mulher quando sente o amor verdadeiro e vehemente possa sujeitar o ardor dos seus desejos aos conselhos da sua razão?

«E não encontrando a felicidade senão no seio palpitante do seu amante, não ha-de essa mulher esquecer o mundo para se lembrar apenas do amor que a devora, e não irá anhelante de prazer reclinar sobre o coração do homem a quem ama, a fronte escandecida pela febre dos affectos e dos desejos?

«Ter medo da felicidade! Mentes. Tu já não me amas!

Sophia apertou entre as suas mãos as de Guilherme que as repelliu phrenetico e nervoso, e deixou depois pender a fronte sobre o hombro d'elle orvalhando-o de lagrimas; mas Guilherme, como desvairado, affastou-a de si, e exclamou cobrindo-a com um glacial sorriso de desprezo:

— Desejavas por ventura, como a maior parte das mulheres de Lisboa, ser antes de um homem de quem todos gostam, do que d'aquelle de quem tu gostavas? Fazia-te peso na consciencia a idéa de levares á felicidade um homem que só a fazia consistir em ser amado por ti, e não dividia as suas ambições pela politica, pela gloria, por alguns ephemeros triumphos sociaes, porém as concentrava todas em te merecer e alcançar? Como podeste renegar da tua fina intelligencia a ponto de te illudires com a pretendida superioridade de um d'esses homens, que Lisboa aceita e admira sem os julgar, capacidades devidas ao acaso, ao charlatanismo, e á ignorancia dos que os toleram por não guerrearem senão os talentos verdadeiros que fazem sombra aos invejosos e humilham os ineptos? O que fez elle que seja grande e notavel? Acrescentou uma descoberta á sciencia, deu uma pagina boa ás nossas lettras, alcançou um triumpho para as nossas artes, engrandeceu por uma revolução os destinos da nossa terra, consagrou a sua vida a uma causa, os seus creditos a uma idéa, o seu futuro a uma vocação? Mendigou durante uma viagem longa para ir vêr a sua amante, trabalhou de noite e dia para sustentar sua mãe, teve um duello de morte para defender a honra do seu nome, encontrou se uma vez na miseria e conquistou pelo seu talento a consideração e a gloria? Gastou uma fortuna de dois milhões em prodigalidades, foi elegante como Brummell, commetteu algum grande crime, foi um jogador celebre, um atrevido cheio de coragem,

um homem interessante e bello, de olhos expressivos e barba negra?

«Em que é elle grande então, e em que são grandes esses a quem Lisboa considera e acata? O amor, vês tu, rebenta ás vezes ardente e indomavel, sacrificando tudo quanto o coração adorava até esse instante: e eu perdoava-te se houvesses amado outro homem deixando-te abrasar pelo fogo vehemente de uma sympathia repentina: o que não te perdoarei nunca é haveres calculadamente observado um homem que se te apresentava como homem notavel, e teres, mesmo sem o amar, aspirado apenas á gloria de lhe pertencer!

«Não! nem as lagrimas do arrependimento te valem, nem as da agonia resgatam o teu passado! Soffre! soffre como eu soffri e como soffro, e chora angustiada os tristes effeitos do teu capricho de mulher! A piedade não é para ti que me sacrificaste ao calculos da tua dignidade de senhora, e que preferiste ser de outro a um dissabor de familia, a um escandalo da sociedade, e foste quente ainda dos beijos que o meu amor te déra, das caricias que o delirio do meu enthusiasmo te prodigalisára, entregar-te a um homem que não amavas, movida talvez por um ridiculo receio da publicidade do teu amor por mim!

«Que te deu elle de affectos que pagassem o ardor da paixão que me devora, e te fizessem esquecer aquella noite de amor que não voltará para nenhum de nós? O que te deu elle de estima, de consideração social ao menos, para que preferisses ser

esposa de um vilão, a seres em ultimo caso amante de um homem que se enternecia de amor por ti?

«Não! nem piedade, nem misericordia para ti, que não tiveste por mim nem misericordia nem piedade! Deixa que as lagrimas do arrependimento lavem da tua fronte os beijos com que esse homem te manchou! E se um dia, purificada pela dôr, eu te vir amaldiçoar o momento em que a tua razão vendeu a tua alma, então, ai! talvez que então eu te diga: — Vem, que te perdôo!

Depois, como Sophia estivesse chorando perdidamente, o mancebo sentiu-se impressionado e commovido, e mudando de expressão e de tom acrescentou estendendo-lhe a mão:

— Adeus! A'manhã virei vêl-a!

E saiu sem ter animo sequer de olhar para traz porque a sua vontade n'esse instante era deitar-se-lhe aos pés e pedir-lhe perdão de ter dito coisas que haviam agravado o estado de soffrimento em que a triste scena no corredor do picadeiro do theatro a tinha posto.

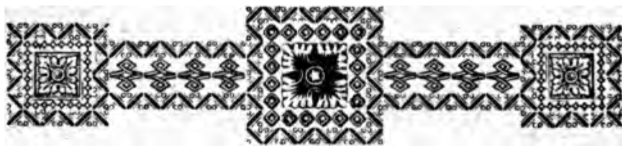
— Ficar! disse Sophia a si propria no momento de se encontrar só: ficar para me expôr de novo a tão tristes scenas como a d'esta noite, em que as minhas amigas se envergonharam de me falar em publico! Ter a vergonha sem a culpa, e não me acreditar ninguem se eu lhe jurar que não errei! Tornar-me victima de uma idéa, não querer envilecer-me a meus olhos, e todavia estar-me degradando aos olhos do mundo, pelas enganosas apparencias da vida! Ficar, para entre humilhações e

lagrimas passar uma existencia que só me alcança desgostos? Ser reprovada pelo mundo, e ter medo da felicidade que nenhum mal me traria senão o descredito que já tenho, o descredito que veio para mim primeiro do que a culpa! Oh! não... não! fugirei de quem me accusa e de quem me tenta: do mundo e de Guilherme!

Toda essa noite se passou a fazer as mallas, e ao primeiro alvor da madrugada estavam promptos os trens, despedidos os criados, e fechadas as portas. Sophia de Lima deixou Lisboa levando apenas saudades d'aquelles dias que passaram breves, quando ainda tudo parecia prometter-lhe com o amor de Guilherme a felicidade e a paz! Ao passar, volveu rapidamente os olhos para o mirante, que mil vivas lembranças lhe recordava d'aquella noite de amor que enchera a sua existencia de recordações e de saudades. Os primeiros raios do sol principiavam a doirar o muro do jardim. Soltou então um intimo suspiro, e disse á sua alma:

—Foi alli!





XXIV

Vem depressa!

Aquella rapariga louca que desmaiou em casa da Monica na occasião de vêr o agiota Melitão, era Maria Lucia! O cocheiro João Rodrigues, na historica noite do theatro da Rua dos Condes, depois da facada em José Teixeira quando iam perto do Jardim Chinez, foi esconder-se em casa do amo, e encontrou-o agitado e inquieto.

— Tate! disse João Rodrigues: querem ver que ouviram os apitos, e que desconfiam d'este seu venerador!?

— João Rodrigues! disse-lhe o amo em tom cavernoso: desempenhaste bem a tua missão! pouco faltou para eu ter de me arrepender toda a vida por t'a haver confiado.

— Sim?! perguntou o cocheiro muito pasmado.

pois todo o santissimo dia tenho andado em diligencias, e já sei onde a menina pára.

— A menina está já em casa, João Rodrigues!

— E' brincadeira!? exclamou o cocheiro em tom desconfiado.

— E' como estou dizendo. Encontrei-a eu, nem tu sonhas onde, e tomára eu que ninguem o adivinhe! Certo é que está alli no seu quarto, e este é o caso. Ora vamos nós, João Rodrigues, a conversar um pedaço.

— Conversemos! disse o cocheiro.

— Conta-me primeiro o que fizeste hoje, e que proveito tiraste das tuas diligencias.

João Rodrigues contou o que se tinha passado, menos a facada que déra.

— Que comedia, João Rodrigues, exclamou o consternado agiota: que comedia em que estou metido! Emfim, já tu reconhecerás a necessidade de fazer um casamento á menina o mais breve possivel para evitar com mais segurança que se acredite o boato do que nos succede. A'manhã, João Rodrigues, vou tratar de casar minha filha: ella confessou-me tudo, e se não receasse dar que falar ao mundo, o seductor ia-me por uma barra fóra! Emfim, vae-te deitar, que eu vou pensar mais maduramente n'este casamento!

No dia seguinte o cocheiro estava no Limoeiro: um mez depois Maria Lucia estava casada.

Lembra-se o leitor d'aquelle advogado Affonso de Mendonça, com quem tomou leve conhecimento *no primeiro* volume d'esta obra? Esse advogado

fôra a Paris, e viera mais tolo ainda do que tinha ido, cousa que se vê acontecer a quasi todos que vão a Paris: voltára com a mania de fazer um casamento rico, e como trazia as suissas talhadas por certo cabelleireiro da *Chaussée d'Antin*, tinha na pronuncia uma leve accentuação afrancezada, e dizia desde que chegára, servindo-se de um gallicismo de sua lavra: — «*Embesto-me* aqui horrivelmente!» — julgando-se apto para merecer as attenções publicas. Ora, em Lisboa com quanto haja um *escriptorio de criados de servir*, não existe ainda um *escriptorio de noivos* (estabelecimento ainda de mais reconhecida utilidade, n'esta época em que duas pessoas que gostam uma da outra são as unicas que não casam); todavia, á falta de escriptorio, ha uma especie de avisador lisbonense, um *Gratis* vocal que o substitue. Isto é, todo o homem em Lisboa que quer casar rico, anda-o dizendo por toda a parte durante seis mezes, para que a população esteja ao facto dos seus designios, e que quando um pae queira casar uma filha, por qualquer circumstancia, tenha conseguido os seus desejos dirigindo-se ao annunciante.

Foi o que se deu entre Melitão e o advogado *que veiu de Paris*.

Quando o annunciante tem ido a Paris, nunca apresenta outro titulo de recommendação: não fará constar que é «fulano» filho de um homem de bem, que teve este ou aquelle emprego; porém que é «fulano» *que veiu de Paris!*

Melitão fez-lhe chegar aos ouvidos que dava a

sua filha sessenta contos de dote, e o sr. advogado Affonso de Mendonça nem sequer aspirou ao tom de se fazer grave: acceitou logo. Maria Lucia viu n'elle um miseravel que se prestava a acceital-a por esposa sem ser amado por ella, e apenas attrahido pelo interesse, e não teve por seu marido a consideração que na vida dos casados fórma um dos principaes titulos á fidelidade da esposa: em vez de o respeitar, despresou o. Nasceu d'este casamento o tornar-se Maria Lucia uma d'essas mulheres sem consciencia nem dignidade, que muitas vezes se perdem menos por maldade de caracter, do que por causa dos casamentos que se fazem em Lisboa, em que os noivos, a maior parte das vezes, nem se amam nem se respeitam mutuamente

Mas a sociedade não a accusou, porque ella teve o bom gosto de não escolher para amante um homem de lettras, como Sophia, porém um cirurgião; e a sociedade de Lisboa só accusa as infidelidades conjugaes quando não sympathisa com os amantes que essas mulheres escolheram! Ora, aos olhos da população lisbonense um cirurgião, que estudou cinco annos, é um espirito aproveitado — e um homem de letttas, que estuda toda a vida, é um espirito perdido!

Pelo que diz respeito a Guilherme da Cunha, seria difficil contar a impressão que lhe causou a repentina desapparição de Sophia, quando, no dia seguinte á noite do theatro, indo com tenção de visital-a, encontrou fechadas todas as portas e viu *escriptos nas* janellas. Perguntou a si proprio se

estava sonhando, e foi doloroso para a sua alma ter de convencer-se que tudo que estava vendo era verdade. Apesar das indagações a que se entregou, inquirindo por toda a parte e a toda a gente, durante o primeiro mez que se seguiu á partida d'ella, não conseguiu o mais leve indicio do sitio em que estaria.

A lembrança de ser por sua causa que o mundo a accusára, e ser por causa do mundo que ella provavelmente o deixára, dava-lhe agora aquelle triste e surdo desespero que se apodera dos espiritos e os devora pela agonia ou os conduz á imbecilidade.

Para se esquecer de Sophia entregou-se a todas as prodigalidades e loucuras que um espirito extraviado aproveita na esperança de que as sensações variadas da vida dos estravagantes lhe alcancem senão a felicidade, o esquecimento ao menos.

Mas o jogo enfastiava-o, os licores sabiam-lhe mal, e aborreciam-lhe as mulheres!

A's vezes partiam para Cintra uns poucos de trens, depois do theatro, formando alguma louca caravana de rapazes e raparigas. Guilherme fazia sempre parte d'essas bachanaes, mas a mulher que lhe caía por companheira da noite, queixava-se sempre de que elle na madrugada a deixava, sem se despedir dos seus amigos e voltava só para Lisboa. Espirito inquieto e febril, só desejava estar no logar em que não estava!

No fim de mez e meio, em que raras vezes se encontrara em estado de reunir as suas idéas e con-

central-as a um ponto fixo, do que resultára raras vezes ter escripto para o jornal, elle proprio conheceu que o seu espirito estava incapaz das aturadas e quotidianas lucubrações do jornalismo, e despediu-se do *Movimento*.

Passou então uma vida estragada e perdida, sem conseguir distrahir-se nem afastar de si a lembrança que o devorava. A dispendiosa existencia a que se entregou, fez com que mais depressa dissipasse a pequena herança que tivera: o jogo foi-lhe infiel, e a carta afortunada que por tantas vezes o fizera ganhar — a dama — pareceu juntar-se ao numero dos seus inimigos.

Tentou trabalhar e não poude: tudo que escrevia ficava de tal fórma confuso, que nem elle mesmo depois percebia o que tinha querido dizer.

— «Quebraste a penna?» perguntou-lhe de uma vez Victor Marrocos.

— «Precisa aparada, respondeu o mancebo; está grossa de mais!»

Quasi tres mezes depois da partida de Sophia, Guilherme que nem escrevia nem já tinha dinheiro para continuar a entregar-se á prodiga existencia que levára, sentiu-se realmente sem animo de proseguir n'uma existencia que se lhe tornava cada vez mais difficil, e lembrou-se até de se suicidar. É uma idéa de rapaz, esta do suicidio, porém na situação em que elle se encontrava, havia muita sinceridade no desejo de deixar a vida.

Uma tarde andava no Chiado passeando ao acaso. Viu passar a marqueza de Villar no seu caleche,

cobril-o com um olhar insolente, e dizer á Foyos, que ía a seu lado, alguma coisa de que ambas se riram com desdem.

Ha caracteres a quem apenas o despeito dá coragem, e Guilherme era assim. O despreso com que a Villar o olhára deu-lhe mais animo, do que as palavras affectuosas com que alguns amigos o consolavam. Voltou a casa e escreveu toda a noite, com a mesma facilidade e o mesmo ardor que d'antes tinha. — «Estou salvo! disse elle a sua mãe: acordei!»

No dia seguinte appareceu em casa de Melitão, que, como o leitor sabe, era editor do jornal, e renovou o contracto com o *Movimento*, entregando logo o artigo que escrevera durante a noite, e que tomava cinco columnas do jornal.

— Que é feito do marquez? perguntou o mancebo a Melitão.

— Hei de jantar com elle hoje, respondeu o agiota: é o dia d'annos da marqueza.

— Ah! são os annos d'essa senhora! ponderou Guilherme, lembrando-se do despreso com que ella na vespera tinha olhado para elle. E' justo que eu lhe faça o meu presente!

— E escreveu ao marquez: — «Vossa excellencia terá a bondade de apresentar os meus respeitos á senhora marqueza, e dizer-lhe que a carta que acompanha esta é a prova que lhe dou de lembrar-me d'este dia.»

E a carta a que alludia, e que juntou a esta, era a ultima das tres qne elle havia tido em seu poder.

e de que só entregára duas ao cocheiro João Rodrigues. O marquez recebeu-as pouco antes de jantar, e depois de as lêr fez annunciar á marqueza, que estava a vestir-se no seu quarto, e que precisava falar-lhe quanto antes.

Tiveram uma larga conferencia, em que houve choros e supplicas. O marquez não podia deixar de ser severo, porque tinha a certeza de que alguem já tinha visto a carta que Guilherme da Cunha lhe mandou. Thomasia de Villar teve de apparecer á meza, e affectar uma jovialidade inalteravel. Não obstante, os convivas adivinharam na frieza do marquez para sua esposa, que alguma coisa grave havia succedido entre elles. Desde esse dia, a marqueza de Villar nunca mais gosou da liberdade que tivera, porque seu marido fazia-a vigiar constantemente por um criado antigo, inimigo velho da marqueza. Quando alguma vez se pronunciava diante d'ella o nome de Guilherme da Cunha, viam-n'a todos tornar-se pallida e tremer de colera.

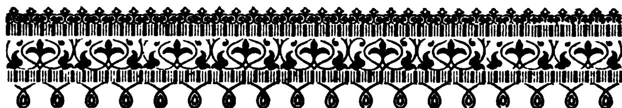
Tres mezes e nove dias haviam passado depois da partida de Sophia, quando uma tarde o mancebo recebeu esta carta d'ella:

«Tenho estado muito doente e dizem os medicos que poucas melhoras tenho; mas elles não entendem bem do que eu soffro, e sou eu propria a unica que o sei: soffro por te não vêr! Fugi de Lisboa ha tres mezes, e comtigo fugiu para mim aquelle resto de alegria que ainda me deixava viver. Parti *na madrugada* da triste noite do theatro, e os acon-

tecimentos d'essa noite fatal causaram-me tão profundo desgosto, que logo depois adoeci. Queria eu voltar para Lisboa, porém não m'o querem consentir os medicos. Dizem elles que estou mais doente do que cuido, mas não estou. A febre é o que mais me incommoda, e se não fosse ella, nem faria caso da doença, que bem conheço não valer nada. Não percebem elles, meu Guilherme, que a gente possa adoecer por amor e por saudade: e não é outra a minha doença. A's vezes oiço-os falar com o padre prior d'esta terra, — pessoa a quem estou muito reconhecida pela maneira porque me tem tratado, dando se a taes extremos que, por assim dizer, é elle o meu enfermeiro — e já algumas vezes os tenho ouvido dizer que temem pelos meus dias. E não ha palavras para os convencer do contrario! Se eu estivesse tysica, como parecem persuadir-se, vê se era possivel sentir-me com tanta vida como n'estes ultimos dias, desde que formei tenção de te chamar para te vêr! Em tu chegando despeço-os, porque o medico para a minha doença são os teus olhos, que sem os vêr não descanço! É um crime perder um minuto a olhar outro rosto que não seja o teu! E quando a mim propria digo o teu nome, gostaria que as syllabas d'elle fossem eternas, para nunca acabar de o dizer! Vem depressa, e verás quanto é doce viver aqui: são tão poeticos estes campos e estes montes, e é tão leve este ar, que quanto aqui se respira e se vê dá muita idéa da felicidade! Vem depressa, porque vamos agora gosar a vida, socegados e esquecidos. Havemos de vêr as

tardes a *Adosinda* de Garrett e os versos de Bulhão Pato. Vem, anjo da minha alma! Estou em Santa Eulalia, a meia legoa da Povoa de Santa Iria. Vem já! vem ainda esta noite, que é a de S. João; não te demores um instante, parte e vem. Vem depressa. Depressa!»





XXV

Noite de S. João

Era a noite de S. João.

Como Guilherme se pozesse a caminho tão depressa leu a carta, que o encheu de alegria e de esperanças, chegou á Povoa de Santa Iria ao cair da noite, e a Santa Eulalia ao acender das fogueiras.

Tudo respira amor e poesia n'esta noite amena de S. João, que é a mais curta e a mais linda do anno!

Ao passar por Via Longa ouviu Guilherme as cantigas populares que as raparigas entoam em louvor do Santo, queimando a alcachofra agoureira, umas vezes esperançadas em que ha-de florir, e outras vezes receiosas que se faça em carvão para ter de reduzir se a cinzas como o amor que ellas perderam!

Já preparavam as donzellas as sortes que deviam

adivinhar-lhe o noivo, e esperavam anciosas o bater da meia noite para deitar no cópo cheio de agua a clara de ôvo que havia de transformar-se na imagem do destino que as esperava!

E rompiam as danças em redor das fogueiras, e o motim dos descantes subia aos ares com o perfume da erva pinheira queimada!

Mas no momento de chegar a Santa Eulalia, o mancebo estremeceu de terror. Esperava que tudo alli estivesse alegre e festivo, e tudo encontrou ermo e triste. Ao clarão das fogueiras succedeu a escuridão da noite, e ao motim dos descantes o silencio dos sepulchros. Nem danças nem festas, nem signal de que se estava em noite de S. João, mas apenas um vento abafadisso, e uma vaga tristeza de morte se espalhava em tudo!

Passou a ermida, e chegou emfim á antiga casa do alpendre. Escutou por um momento á porta, e nem uma voz se ouvia.

Um triste e indefinido presentimento lhe principiou a angustiar o espirito. Poderia dar-se que estivessem deitados já áquella hora? E não deveriam esperal-o, depois de tanto se lhe ter recommendado na carta: «Vem depressa!».

Bateu na porta, e o som da argolada teve não sei o que de lugubre Uma velha criada appareceu no fim de um pouco de tempo, e quando ia a dizer-lhe alguma coisa suffocou-se em lagrimas, e fugiu diante d'elle!

Guilherme atravessou um extenso corredor mal *alumiado*, e ouviu vozes que saiam do interior da

casa: vozes roucas e compassadas n'um triste tom de rezas. Quando chegou a esse quarto cujas portas estavam abertas de par, viu um corpo estendido e uns padres em redor: os ministros da egreja resavam o responso dos mortos!

Quando entrou, impetuoso de anciedade e de susto, reconheceu o cadaver, e soltou um grito de profunda e dolorosa agonia. Depois, aterrado e immovel, ficou com a vista pregada n'aquelle vulto branco! Caiu então de joelhos, e como acordando por um supremo impulso de afflicção, apertou entre as suas as mãos geladas do cadaver como se tentasse restituil-o á vida pelo ardor da paixão que o devorava!

Havia tanta grandeza n'aquella dôr que ninguem se atreveu a affastal-o do cadaver quando se lhe abraçou n'um solemne delirio de angustia! Os padres terminaram as rezas e sairam: apenas se ouvia o soluçar do choro com que a velha criada interrompia aquelle silencio pavoroso!

Ao cabo de algum tempo, o mancebo caiu n'um estado de imbecilidade e de atonia. Levaram-o d'aquella casa sem que soltasse um suspiro nem oppozesse a menor resistencia.

Passou a noite com o parocho de Santa Eulalia, que o levou para sua casa: debruçado n'uma meza com o rosto occulto entre as mãos, assim se conservou até de madrugada sem soltar uma só palavra. O padre tentou por vezes consolal-o com suaves expressões de religião e de fé, mar nem elle o ouvia!

Pelo fim da noite o estado de prostração que o opprimia produziu-lhe um somno profundo e pesado, o somno que vem sempre depois das grandes catastrophes da vida.

Ao acordar, espalhou a vista em redor de si, e encontrou o olhar fixo do padre que o contemplava com uma triste expressão de piedade; procurou reunir as idéas perdidas e confusas, e no momento de se recordar perguntou ancioso e tremulo como desejando persuadir-se que estava sendo victima das recordações de um sonho: — Sophia?

O padre estendeu-lhe os braços, e, apertando-o affectuosamente ao peito, balbuciou com expressão resignada:

— Sophia está no ceu!

Então, essa pobre alma afflicta ficou mais abatida do que nunca, e rebentaram-lhe dos olhos as primeiras lagrimas d'aquella grande dôr!

Quiz depois saber tudo que se havia passado, e escutou chorando esta triste narrativa do parocho:

— Nos primeiros dias de março d'este anno a sr.ª Lima veio para Santa Eulalia. Quando de uma vez lhe fiz sentir a admiração que me causava vel-a abandonar o mundo, ella, que era um dos seus ornamentos, disse-me que a sua alma precisava socego, e que a aterrava mais a sociedade do que a solidão. No fim da terceira semana de aqui estar principiou a sentir-se doente, e consultou os medicos. Aconselharam-lhe que attendesse muito á *sua saude*, e disseram-lhe que estava mais doente

do que pensava. Despresou sempre as prescripções da sciencia, e a continua agitação de espirito em que estava cada vez augmentou mais o mal que começava a devoral-a. Os medicos haviam-lhe encontrado ao principio os symptomas de uma tysica violenta e aguda: no fim de dois mezes estava confirmado para a sciencia este triste prognostico. Tinha muita difficuldade em respirar, e qualquer cousa a cançava; quando ás vezes queria que entretivessemos uma parte da tarde conversando, por maiores cuidados que eu empregasse para que a conversação não lhe désse assumpto para discutir, principiava logo a agitar-se aquelle espirito, e á proporção das idéas vinham as palavras, mas com ellas a tosse! Tornava se-lhe então o pulso ainda mais febril, e ao cahir da tarde era certo um acesso! Ficava animada, espirituosa, e dava lhe não sei que triste encanto aquelle lindo rubôr que a doença concede aos que vae matar! Nos primeiros dias d'este mez havia chegado a um estado de consumpção e de magreza, que metia dó! pallida, com as feições extinctas, os pomos proeminentes, e o o olhar tão depressa languido pelo abatimento e pelo cançasso, como animado e vivo quando a febre o incendiava! Peorou de dia para dia sem querer persuadir-se de que estava doente. «São saudades, dizia-me ella: de saudades é que eu estou doente, sr. prior!»

— Pobre alma! balbuciou commovido o mancebo.

— Pobre alma que já Deus tem! replicou o prior enxugando uma lagrima.

Houve uma pausa por nenhum d'elles ter força para falar, nem para ouvir.

—Depois? perguntou Guilherme no fim de alguns instantes.

—Depois, proseguiu o padre, principiou a ter dois accessos por dia, e a dizer sempre que se sentia melhor, e que o queria vêr. Por muitos dias falou n'isto, até que hontem de manhã lhe escreveu uma carta: da agitação em que as suas idéas ficaram e do cançasso de a escrever, resultou talvez maior brevidade em terminar a existencia que estava levando na terra! A carta partiu de Santa Eulalia ás nove horas da manhã, e momentos depois a morte veiu encontrar a pobre senhora que não a esperava: tanto a animavam as esperanças que nunca desamparam os tysicos! Morreu proferindo o seu nome, que nem acabou porque a morte lhe gelou a voz nos labios: deixou pender a cabeça para um lado, e quando se julgou que estava procurando socegar e adormecer, já não era da terra!

Ficaram depois silenciosos por muito tempo, e choraram juntos. Por um effeito ordinario das fortes e poderosas sensações, uma especie de estasis se apoderou de ambos.

O parocho de Santa Eulalia era uma nobre e respeitavel figura de sacerdote: ainda que a sua estatura pouco excedia de mediana, havia comtudo na physionomia d'este homem que antes de se votar á egreja conhecera e frequentára o mundo, a doce e resignada expressão das almas que depois de atravessarem grandes desgostos na vida, se forti-

ficaram pela fé e pela religião. O clero portuguez, em geral, é infelizmente de tão proverbial ignorancia, que causa admiração quando de um padre se recommenda o talento e a lição. Mas ha excepções, por felicidade, e crescem ellas agora, porque cada vez se cuida mais da educação do clero como compensação do pouco que até hoje se lhe ha attendido: o velho parocho de Santa Eulalia reunia ao saber que em poucos padres se encontra, a crença e a austeridade de principios que ainda são mais raros de encontrar.

Passaram juntos ainda mais algumas horas, mas calados ambos e pensativos.

— Que será de mim agora? disse o mancebo soltando um intimo suspiro. Em triste situação me encontro, pois que só me lembro de terminar a vida! Entre o suicidio ou a miseria, que deverei escolher?

— Quando se está ainda na força da vida, ninguem deve lembrar-se da miseria mas do trabalho!

— Oh! Não poderei agora trabalhar, senhor prior! Sinto a minha alma despovoada de illusões e de esperanças, e falta-me coragem para proseguir a lucta que travei! N'estes ultimos tempos, sr. prior, conheci uma triste verdade, — que o talento do homem morre ás vezes antes d'elle! Sinto a imaginação debilitada, e vejo descorado e palido o espirito, outr'ora ardente e febril! Tudo que ultimamente tenho escripto accusa em extremo a tristeza que me devora, e a raiva de impotencia que me extenua o animo. Fogem-me as idéas, e no mo-

mento de as sentir de novo, não encontro a expressão propria d'ellas! D'este estado de espirito resulta uma grande difficuldade de trabalho, impossivel de harmonisar com as necessidades da vida litteraria para os que, como eu; desherdados da fortuna, têem, n'um paiz como o nosso, de combater com uma penna todas as difficuldades do destino!

— Que vida! disse o prior.

— Uma vida de homem! respondeu o mancebo com supremo gesto de melancolia.

— Não desespere! disse o padre fitando em Guilherme um olhar de consolação, e apertando-lhe a mão com affecto. São cobardes as almas que succumbem aos primeiros revezes da sorte.

— Primeiros?! exclamou o mancebo: que pode então o destino reservar-me de mais agudas dôres?

— O homem que lhe está falando atravessou a vida entre lagrimas, e todavia tem ainda esperança em Deus!

— Que posso eu esperar, padre, se ella está morta, e eu sem fé?!

— Oh! não blaspheme! não blaspheme! Quantos maiores são os revezes da vida, mais se deve recorrer a Deus para que elle ampare a nossa alma pelas suas graças e pelo seu soccorro!

— Deve ter soffrido muito ou muito pouco, sr. prior, para que tanto espere do ceu!

— Ha poucas pessoas de quem não se forme tres ou quatro reputações differentes, e a maior parte *das* vezes não entra n'este numero a que mereciam

ter! disse o ancião. Assim succede commigo. Sei que me accusam até de criminoso, e que a melancolia do meu caracter fornece assumpto para mil conjecturas imprudentes. Procuram debalde o segredo da minha vida. Perde-se por estes montes o ecco dos meus queixumes. Raros sólto, e esses mesmos enfraquecidos já por dôr longa e aguda acodem d'alma aos labios, mas nos labios morrem.

«Soffro, e todavia ha uma idéa que dá vigor ao meu espirito — o saber que me hei de salvar! Por que Deus não cura todos os doentes espirituaes, e só attende aquelles que certas condições acompanham, aquelles que passaram em lagrimas a sua existencia, e que não souberam nunca que cousa é ter olhos sem pranto, coração sem dôr, e alma sem pena...

«E é da parte de Deus uma misericordia o succeder assim! Porque se distribuisse igualmente as suas graças a todos os estados, não haveria prudencia em escolher um de preferencia a outro; e se a salvação fosse igualmente facil nas situações commodas, ninguem escolheria a penitencia e a austeridade como unicos meios de alcançar o céu.

«Dirá que deve haver na minha vida algum triste poema de dôr e de lagrimas, assim é! A austeridade a que sujeito a minha existencia não é especulativa como a maior parte das virtudes humanas, que querem a abstenção dos gosos com o fim de alcançar de Deus o perdão de passadas culpas.

«Não! Para mim este ermo, triste e arido, consola-me pela sua aridez e pela sua tristura. Era-me

preciso um logar que estivesse em harmonia com a desolação da minha alma. A's vezes, ao cair da tarde, sopra n'estes montes um vento glacial e funebre, que ainda acarreta os ultimos sons da agonia das cidades... E' triste então porque julgo ouvil-a... a ella, soltar com a sua voz fraquinha e debil o primeiro grito de afflicção e de terror... Depois, as chammas crepitarem ambiciosas e aterradoras... Desabarem aos pedaços as paredes... Cahirem os quadros consumidos pelo fogo... Os quadros! os retratos de minha mãe e d'ella... da innocente! Fugir, era impossivel. A porta cercada de chammas, a janella... Havia de querer despedaçal-a n'uma queda inevitavelmente mortal?... Restava-me sempre uma esperança; quando o perigo chegára ao auge, quando tudo era horror, quando não havia que esperar já, eu esperava ainda! O que esperava não sei. Salvar-me, não, mas salval-a; nem sei de que modo, nem por que meio, nem por que esperança, mas salval-a!

«As desgraças da vida marcam na fronte dos martyres o sello do infortunio: o da desesperação nem sempre! Quem póde saber se o braço omnipotente de Deus, não quereria evitar pela morte um castigo, peor ainda, de alguma remota culpa? Misanthropo e taciturno, a sociedade não quereria agora receber-me. A reclusão da minha existencia, e a insociabilidade do meu espirito, faz com que as mulheres tenham horror á minha tristeza, e as creanças medo do meu olhar: chamam-me o monge de *Santa Eulalia*, porque a minha austeridade de reli-

gião e a aridez da minha vida, dão talvez idéa do desolado viver dos monges, homens para quem a fé era tudo, e a idéa de Deus conseguia salvar do desalento a que a sociedade havia levado a sua alma.

«Foram ás vezes durante os primeiros annos da sua vida grandes viciosos, foram até por vezes criminosos esses homens para quem depois a penitencia e a compunção teve o valor de uma existencia nova! Mas foram tambem grandes martyres, e no ardor da contricção se illuminou ainda muita alma que pelo amor penára, muito coração que pelo amor soffrêra! Victima de um grande affecto como a maior parte d'elles, o mesmo infortunio me coube e o mesmo destino me compete.

«Amei! Amei desabridamente, doidamente, perdidamente. A mulher que eu amava enganou-me, atraiçoou-me, envileceu-me. Mas no momento de a esquecer para sempre, o Senhor me reservava ainda maior e mais santo amor: restava-me uma filha! A minha filha! aquelle anjo que eu e ella tinhamos sonhado no tempo em que cada um de nós era digno do amor do outro, no tempo em que ella ainda era grande e nobre, no tempo em que ainda tinha alma, no tempo em que ainda mereceu a Deus darlhe esse anjo de formosura e de luz! Essa filha foi então tudo que me restou d'ella e do meu amor por ella. Um convento recebeu da mãe os ultimos suspiros de um amor illicito; o meu peito pediu á filha as ultimas consolações para um affecto vilipendiado!

«Tinha doze annos aquella linda miniatura, em que a natureza parecia ter querido realisar o ideal dos artistas e dos poetas, para provar que é frouxo e pallido tudo que o genio concebe perante o que Deus illumina! Doze annos durante os quaes eu a tinha visto a todos os instantes, beijado a todas as horas, pedido ao céu por ella a todos os momentos! Parecia ter por destino ser na vida uma d'essas creaturas, cujo olhar revela um raio da luz divina! Era loira e alva, de olhos azues como o azul do nosso mar e do nosso firmamento! O amor em toda a sua furia indomavel.

«Uma noite, o incendio lavrou no predio em que habitavamos. Era alta noite, acordámos ao ruido dos sinos, ao motim do povo, aos gritos dos visinhos: o incendio começára no andar inferior, a escada principiava a estar impraticavel, os soccorros tardavam, o susto estava em todos os corações, o terror em todas as physionomias e em todas as vozes.

«Minha filha, a minha querida filha, olhava-me com uma expressão angelica e celeste. Tomei-a ao collo, e ancioso e tremulo tentei descer ainda a escada; mas ao chegar ao primeiro lance vi os ultimos degraus abaterem e sepultarem-se nas chammas que se erguiam medonhas, furiosas, implacaveis.

«A creança chorou então! Mas as lagrimas que deslisaram por aquelle candido rosto de anjo, depressa enxugaram, e os olhos parados, attonitos, *espargiram* por tudo que nos cercava o olhar me-

droso, irresoluto e assustado de quem vê o perigo e nem sequer o comprehende bem.

«Cheguei á janella, e olhei para a rua: uma nuvem de fumo ia espalhar-se sobre outra nuvem de cabeças: não se ouvia mais do que os gritos inintelligiveis de uma multidão de homens que gritavam a um tempo.

«N'esta occasião atiraram-me uma escada de corda. Não havia um instante a perder: o incendio que lavrava no andar inferior já parecia querer devorar o tecto, porque as taboas rangiam debaixo dos meus passos. A creança olhava-me com expressão de terror indefinivel; por instantes os seus olhos demoraram um olhar triste e amedrontado no reflexo que as chammas produziam na parede fronteira. Ia dar-lhe um beijo de consolação e de esperança, mas senti o sobrado estallar, e tive medo de perder um só momento. Agarrei na escada de corda, comecei a prendel-a á janella, e disse á innocente:

« — Vem! salvemo-nos!

«Um homem subiu n'este momento pela escada de corda, e entrou em minha casa para ajudar a salvar-nos. A creança chegou á janella, viu o clarão que as chammas produziam, e recuou aterrada e chorosa.

« — Vem, fujamos, minha filha! gritei eu de novo estendendo os braços para a segurar.

« — Venha! disse o homem tentando tomal-a ao collo. Venha! se perdemos tempo, vamos morrer aqui!

«A creança tremeu toda, recuou, e fugiu de nós cheia de susto, mas apenas teria recuado dois passos, o sobrado abateu, e eu vi minha filha supultar-se nas chammas!...

«O braço d'esse homem que tentára salvar-nos, impediu-me de me precipitar atraz da innocente... Perdi o animo, e desfalleci horrorisado como sentindo-me morrer.

«Quando acordei d'esse lethargo medonho e tenebroso, durante o qual julguei vêr a innocente creança luctando debalde com os furores do incendio, encontrei-me no mundo perdido e isolado!

«Desterrei-me da sociedade e pedi auxilio á solidão: é Santa Eulalia o retiro tranquillo, onde a minha alma tem dado soltas ás suas recordações!

«Deus terá piedade da minha dôr, e serei feliz n'uma outra vida em que de novo hei de encontrar aquelle anjo que fugiu para o céu, e que verei ajoelhado aos pés do Senhor!

«As minhas desgraças fizeram com que eu confie tudo no céu: nada n'este mundo!

— E que póde alguem esperar aqui, sr. prior, n'esta longa peregrinação de dôres e de prazeres ephemeros, n'este mundo para o qual se entra tendo já a certeza de que havemos de vêr morrer os que na vida nos são queridos?

Houve uma pausa em que ambos se encontraram n'um olhar de melancolia.

— Qual de nós soffreria mais, senhor? perguntou o prior com um sorriso cheio de doçura.

— Qual de nós amaria mais, padre? replicou o

mancebo com magnifica expressão de superioridade.

— Breves serão as desventuras do seu destino, se se resignar com viva fé! Mas que toda a sua esperança resida em Deus, e os seus olhos apenas procurem as regiões celestes onde a divindade é tudo!

— Obrigado pelo que me tem dito, sr. prior; se algum auxilio podia haver na terra para a minha alma, nenhum melhor do que o dos seus conselhos!

— Só vê ainda como futuro a miseria ou o suicidio, sem se lembrar que os ineptos e os cobardes são os que tal destino esperam?

— Mudei de idéa; deixarei Lisboa! Em Lisboa não se dá senão aos ricos; eu, que sou pobre, nada posso esperar! Senhor prior, adeus! Até um dia, talvez!

— Que Deus o acompanhe sempre! exclamou o prior abraçando o mancebo, e acompanhando-o até á porta. Se persistir na idéa de partir...

— Voltarei a vêl-o! E não se esqueça nunca, sr. prior, de pedir a Deus por aquella alma querida!

Abraçaram-se outra vez e separaram-se: o mancebo desceu a ladeira que conduz a Via-Longa, e quando ao cabo d'ella voltou a cabeça, viu ainda o prior que o olhava de longe e lhe disse adeus com lenço.

Quando chegou a Lisboa recebeu a noticia de que o marquez de Villar estava ministro desde a vespera, e que ía suspender a publicação do *Movimento*. Mediu bem então a situação em que se acha-

va, e reconheceu mais do que nunca a necessidade de partir.

Apesar do que promettera ao prior, não teve animo de voltar a Santa Eulalia. Vendeu os livros e os moveis, e alcançou por tudo perto de trezentos mil réis; guardou duzentos para si, e deu o resto a sua mãe, a quem pediu que voltasse para a casa do Carvalhal, e que se resignasse a viver como outr'ora do que as colheitas rendessem.

Depois, no primeiro barco que saíu, Guilherme da Cunha partiu para o Rio de Janeiro.

Desprotegido e sem recursos, teve de passar pela ultima feição da vida de Lisboa — ir pedir pão ao Brazil!

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

NOTAS



NOTAS

Quasi todos os jornaes da capital deram noticia da publicação do primeiro volume d'esta obra, e por essa occasião alguns dispensaram ao auctor louvores que sobremaneira o penhoraram; são-lhe porém tão lisongeiros esses artigos, principalmente os da *Opinião*, *Rei e Ordem*, e *Jornal de Bellas-Artes*, que não quiz o auctor consentir em que os transcrevessemos aqui, como desejavamos, temendo talvez que o taxassem de immodesto. Os artigos da *Nação* e *Portuguez*, por serem de um caracter mais critico e austero, aqui os damos primeiro até, do que as explicações que lhes servem de resposta, e ao auctor de defeza.

«Acaba de publicar o primeiro volume de um romance, a *Vida em Lisboa*, n'uma edição nitida e elegante, o sr. Julio Cesar Machado.

O seu começo despretencioso, segundo o juizo do seu proprio auctor, é mais um extenso folhetim com todas as liberdades d'este genero litterario, do que um romance.

Cumpre porém advertir que os tres ultimos capitulos d'este primeiro volume já aspiram a mais elevada apreciação.

Se este fosse o logar d'essa apreciação, desde já diriamos ao auctor, que esses tres capitulos, ainda que satisfazem a arte em quanto ao caracter das personagens e desenho da acção, não satisfazem comtudo a moral em quanto aos seus melindres fundados em principios immutaveis.

Mancebo, como o auctor é, ainda é esta a occasião de dizer-lhe:

Revela talento o seu escripto, ha movimento e vida, ha côr e desenho n'algumas das scenas do seu romance. Ha sobre tudo vocação litteraria nos tres ultimos capitulos do primeiro volume.

Faltam dois elementos, um que pertence ao escriptor, outro ao homem social, que o sr. Julio Cesar Machado ha-de adquirir, não só porque é moço ainda, mas porque tambem sabe que a penna, que escreve estas linhas, é conscienciosa e amiga.

Estes elementos são para o escriptor a correcção e elegancia do estylo, para o homem social o respeito pela base constitutiva das sociedades, que é a moral, que nasce da religião.

O sr. Julio Cesar Machado sabe que o talento é sempre grande quando é bello; confiamos em que tambem ha-de provar-nos que o talento é bello quando é moral, e grande quando é religioso.» *(Nação).*

«Se não avultasse no nosso mercado litterario tão grande montão de traducções, é natural que attribuissemos a falta de romances portuguezes á circumstancia de não se lêr romance em Portugal; mas se vemos que a esmo se fazem versões de tão triste exemplo para as letras, versões em que duas linguas são sacrificadas — aquella de que traduzem e esta para que traduzem — e se apesar do despeito que o animo publico já sente por essas miseraveis trasladações, a venda é consideravel, os compradores affluem, e o mercado prospera, poderemos deixar de accusar a inercia dos talentos, que adormecem sobre os primeiros louros de muito disputaveis glorias, sem terem o animo de se rebellarem contra a deploravel moda das traducções, e de a guerrearem *trabalhando em* obras portuguezas, que mais possam convir

e por ventura agradar do que esses vergonhosos romances, charadas e enygmas pelo que diz respeito á linguagem, que por ahi surgem, por ahi se vendem e por ahi são lidos!

O romance historico, encetado entre nós pela fecunda penna do sr. Alexandre Herculano, já nos deu o *Monge de Cister*, que é um monumento; a *Abobeda*, que é uma maravilha; os *Irmãos Carvajaes*, que são umas poucas de soberbas paginas; o *Odio velho não cança*, que é uma interessante chronica; a *Mocidade de D. João V*, que é um lindo romance; e o *Anno na côrte*, que é um bom romance historico.

Mas o que nos tem dado o romance contemporaneo, se não é as *Memorias de um doido*, livro que se faz valer pelo estylo á custa muitas vezes da verdade, do desenho do quadro e das figuras, e que se deleita pela elegancia da linguagem do sr. Lopes de Mendonça, tambem accusa a extrema leitura de romances francezes, não tanto pela phrase, não tanto ainda pelo enredo, como pelos typos! O que nos tem dado o romance contemporaneo, se não são os livros do sr. Camillo Castello Branco, muito original e muito distincto talento, muito activo e esmerado trabalhador?

Mas serão estimados em Lisboa, como romances contemporaneos e de usos da nossa sociedade, as *Memorias de um doido*, em que não ha typo que seja nosso; e os romances do sr. Camillo Castello Branco, que como escriptor portuguez, só descreve nas suas excellentes obras os costumes, scenas e caracteres do Porto e das provincias?

Se não falamos n'alguns outros romances que por ahi correm, não nos lembra se apresentando-se como contemporaneos ou não, é porque elles se distanceiam tanto do que se considera realisar as condições de livro, que é até trabalho em vão dar-se a critica a castigar obras de tão insignificante vulto!

Ultimamente se annunciou o primeiro volume de um romance contemporaneo; e se este genero obriga a muito, a mais por certo obriga ao auctor o titulo que deu á sua obra: é a *Vida em Lisboa*. Será deveras um romance contemporaneo, e dir-nos-ha a vida de Lisboa?

Esta foi a idéa de hesitação e desconfiança com que nos dirigimos a procurar o primeiro volume, reforçado, digamol-o sem querer n'isto offender o auctor, pelo costume em que estamos de vêr que os escriptores novos procuram deslumbrar com um titulo, por serem incapazes de deslumbrar com um trabalho.

Já o nome do sr. Julio Cesar Machado nos era sympathico, por muitos dos seus folhetins da *Revolução de Setembro*,

que revelam talento e vocação para escrever; mas até esta nova obra os escriptos do sr. Machado accusavam repetidas vezes poucos conhecimentos litterarios e muita negligencia no estylo, que lhe é naturalmente elegante, mas que precisava ser educado aproveitando maior sabor portuguez, e não deixando presentir tão pouca leitura dos nossos classicos.

Porém é de justiça confessar que esta obra se distanceia infinitamente dos seus outros escriptos e denota progresso do seu talento e cultivação aturada de estylo, que da primeira á ultima pagina se conserva o mesmo, deixando já observar bastante individualidade de fórma.

Vê-se no primeiro volume d'esta obra certa novidade de expressão, que nem sempre nos agrada: é de proposito e não por erro involuntario, que o auctor cae n'isso que é a nossos olhos defeito, porém nem assim lhe perdoamos. Quer ou parece querer introduzir na nossa lingua termos que não estão admittidos e de que apenas se usa quando se fala, porém improprios de um livro, não por indecentes nem indecorosos, que em nada o são, mas por não serem portuguezes, como *cavaqueação*, e muitos outros què no livro do sr. Machado nem sequer estão em typo italico, o que denota que os considera como palavras de accepção justificada.

Em quanto á acção do romance, parece-nos bem disposta e o andamento d'ella apresentar novidade: os typos são fieis e bem desenhados. Guilherme da Cunha é um caracter que prende a attenção do leitor, e Sophia de Sousa um original typo de mulher; os jornalistas Athayde, Mello, Roma; os homens politicos Marrocos, Villar e João Secco; a dançarina Ritinha, sobre todos, pela verdade e originalidade de desenho; a marqueza de Villar, em quem o auctor parecer querer castigar a aristocracia moderna; o barão de Sousa, que é um verdadeiro typo portuguez; e Luiz de Lima, que é d'esses caracteres que hoje são de todos os paizes, porque a civilisação tem tido o poder de dar uma só feição aos homens do mundo: eis os principaes vultos que se encontram no primeiro volume do romance a *Vida em Lisboa*, cujos ultimos capitulos são realmente notaveis pelo estylo e pelo interesse que despertam.

Seja o sr. Julio Cesar mais cuidadoso na construcção da phrase, que é isso que ainda accusa a leitura de livros francezes, que sempre é bom lêr, mas em conta que não estrague depois tudo a que queiramos dar sabor propriamente portuguez; e anime-o vêr que o primeiro volume d'esta sua obra tem feito impressão no publico de Lisboa, e igual acolhimento alcançará nas provincias e no Brazil, onde é grande

a curiosidade de conhecer a vida de Lisboa, e deve ser grande a satisfação de a poder lêr tão bem contada.»

(Portuguez).

A critica, com quanto se mostrasse extremamente benevola para com o primeiro volume d'esta obra, accusou o auctor de haver empregado termos que não são portuguezes; e, para exemplo, a critica cita *cavaqueação.*

O auctor responde humildemente que lhe parecem aproveitaveis para um romance de scenas contemporaneas todos os termos que sem serem obscenos sejam populares, sempre que se lhes dê cabida em dialogos facetos que figurem passar-se entre pessoas, e em localidades que estejam em harmonia com esses termos de que a gente se serve habitualmente. Ora, no romance a *Vida em Lisboa* não se encontram d'essas palavras, que á similhança de *cavaqueação* não podem dizer-se portuguezas, (mas que por ahi se ouvem introduzidas nas conversações familiares) senão em dialogos de rapazes; e não se passam senão no *Marrare*, na *Floresta Egypcia*, n'uma ceia com dançarinas, n'um almoço entre dois amigos. São, por via de regra, situações estas em que a eloquencia não costuma elevar-se ás pompas de um estylo quasi lyrico!

Todos sabem que os termos adoptados, são em muitos casos insufficientes para representar fielmente uma idéa. O auctor das *Viagens na minha terra* sentiu por vezes esta difficuldade, sendo o primeiro n'este paiz a mostrar que todas as coisas se dizem melhor quando se dizem naturalmente, e melhor se fazem comprehender quando são expressas por palavras de que todos usam e que ninguem desconhece. Tinha o auctor d'esse livro auctoridade para crear novos termos, e eu não; bem o sei; porém o que não será facil demonstrar é que *cavaqueação* seja menos portuguez do que, por exemplo, *flanar*, *desapontado*, etc.

Quando uma palavra faz sentir bem uma idéa, nunca é inutil admittil-a. Se não a temos, adoptemol-a.

Para os dialogos familiares ha um estylo proprio, que é o estylo da conversação despretenciosa. Não somos como os francezes, que falam e escrevem da mesma maneira; antes escrevemos de muito differente modo do que falamos: nasce d'aqui que para o dialogo no *Marrare* ter feição e côr é preciso ser escripto no estylo em que alli se conversa, aliás pa-

recerá ao leitor estar ouvindo deputados no parlamento, e não rapazes n'um botequim.

Fazer que o romance contemporaneo seja dialogado no estylo em que na vida se conversa, foi a idéa do auctor; idéa talvez boa, e que, se um nome mais auctorisado a sanccionasse, em vez de accusada como um erro, seria por ventura reconhecida como um serviço.

Reprehenderam o auctor de nem sempre no seu livro haver sido *moral;* todavia ponderem que curioso romance de costumes seria aquelle que só emprehendesse o quadro das virtudes de um povo! O maior triumpho que esta obra poderá alcançar é o de conseguir que os leitores, espiritos diversos ainda que reunidos por sentimentos communs e idéas geraes, reconheçam no romance alguma coisa de si proprios, e o acceitem como interprete das verdades cujo germen existe em cada um!

A que o auctor aspirou, e o que deseja ter conseguido, é que o leitor reconheça verdadeira a idéa e propria a côr — e para alcançar este resultado evitou quanto poude o falso e o impossivel, porque acredita que só pela verdade da narração é que um livro consegue viver, e tem observado que os escriptores que não gostam dos meios simples são quasi sempre talentos estereis!

Não quiz nunca perder de vista que não era um romance apenas, mas uma phisiologia tambem, esta obra que escrevi: deve-se a isto não poderem certos leitores, que tudo querem que se lhes diga, encontrar o desfecho da acção á medida das condições que o uso prescreve a este genero de obras: gostam elles muito de assistir ao funeral dos personagens que mais interesse lhes despertaram na leitura do livro, e apenas descança a romantica curiosidade do seu espirito, quando chegam ao ponto de os vêr metter na cova e deitar-se-lhe terra em cima! Mas se não fiz morrer o heroe do meu livro por um duello ou por um suicidio, o que seria de grande effeito n'um romance, é porque preferi apresental-o, no momento de abandonar Lisboa, perdido e sem recursos, e indo tentar fortuna ao Brazil, sujeitando-se a uma existencia nova; e se isto não é tão bom como romance, é muito melhor como phisiologia.

Em quanto á linguagem, tomei os conselhos da critica amigavel, e estou persuadido que n'este segundo volume se ha de achar mais propriedade de estylo, mais correcção e mais d'aquelle sabor portuguez que se encontra em Bernardes e Vieira, cujas obras procurei lêr e estudei attentamente.

Li tambem muito as *Viagens na minha terra*, ou antes as *li pouco, porque* sempre se tem lido poucas vezes similhante

livro por mais vezes que se leia! E se ha obra que devesse servir-me de modelo para o estylo do meu romance, é esta do sr. Garrett, e eu logo o senti: mas os que entendem de letras é que sabem quanto é difficil o estylo a que chamam natural, e que trabalho dá escrever as coisas de modo que pareçam estar acudindo aos bicos da penna e não haverem soffrido a mais leve correcção. Foi essa a difficuldade maior que encontrei, porque desejei primeiro que tudo ser natural e claro. Não o consegui n'esta obra? Procurarei conseguil-o n'outra. A critica foi tão indulgente, que me encheu d'animo, tanto mais que sou de opinião que o primeiro livro de um escriptor só é de todo máu, quando a essa obra má não succede outra soffrivel, que deixe esperar que o seu talento produza obra boa. E porque não ha de a esta, seguir-se outra?

Lisboa 30 de abril, 1858.

O Auctor.



INDICE

DOS

CAPITULOS DO SEGUNDO VOLUME


UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 03059 6806

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

HISTORIA DA CIVILISAÇÃO IBERICA, 4.ª ed. (1897), 1 ...
HISTORIA DE PORTUGAL, 6.ª ed. (1901), 2 vol., br. 1$... 700 rs. Enc. 90...
O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS, 4.ª ed. (188... rs. Enc. 1$800.
PORTUGAL CONTEMPORANEO, 3.ª ed. (1895), 2 vol., ... vol., br 700 rs. Enc. 9...
PORTUGAL NOS MARES, (1889), 1 vol., br. 700 rs. En... 000 rs. Enc. 2$400.
CAMÕES, OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORT... (1891), 1 vol., br ... rs Enc. 800.
NAVEGACIONES Y DESCUBRIMIENTOS DE LOS PORTU... (ed. do Ateneo de Madrid, 1892), 1 vol. (não entrou no commercio.)
A VIDA DE NUN'ALVARES, 2.ª ed. (1894), 1 vol., ... 600 rs. Cart. 2$400. Enc. (folhas doiradas) 3$200.
OS FILHOS DE D. JOÃO I, 2.ª ed., 2 vol., br. 1$400 ...
O PRINCIPE PERFEITO, (1895) 1 vol., br. 2$000 rs. ...c. 1$800 rs. ...d., folhas doiradas. 3$200

II. Historia geral:

ELEMENTO... DE ANTHROPOLOGIA, 4.ª ed. (1895), 1 v... A CIVILISAÇÃO PRIMITIVA. ...r. 700 rs. Enc. 800.
AS RAÇAS HUMANAS ..., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs
SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 2.ª ed. (1895) 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1$000.
QUADRO DAS INSTITUIÇÕES PRIMITIVAS, 2.ª ed. (1893) 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
O REGIME DAS RIQUEZAS, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
HISTORIA DA REPUBLICA ROMANA, 2.ª ed., 1897, 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
O HELLENISMO E A CIVILISAÇÃO CHRISTÃ, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
TABOAS DE CHRONOLOGIA E GEOGRAPHIA HISTORICA, (1884), 1 vol., br. 1$000 rs. Encadernado 1$200.

III. Varia:

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
A REORGANISAÇÃO DO BANCO DE PORTUGAL, *opusculo*, (1877) br. 150 rs.
O ARTIGO «BANCO» no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877), 1 vol., br. ...
POLITICA E ECONOMIA NACIONAL, (1885), 1 vol., br. 700 rs.
PROJECTO DE LEI DE FOMENTO RURAL, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol., br. 300 rs.
ELOGIO HISTORICO DE ANSELMO J. BRAAMCAMP, *ed. part.* (1886), 1 vol. esgotado.
THEOPHILO BRAGA E O CANCIONEIRO, *opusculo*, (1869) esgotado.
O SOCIALISMO, (1872-3), 2 vol., br. 1$200. (Esgotado)
AS ELEIÇÕES, *opusculo*, (1878), br. 200 rs.
CARTEIRA DE UM JORNALISTA: I. *Portugal em Africa*, (1891), 1 vol., br. 400 rs.
INGLATERRA DE HOJE, CARTAS DE UM VIAJANTE, 2.ª ed., (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
CARTAS PENINSULARES, (1895), 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs

Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria Editora

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA